

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTE DRAMÁTICA**

A criação de vínculos tecendo fragmentos para uma dramaturgia com mulheres

Raysa Lemos dos Santos

Porto Alegre, dezembro de 2017

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTE DRAMÁTICA**

A criação de vínculos tecendo fragmentos para uma dramaturgia com mulheres

Raysa Lemos dos Santos

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade Federal do
Rio Grande do Sul para obtenção do
título de Licenciatura em Teatro, sob
orientação do Prof. Dr. Mesac Roberto
Silveira Jr.

Porto Alegre, dezembro de 2017

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente meus pais Ana e Jorge por terem me permitido a liberdade de pensar e ter opiniões diferentes da deles, por me ensinarem a ter um olhar crítico sobre o mundo e terem batalhado para me dar acesso à educação, a cultura e hoje chegar até aqui e poder reconhecer os meus privilégios diferentes aos que eles não tiveram. Por me dar amor e toda a força que alimenta meus desejos, meus caminhos e sonhos. Amo muito vocês!

Agradeço minha irmã e meus irmãos: Talita, Tiago e Lucas primeiro por sermos tão diferentes e podermos ainda assim aprendermos tanto juntos, por todos os momentos de construção e desconstrução de ideias, conversas, conflitos, que fazem parte de todos os anos de convivência, obrigada pelo carinho, cuidado e amor. Eu sempre serei a caçulinha de vocês! Amo-os muito família!

Ao meu querido orientador, obrigada por todas as desorientações e inspirações que geraram boas papeadas, risadas e tesão pela a escritura. Que me fizeram enxergar o quanto foi bom esses momentos vividos até aqui. Que a vida nos permita mais encontros que alimentam as ideias, a amizade e o teatro. Que vão além da academia e seguem para vida!

As mulheres que aqui se fizeram presente em vozes, em corpo e deram sentido a toda essa escritura, agradeço toda convivência, os vínculos criados, os encontros de idas e vindas, as conversas corridas, os sorrisos sinceros e as histórias divididas, que vocês possam cada vez mais contagiar o olhar sensível de quem as conhece, por toda a amizade que tivemos e temos, espero que mais vezes possamos nos reencontrar, vocês também fazem parte da minha história!

À minha amiga Carol que percorreu e viveu essa caminhada junto comigo, dividindo momentos, compartilhando a sua forma de pensar. Que sigamos aprendendo juntas, questionando, defendendo aquilo que acreditamos, não importa onde estivermos. E muito mais momentos regados de companheirismo, carinho, risadas, que a gente possa estar sempre perambulando por aí, com a cabeça avoadada e o coração gigante. Te amo Carolzita!

À minha amiga Rê, que desde o início da minha experiência como professora na educação popular esteve junto comigo, nutrindo nossa amizade e hoje sendo uma hermanita para mim, agradeço todas as descobertas e contribuições para as minhas reflexões diárias, obrigada por sermos tão parecidas e ao mesmo tempo tão diferentes, que nos possibilitou aprender tanto juntas, compartilhando a vida, com muito amor, companheirismo e cumplicidad. Te amo chica!

Ao meu querido companheiro Jaime, por acreditar em mim, mesmo quando eu não consigo acreditar, por compreender quem eu sou e me incentivar a buscar o que é importante para mim. Obrigada por estar do meu lado, junto comigo se fazendo presente em todos os momentos significativos que eu vivi até aqui, me dando força e amor. Obrigada por compartilhar a vida comigo! Te quero, te amo!

Aos meus queridos colegas que estiveram comigo durante esse período de Graduação, entre uma disciplina e outra, entre estágios e peças, muito obrigada pela vivência e toda experiência adquirida até aqui. Valeu cada momento, cada encontro, cada dificuldade e cada alegria vivenciada!

EVOÉ!

SUMÁRIO

1. Apresentação.....	4
2. CAPÍTULO I: “ANTES”	8
2.1. O nascimento da escita.....	8
2.2. Metamorfose.....	9
3. CAPÍTULO II: “DURANTE”	11
3.1. Primeiro dia de trabalho - Programa PIM PIA.....	11
3.2. As primeiras impressões andando sozinha pela Vila Pinto.....	14
3.3. As mudanças e percepções novas do programa.....	17
3.4. Olhar e conhecer as pessoas como são e não pelo que fazem.....	20
3.5. Cena: A ida - Festa do Bernardo.....	24
3.6. Cena: A chegada - O tempo diferente do mesmo lugar.....	28
3.7. Cena: A volta para casa.....	32
3.8. Mulheres e as diferentes convivências e histórias.....	33
3.9. Lugares desconhecidos.....	38
3.10. Contraste.....	42
3.11. A insistência e paciência meio a vozes de outras mulheres.....	44
3.12. A ideia dos encontros teatrais com mulheres.....	48
3.13. Primeiro dia de encontro.....	52
4. CAPÍTULO III: “RUPTURA”	54
4.1. A saída do PIM.....	54
4.3. Despedida.....	56
5. CAPÍTULO IV: “RETORNO”	59
5.1. De volta à Vila Pinto.....	59
6. Referências Bibliográficas.....	69

*Esta noite serena e eu preciso caminhar e desanuviar
minha mente deste poema sobre o por que eu não posso
sair sem trocar minhas roupas meus sapatos
minha postura corporal minha identidade de gênero minha idade
minha condição de mulher sozinha na noite/
sozinha nas ruas/ sozinha não é a questão/
a questão é eu não poder fazer o que eu quero
com o meu próprio corpo porque sou do sexo errado da idade errada e da pele errada e
imagine se não fosse aqui na cidade, mas na praia/
ou no meio da floresta e eu quisesse sair
sozinha pensando em Deus/ ou pensando
nas crianças ou pensando no mundo/ tudo isso
desvelado pelas estrelas e pelo silêncio:
eu não poderia sair e não poderia pensar e não poderia
ficar lá
sozinha
como eu preciso estar
sozinha porque eu não posso fazer o que eu quero com meu próprio
corpo e
quem diabos determinou as coisas
desse jeito
Angela Davis*

Apresentação

Escrevo sobre mulheres para aprender com suas histórias, seus saberes, seus dizeres, seus afetos, seus medos, seus olhares sobre o mundo e suas realidades. Escrevo porque foram elas que eu encontrei durante esse caminho. Escrevo para questionar as violências cotidianas que nos aprisionam, indizíveis, injustificáveis, muitas vezes escondidas no fundo de cada uma de nós, as marcas, as dores e as memórias que carregam diversas realidades que as mulheres se encontram, seja no passado ou no presente de agora. Escrevo para reconhecer meus privilégios, para tentar me despir de preconceitos que são enraizados e naturalizados em nossa sociedade. Escrevo para alimentar a alma e transformar tudo que vivenciei e aprendi em resistência, reconhecendo a luta e força de nós mulheres, e apesar das diferenças que inúmeras vezes nos separam, ainda assim é possível buscar em um lugar paralelo as possibilidades existentes nos encontros, quase invisíveis, essas possibilidades se costuram, é a linha que borda o sentido e que fortalece, são pequenos gestos, palavras que contam histórias e colaboram com a criação de vínculos, um sorriso apenas, um convite para o retorno, o abraço, a mensagem de “lembrei de você.”, tudo isso que apesar de parecer banal talvez na visão de outros olhos, a mim não parece superficial, é profundo e reforça o sentido de querer escrever histórias contadas por vozes de mulheres.

As anotações que aparecerão aqui, vão além das histórias contadas por mim. Em meio a diferentes realidades que me rodeiam e que eu vivenciei, reflito sobre os vínculos criados com mulheres que conheci, que contaminaram o meu olhar para o sensível, para as minúcias cotidianas que conforme iam se tecendo convivências e encontros, esses se tornam vínculos potencialmente reflexíveis.

Ao ter convivência com moradoras da Vila Pinto percebo o quanto não nos atentamos para o que está fora das instituições, para o que está fora da mecanização do tempo, que condiciona pessoas, famílias, lugares, e as próprias instituições. Percebo o quanto deixamos de olhar para o mínimo, para o pequeno, o que praticamente passa despercebido, ou como eu muitas vezes permiti e me deixei acostumar com o não visto, fingindo que elas ou eles não existem, a partir de reflexões, pude ver quem essas mulheres são que vão muito além do que elas fazem.

Essa experiência que não só gera a reflexão, mas também traz uma consciência do meu lugar de professora, que tenta criar os vínculos com os alunos e alunas e não consegue, que tenta trazer o envolvimento efetivo/afetivo deles para o universo do teatro, mas esquece das diferentes formas de aprendizado e entendimento do que é o teatro. Olhar para as dificuldades e as impossibilidades é que me fazem pensar de que maneira o teatro e as artes chegam até as pessoas que trabalham com educação e os estudantes. Como esses conteúdos são vistos dentro da escola? Como somos percebidos ali dentro da sala de aula no papel de professora e professor? Por que aquele tempo e espaço das instituições algumas vezes não favorecem a criação de vínculos? Por isso, busco me atentar para fora desse espaço, busco achar os espaços nas brechas deixadas pelas instituições na tentativa de achar algum sentido no que muitas vezes não é legitimado ou considerado, no intuito que talvez esses espaços de fora, as brechas possam contaminar esses lugares, e principalmente a sala de aula, esse que deveria ser de encontros, vínculos, afetividade e compartilhamento, ainda mais quando ensinamos teatro, quando tentamos incentivar o conhecimento de si e do outro através do corpo, quando mudamos a configuração padronizada das classes e cadeiras no espaço da sala, quando mexemos os nossos corpos, quando libertamos as nossas expressões, mas a verdade é que a arte e o teatro estão muito distantes da realidade, assim como algumas lutas que não chegam até determinadas camadas da sociedade e regiões.

Entendi que para nos colocarmos em determinados lugares é necessário despir de alguns privilégios ainda que seja momentâneo e não seja possível abandoná-los totalmente, mas é necessário estar ali, naquele lugar e reconhecermos também os outros como seres que potencialmente aprendem e compartilham saberes.

Por isso, quero olhar para as minúcias, para o que parece superficial, para o que costumeiramente não é visto, pois assim posso repensar o meu lugar de mulher, artista, futura professora, branca, heterossexual, classe média e privilegiada. Ao ter o interesse de aprender mais sobre os outros, mais sobre as lutas que não são minhas, mais sobre aquilo que não está contido na minha realidade, potencialmente essas histórias me levam também querer lutar para que as diferenças cada vez mais apareçam e não sejam excluídas.

Há quem consiga romper com as barreiras institucionais e propõe fugir dos determinados padrões, eu acredito que esses rompimentos são possíveis de existir, apesar de toda a mecanização do tempo e burocracias, que muitas vezes geram antes as dificuldades em vez de nos mostrar possibilidades, mas acredito que através dos vínculos, da simplicidade da

convivência, se produz saberes, que ressaltam as diferenças e nos obrigam lidar com elas, em vez de excluí-las. Talvez assim, se nos atentarmos para esses saberes, os debates de hoje possam ocupar outros lugares, possam ter vozes que nos represente de verdade e ter acesso a outra compreensão de coletivo, o coletivo que agregue as diferenças, as outras realidades.

Já com relação ao teatro eu pensava que ele acontecia apenas em determinados espaços, eu acreditava quase numa maneira reprodutora de fazê-lo, com exercícios, jogos, encenações sejam eles da realidade ou não, mas conforme fui investigando, lidando com as frustrações do que não dava certo, pude me dar conta que ele também pode estar em outros espaços, que ele também pode ser visto de uma outra forma. Percebi que ele pode estar na imerso no cotidiano rotineiro, que ele também pode estar contido nos acontecimentos ao acaso, o teatro é o encontro, é uma eterna investigação de si e do outro, e é completamente humano. São corpos em ação, é imitar a realidade, é transformar a realidade, é mergulhar no que eu sou, no que o outro é, são também as vozes que aqui soam e se somam, e tecem, costuradas entre si, borbulham e tornam-se histórias...

O teatro nasce quando o ser humano descobre que pode observar-se a si mesmo: ver-se em ação. Descobre que pode ver-se no ato de ver - ver-se em situação.

Augusto Boal

Assim estou, em constante ação de observar o outro e a mim mesma, me ver no ato de ver.

O autoconhecimento assim adquirido permite-lhe ser sujeito (aquele que observa) de um outro sujeito (aquele que age); permite-lhe imaginar variantes ao seu agir, estudar alternativas. O ser humano pode ver-se no ato de ver, de agir, de sentir, de pensar. Ele pode se sentir sentindo...

Augusto Boal

E o teatro então não é uma ação cotidiana captada por um olhar? Nós olhamos a fundo para as nossas realidades, sejam elas representadas, ou não.

CAPITULO I: “ANTES”

O Nascimento da escrita

Ventana sobre la palabra

Magda recorta palabras de los diarios, palabras de todos los tamaños, y guarda en cajas. En cajas rojas guarda las palabras furiosas. En caja verde, las palabras amantes. En caja azul, las neutrales. En caja amarilla, las tristes. Y en caja transparente guarda las palabras que tienen magia. A veces, ella abre las cajas y las pone boca abajo sobre la mesa, para que las palabras se mezclen como quieran. Entonces, las palabras le cuentan lo que ocurre y le anuncian lo que ocurrirá.

Eduardo Galeano

É sexta-feira, gritos de boemia, risadas, pessoas que vem e vão, vozes, músicas cantadas, motores de carros, pingos de chuva e relampejos, rua, o vento que faz a porta ranger, bater e incomodar. É com esses sons que me desafio a escrever. É doloroso começar, a cabeça borbulha ideias mescladas ao barulho, penso que deve ser assim que a coisa (escritura) acontece, ela nasce da gente, ela nos encontra em algum momento.

Sinto o desejo de escrever no papel, recorro ao meu diário, com alguns momentos já escritos. Bem, está tudo aqui, um pouco na minha cabeça, outro pouco no meu diário, livros, anotações perdidas, mensagens, vozes, áudios e vídeos, mas o que carrega e une tudo isso são as memórias que lembram os cheiros, os sons, os pensamentos e as vontades do que foi vivenciado. Aqui, terei minhas mãos como ferramenta para esse ato de costurar, tecer, escrever...

Diário:

Penso incansavelmente, está tudo aqui bagunçado dentro de mim, aos poucos trovoa na minha cabeça as lembranças do ontem distante, longe, o começo. Logo, o aqui também se faz presente e esse ontem vai sussurrando aos pouquinhos no meu ouvindo, os resquícios que insistem em ficar latejando como um emaranhado de fios, vozes que se entrelaçam nas minhas memórias, aqui e agora as marcas dos diferentes “eus”. Acho que gente deixa de ser o que faz e torna o que se é quando a convivência cotidiana nos toca, nos transforma, e nos torna constantes e em movimento. A memória do afeto, o convite, o choro de despedida, as risadas, os desafios e cansaços são registros, são resistências de corpos, que insistem em permanecer fortes, intactos, incontamináveis, é o que não cabe muitas vezes dentro do concretado, do que já está endurecido, formatado. O sim para a escuta do outro, o desejo de uma criança, os vínculos, o cuidado, as histórias, os medos, a sensibilidade ao olhar para as possibilidades que há nas diferentes realidades, no que está fora, no que está a margem, são as vozes de mulheres, tecendo feito retalhos, feito chitas com as suas distintas cores, formas, flores, que compartilham e percorrem caminhos do dia a dia regando a desconstrução de si e a construção de vínculos, costurando umas às outras naquele tempo e espaço, que não esperam acontecer, não existe tempo certo para acontecer, simplesmente acontecem.

Metamorfose

Tomo um gole de chimarrão, em meio a conversas aleatórias sobre política e futebol no antigo apartamento onde morei três anos em Caxias, busco fotos antigas, memórias via facebook que estão escondidas até hoje para que os outros não vejam. Me questiono em pensamentos. **Raysa:** “*Continuo sendo uma pessoa fechada, eu não mudei muito ou mudei? Antes eu escrevia e postava mais sobre o que eu pensava, hoje não, talvez eu tenha diferentes jeitos de me fechar, resguardar.*” Escrever também é voltar para si, olhar por dentro, refletir, visitar lugares diferentes. Às vezes outra Raysa antiga se conecta com a Raysa presente em plena metamorfose do meu eu, e assim, as memórias de ontem, misturam com hoje, e o que eu vejo agora, me faz pensar de como eu pensava antigamente, tomando consciência dos processos de transformações pessoais.

Ao meu lado está sentada minha mãe, sinto que quando estou lá ela se coloca sempre muito próxima de mim, às vezes penso nisso como uma maneira de nos guardar ali, assim também como meu pai. Sinto como se nos movêssemos juntos pela a casa para não desperdiçar o precioso tempo de estarmos juntos. Às vezes na hora de ir embora aquele apertinho no peito fica, uma saudade cutuca na hora de dar tchau, ainda que a gente se veja sempre logo, sempre daqui a um mês, uma semana. É um pouco sim a saudade daquele cotidiano, do dia a dia, do estar junto, e a gente sabe, as nossas vidas não são mais as mesmas. Todas as vezes que volto, lembro do dia que saí. E ao voltar, mergulho em histórias e o meu eu que fizeram parte daquele tempo, a menina cheia de contradições com medo do mundo e ao mesmo tempo com vontade louca de me jogar nele, acho que desde lá, já existia resquícios do eu de hoje, e em meio disso, várias transformações, questionamentos e maneiras de pensar que no agora fazem sentido.

Encontro uma postagem do facebook antiga, escrita em dezembro de 2013, talvez hoje, eu esteja mais silenciosa, resguardando algumas ideias mais para mim, ou falando pessoalmente, já não vejo tanto a importância de demonstrar através das redes sociais mundo de reflexões e pensamentos.

Facebook:

Reflexões do dia: Estou cansada de viver numa sociedade hipócrita, pois quando chega o final do ano, tudo é lindo e maravilhoso. Estou cansada de quererem me mostrar e definirem o tempo inteiro o que é certo ou errado. Estou cansada de ter cuidado com o que falar pelo o que os outros vão pensar, estou cansada de ser a pessoa compreensiva, estou cansada de rótulos e títulos, estou cansada de andar na minha cidade e me sentir condicionada o tempo todo, porque os espaços das ruas são restritos para as pessoas e livres para os carros, estou cansada de ouvir grosserias machistas e ter que aguentar calada. Estou cansada entrar em lugares onde o que importa são as roupas e aparência das pessoas, mais do que elas mesmas, e também estou cansada de quem reproduz esse tipo de coisa. É tão difícil enxergar que o mundo de hoje é complexo demais que não cabe definições? Que pessoas não produtos ou mercadorias para serem rotuladas? Não quero viver eternamente

condicionada aos outros, não quero sempre ter que caminhar numa linha reta. Por isso neste ano que se aproxima, não quero grandes coisas. Desejo aprender muito mais que aprendi, desejo um monte de experiências novas e melhores as quais eu tive nesse ano e pessoas que me façam refletir, que me despertem para questionamentos e trocas de opiniões. Desejo que a vida me proporcione errar de todas as formas possíveis e que isso me faça aprender da forma que não aprenderia se me mantivesse na mesmice de sempre. Que cada dia mais eu possa contestar o que eu acho errado, que cada dia mais eu possa ficar menos de boca fechada para tudo o que eu vejo, leio e escuto. Que cada dia mais eu me importe menos com a opinião de quem não me acrescenta nada. Que cada dia mais eu não me encaixe nesse formato de mundo perfeito. Afinal de contas já nascemos berrando, chorando, nos expressando, e não engolindo o choro de quem aguenta tudo calado!

As memórias daquele tempo, lugar e espaço são interrompidas. **Mãe:** “Qual desses te agrada mais?” Pergunta a minha mãe apontando para os diferentes pedaços que compõem a capa do livro que está apoiada no braço do sofá. **Raysa:** “Ah, não sei são tantos, gosto dos mais simples e menos chamativos.” **Raysa:** “Não gosto mesmo de chamar atenção, por isso sou mais na minha...” Ela aponta para o que mostra diversas formas coloridas e diz: **Mãe:** “Prefiro esse que têm várias cores, formas.” É em meio disso, que se mostram as nossas diferenças, nossos gostos, como se eu fosse uma chita ali estampada na capa daquele livro e ela a outra. O tecer das vozes das mulheres que aqui se encontram, também são como a capa de chitas daquele livro. As diferentes mulheres que percorrem esse caminho de metamorfose ao qual eu ainda me encontro serão tecidas, bordadas como retalhos de vozes que se cruzam, criam vínculos e convivialidades.¹

¹ A noção de convivialidade é desenvolvida de uma maneira mais ampla pelo autor André Rosa.

CAPITULO II: “DURANTE”

“A vida é a arte do encontro, embora haja tantos desencontros pela a vida”

Vinicius de Moraes

Primeiro dia de trabalho – Programa PIM PIA²

Num sonho qualquer em meio ao perambular de imagens incertas se ouvia um som ao fundo, quase como um conta gotas, ele era o ritmo que estava determinado em definir o tempo, como uma trilha sonora que contempla uma cena, tomando a imagem para si, sendo ele o próprio sonho, aproximava-se, quase tentando me tocar, vinha num sufoco. Quando silenciava, um respiro, eu resistia com o meu cansaço e expressão de quem se forçava continuar a dormir, em pura oscilação, o som cada vez se tornava mais alto, já não sedia, já não dava lugar para o silêncio. Veio como um soco, eu me acordando com algo se mexendo tão desesperado como a minha respiração ofegante, tocando um barulho irritante ao lado da cama, mas ainda sem me mexer, minha cabeça diferente de meu corpo pronunciava repetidamente: **Raysa:** *“Não posso me atrasar, não posso me atrasar, não posso me atrasar...”* meus olhos piscam lentamente, como se o corpo ainda estivesse em profundo sono, não respondendo a velocidade dos pensamentos, meus problemas de ansiedade às vezes não transparecem o que está fora, até nos sonhos os pensamentos continuam, incomodam, cutucam. Estico a mão para desligar a coisa barulhenta, o despertador do celular, vejo que ainda está em tempo, não estava atrasada. Ufa!

Justo no final da semana, sexta-feira, esse era meu primeiro dia de trabalho na Bom Jesus, eu teria que ir até o centro, no prédio da Secretaria de Educação entregar um documento de aceite do estágio, estava tão entusiasmada que ainda antes de sair de casa já coloquei o crachá no pescoço. No caminho meus pensamentos desenhavam os atendimentos, vinha a minha imagem com crianças fazendo jogos teatrais, brincadeiras com fantoches, etc. Quando cheguei lá, sorridente informei para a recepcionista do prédio **Raysa:** *“Sou a nova estagiária do PIM.”* Ela apenas olhou para o crachá e olhou para mim, quase como um movimento repetitivo que deve fazer para muitas pessoas que trabalham ali e me informou: **Beatriz:** *“Pode subir, fica no 3º andar.”* Agradei, e aguardei cautelosamente observando as pessoas que iam se reunindo ali, formando fila para pegar o elevador.

Ao entrar no elevador, apesar dos poucos minutos ali dentro, me sinto um tanto incomodada, tenho impressão que as pessoas estão me observando e tento desviar o olhar para qualquer parte do elevador, só para não encarar o que eu penso sobre as pessoas estarem me observando. Quando saí do elevador, tinha uma sala com os dizeres “PIM-PIA”. Entrei. Passei pela primeira porta e logo encontrei uma sala com uma grande janela de vidro, algumas pessoas que estavam ali dentro mal me olharam, no espaço maior existiam vários núcleos de mesas que pareciam estar configuradas para reuniões, mas estavam vazias, eu me

² Programa Primeira Infância Melhor (PIM) é uma ação transversal de promoção do desenvolvimento integral na primeira infância. Desenvolve-se através de visitas domiciliares e comunitárias realizadas semanalmente a famílias em situação de risco e vulnerabilidade social, visando o fortalecimento de suas competências para educar e cuidar de suas crianças. (<http://www.pim.saude.rs.gov.br/v2/>)

recordava delas, quando tive que fazer a prova, eram apenas eu e mais duas pessoas, continua com a mesma sensação de vazio, achei um tanto estranho. Bati na porta da sala de vidro e entreguei o documento para uma mulher que também reconheci quando fui fazer a seleção do estágio que parecia estar bem atarefada com funções administrativas. P: “*E, entrega para ela os materiais.*” O menino que também parecia estagiário, meio sem vontade, me entregou uma camiseta, boné, protetor solar e colete, pediu que eu assinasse um formulário. Brinquei comigo mesma, olhando o monte de coisas que tinha recebido. **Raysa:** “*kit de salva-vidas?*” Em seguida apareceu uma senhora alta, forte, negra, com cabelos curtos que se mostrou feliz de ver alguém novo ali, estava sorridente e se apresentou como a minha assessora. **Marcela:** “*Vou ver o carro para nós, hoje tu vais conhecer a vila pinto e as tuas colegas.*” Sentei um pouco em uma das muitas cadeiras vazias que se encontravam na grande sala e lembrei que não tinha batido o ponto. Perguntei se era necessário e o mesmo menino que me atendeu anteriormente me auxiliou, indo comigo até o lugar e me mostrando como fazia, voltei para o meu lugarzinho na cadeira, percebi várias fotos e posters que me rodeavam e se espalhavam nas paredes do local. Naquele momento compreendi que ainda não era a estagiária Raysa, que ainda não fazia parte daquilo, pois a atenção que me deram era como se eu soubesse exatamente como funcionava, o que eu tinha que fazer e como reagir. Eu cutucava uma mão a outra, me controlando para não roer as unhas, com um nervosismo intenso, sem muita paciência para esperar. Logo, apareceu a minha assessora de novo. **Marcela:** “*Tu recebeu a camiseta e o colete?*” Indico com a cabeça que sim, ela continua: “*Então troca de roupa porque daqui a pouco o carro está aqui para nos buscar.*” Respondi de forma simples e com um singelo “*Tá*” ainda sem entender direito o que iria acontecer.

Era um calor insuportável de dezembro, eu usava uma camiseta preta tamanho G que quase vinha até o meu joelho, resolvi colocar o colete também, não sabia se era para vestir ou não, mas já que a minha assessora usava, não quis que me chamasse atenção, vesti por cima da camiseta, mesmo sentindo o meu corpo transpirar, suando naquela roupa.

Quando o carro chegou, estava uma outra assessora Rosana, a Marcela me apresentou ao motorista e no caminho foi me falando das características da Vila Pinto na Bom Jesus, que se tratava de atender famílias em situações de vulnerabilidade social, atendimento domiciliar com as crianças, semanalmente, etc. Fui conversando tranquilamente com ela, me sentindo um tanto experiente em trabalhar com pessoas em vulnerabilidade social, contei as minhas experiências no cursinho popular, fiz a propaganda de ser participativa e engajada para trabalhos como aquele.

Enquanto isso, a Rosana que vinha sentada no banco da frente do carro, comentava sobre as notícias de violência e a situação grave de uma criança que morreu em uma das comunidades atendida pelo PIM, por causa de uma doença transmitida por cachorros. A partir daí a Marcela começou a falar da situação da Vila Pinto e quantidade de cachorros que existiam lá, o contato que tinham com as pessoas e as questões de sarnas e pulgas, explicando como se a situação que as pessoas vivem lá no meio dos cachorros fosse de maneira insalubre, apesar de achar que eu era bem ciente da realidade, senti que naquele momento era para eu estar preparada.

O motorista fez uma pequena pausa no caminho e quando chegamos na vila, pude observar de uma maneira rápida o lugar, não me pareceu tão chocante quando chegamos no

CEJAK³, ao lado reparei que existia um galpão com pessoas que trabalhavam reciclando o lixo, é mais conhecido como Centro de Triagem. Reparei nos cachorros e realmente havia muitos por ali no pátio e próximo a uma quadra de esportes, alguns se coçavam, se cheiravam, uns velhinhos e outros filhotes, era incontável a quantidade. Entramos no prédio e logo a esquerda tinha um refeitório, a Marcela, logo apontou para duas meninas sentadas em uma mesa próxima a janela. A minha assessora se referia a elas como “minhas filhas” achei carinhoso e entendi que ela parecia ser uma mãezona mesmo para os estagiários. Uma das meninas preenchia vários papéis, ao mesmo tempo que dialogava com a outra contando situações de sua vida, cumprimentei-as, sentei ao lado delas e ali fiquei. Em seguida, fui avisada que iríamos na escola para eu ser apresentada, pois naquele momento era importante que me “reconhecessem” como estagiária do PIM. Aos poucos, as meninas de maneira um pouco atropelada iam me preparando para o “trabalho” **Marina:** *“Olha aqui não é fácil, tu vai encontrar muita situação chocante, mas depois tu te acostuma, às vezes aqui de chegada o cheiro é insuportável, como tu viu tem muitos cachorros aqui, então, cuida bem na hora que tu for caminhar, porque a gente sempre acaba pisando em algum cocô e também, alguns dias, os bueiros jorram água e alguns motoristas de carro não estão nem aí, além do mais, tu vai ver que tem coisas do Programa que nem sempre são boas, eles vão te cobrar bastante, também tem alguns casos de famílias e crianças em situações bem difíceis, com situação de moradia, limpeza, etc... Ah, também não te assusta, muitas das mães que a gente atende são envolvidas com o 4º setor, às vezes ela está atendendo a criança, ela vai te deixar sozinha com a criança porque precisa receber ‘alguma encomenda’, ou sei lá, falar com alguém, mas não te preocupa, é supernormal, só finge que não viu e continua o atendimento.”* Naquele momento fiquei me perguntando o que era o termo 4º setor⁴, se o que eu relacionava a isso era realmente o que estava pensando, ao mesmo tempo de maneira tranquila e apenas observando, ouvindo, meu pensamento se sucedeu com a maior prepotência dizendo em pensamentos. **Raysa:** *“Sério mesmo que essas meninas pensam que eu não sei dessas coisas? É certo que aqui vão aparecer o envolvimento com essas questões e que teremos que saber lidar com isso.”* Junto a isso, ao mesmo tempo que eu julgava a falta de orientação para realizar o trabalho em si, estava certa que saberia fazer tudo, que seria dedicada e cumpriria o meu trabalho de forma exemplar, com uma certa arrogância, continuei apenas ali, me mantendo corporalmente tranquila, como uma boa ouvinte novata. Em tese, gostaria que elas me ressaltassem mais os aspectos de como era o trabalho, não queria só saber das coisas que elas não gostavam na vila e nas famílias.

Fomos até a escola José Mariano Beck, fui apresentada como a nova visitadora do PIM, estudante de teatro que iria desenvolver um trabalho com as famílias e também com a questão cultural da Vila Pinto, pensar em atividades que saísse um pouco das casas e envolvesse a praça e outros lugares da região. Senti uma situação forçada, no sentido de ainda não compreender o que seria exatamente o trabalho, ao mesmo tempo que percebi que alguém das artes trabalhando ali era uma inovação, um diferencial. Aparentemente a diretora foi muito atenciosa, apesar de algumas professoras passarem por nós com olhos intrigados e

³ Centro Cultural James Kulisz: Associação desenvolve atividades e serviços nas áreas da educação, cultura, lazer, esporte, qualificação profissional, educação ambiental, assistência social, jurídica, psicológica e orientações a crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos, moradores da Vila Pinto e comunidades próximas.

⁴ Palavra utilizada para definir a economia informal, trabalho informal.

não muito receptíveis a nossa visita, ainda mais tratando-se de bater o ponto naquele espaço. Até então, naquele primeiro dia, não acompanhei nenhuma família e me senti até perdida e mesmo andando com o resto da ‘equipe’, ninguém me disse de que maneira exatamente seria o trabalho prático, como seriam as questões burocráticas e o que eu tinha de fato que fazer. Eu ainda tinha uma ideia bem desenhada e planejada na minha cabeça de jogos teatrais, brincadeiras que eu iria executar com as crianças que fossem mais para o lado artístico mesmo, afinal eu era a única pessoa que estudava uma área das artes ali, entre pessoas que trabalhavam com a saúde, mas ainda assim, essa direta não veio, me deixando nas suposições e próprias conclusões sobre o trabalho, entendi que deveria observar acompanhando o embalo dos atendimentos das colegas. A única coisa que eu sabia era que eu atenderia crianças em famílias com situações de risco e vulnerabilidade social, mas de que maneira e como eu relacionaria meus estudos ao trabalho, não sabia. Em seguida, fui informada que eu voltaria de carro, e já no outro dia, combinaria com as meninas para não subir a Vila sozinha, para conhecer o caminho e também para que os moradores me conhecessem.

De volta ao carro, o mesmo que nos trouxe, não tiveram muitas perguntas e nem diálogos, além de conversas aleatórias das duas assessoras, era eu e o motorista, calados. Inquieta e com calor, ainda me intrigava uma certa desorganização inicialmente visível que ficou, pensei. **Raysa:** “Terei que fazer por mim”, o sol do meio dia queimava parte de meu rosto que refletia pela a janela. Lembrei que ganhará um protetor solar do próprio pessoal do PIM, abri a bolsa e pensei em passar, já que não tinha lembrado antes, olhei para o rótulo e o frasco, parecia já ter sido usado por alguém, disfarçadamente busquei a validade de maneira minuciosa, tentando parecer que não estava procurando, por fim, não encontrei. Coloquei de volta na bolsa e pensei “terei que comprar um protetor solar novo, ok, é só o primeiro dia.

As primeiras impressões andando sozinha pela Vila Pinto

No primeiro dia de chegada a Vila Pinto sozinha, receosa, ainda não me sentia pertencente aquele lugar, me preocupava em estar identificada, pois ainda não me conheciam por rosto. De manhã bem cedo tudo é bem silencioso, apesar das pessoas que se deslocam para o seu trabalho, na subida da Vila existe um prédio enorme, que lembra um shopping, é o centro administrativo das lojas Renner, onde muitos das trabalhadoras e trabalhadores dali também pegam o ônibus comigo, vou me deslocando junto com eles. Todos na mesma direção, vamos subindo. Sinto uma energia de abandono pelas pessoas que por mim passam e logo ficam na entrada da Vila, elas não sobem como eu, é como se a partir dali elas não pudessem passar, afinal é uma “zona perigosa”, identifico assim como se essa fosse a visão dos outros. Em meio ao cuidado para que os carros não me molhem quando eu passo na calçada, pois ali se encontram bueiros que esvaíam águas, passo por rostos que pouco me olham, tento fixar o olhar, é necessário usar uma estratégia para atravessar as ruas e também ao mesmo tempo ao observar o lugar que aos poucos se torna conhecido, a cabeça se enche de atravessamentos ao observar os que ali vivem. Sigo, por um lado, quase como uma visão infantil, pareço brincar de me equilibrar entre o meio fio da calçada, cuidando com os desvios para não pisar numa poça d’água e já passada a parte da subida chego até o mercado, onde é mais movimentado, eu diria ser um ponto de referência. O movimento pela manhã é das

crianças que cruzam o meu caminho em direção a escola, vou no ritmo delas, devagar, tentando me acostumar com o horário cedo, ainda que eu me sinta tranquila, obedecendo o meu ritmo, busco com a visão periférica estar sempre atenta, navego em medos, confrontos pessoais, talvez inexistentes, cuido o crachá para estar visível e fico e ainda me sinto uma estranha ali, a desconhecida. Apesar de achar que desconstruí muito de mim, sou ainda vestida de preconceitos ao me coloco num lugar que não conheço de verdade, que não estou familiarizada. Ao chegar na escola, sorrio com o encantamento e os desvios que tenho que fazer das crianças que mesmo pela hora da manhã, já correm, já brincam naturalmente. As famílias ali também se encontram, mas do portão principal não passam. Bato o ponto, cumprimento poucos funcionários que eu vejo, mas muitos fazem uma expressão estranha, como se perguntassem: "quem é essa pessoa? Porque ela bate o ponto aqui? Será uma nova professora?" Ao sair, passo pelo o pátio, olho a estrutura como um todo e creio ter uma súbita visão minha como professora dentro de uma escola, penso o quanto gostaria que a escola que eu trabalhasse tivesse a mesma estrutura que essa, fico contente de ver que o espaço é bem grande e amplo. Ao sair pelo portão dos fundos, passo por uma senhora baixinha e sorridente com um colete azul, identifico como funcionária da escola, pois ela está varrendo o pátio próximo aonde os demais funcionários da escola estacionam seus carros, cumprimento com o eventual oi e tchau. Ela me cumprimenta, sempre com um ar de serenidade. Desço em direção ao CEJAK, olho para longe e não muito distante dali vejo a quantidade de prédios enormes, com suas vidraças refletidas o céu, penso na desigualdade tão grande e próxima, que até então não tinha percebido no primeiro dia, indo e vindo de carro a visão das coisas se mostram de maneiras diferentes, ali no Centro comunitário encontro minhas colegas, vou para o refeitório, onde as gurias me apresentam a Fátima, funcionaria da limpeza, ela também é sorridente. **Fátima:** "*Tu é nova no PIM?*" **Raysa:** "*Sim*", **Fátima:** "*Seja bem-vinda!*" E assim termina o nosso diálogo curto. As crianças se preparam para tomar café, logo as gurias já me avisam que não podemos comer ali, porque chama atenção das crianças e as professoras não gostam, vou me familiarizando com as regras do lugar, as professoras pedem que as crianças façam uma oração, me parece que uma delas é a escolhida, porém, as professoras gritam para manter o silêncio das crianças, mesmo assim não adianta, em meio a um burburinho se escuta a voz de um menino "papai do céu, muito obrigado, muito obrigado pela a nossa refeição, obrigada papai e mamãe, amém!" As crianças estão dispersas, algumas sentadas, outras um pouco de pé e mesmo no meio da refeição não param de conversar. As duas professoras chamam atenção pelo nome de uma criança ou outra, tiro como conclusão que aquilo deve se repetir com frequência. Penso que as crianças não vão deixar de conversar, rir, brincar, mesmo na hora de comer, na realidade muitas delas dificilmente possuem o hábito de comer na mesa com a família, ou até mesmo fazer as refeições em casa, muitas almoçam na escola ou ali no CEJAK, ainda assim, as professoras parecem não compreender a condição daquelas crianças, mesmo quem tem um hábito de sentar na mesa e fazer uma refeição, sempre tem uma interferência, seja por um afazer ou até mesmo a televisão. Percebo agora que eu mesma, depois que passei a morar longe de meus pais, também não possuo esse mesmo hábito, de sentar e comer quieta em uma mesa, então entendo aquilo como uma exigência muito complexa para as crianças e que não é gritando que elas vão compreender que não devem conversar, rir e brincar/brigar com o colega, elas

agem espontaneamente e mesmo que ouçam repetidamente, as mesmas atitudes não cessam e não mudam.

Próximo ao horário de almoço, sentamos eu e as meninas também no refeitório, onde é servido o almoço das crianças e depois o almoço dos adultos que trabalham do lado no centro de triagem, assim como eles, também os funcionários do CEJAK almoçam ali. Às vezes, eles esperam todo mundo sair, ficam por último. Nesse mesmo dia, estive observando as atitudes das professoras, funcionários, os mesmos que volta e meia repreendem as crianças por suas atitudes, falas, conversas, risadas e brincadeiras, quando estão entre eles almoçando fazem a mesma coisa, inclusive com gritos e risadas altas, penso: Com que moral querem ensinar as crianças a ficarem quietas no refeitório se nem mesmo eles conseguem?

Diário:

Hoje próximo a hora de ir embora, estávamos no refeitório, quando um menininho entrou gritando “A minha mãe...ajuda, ajuda!!!” Ficamos todos em alerta e sem saber o que realmente tinha acontecido, pensamos que alguém estava passando mal, algumas pessoas foram até a janela para tentar entender, do lado está o centro de reciclagem com um prédio que há pouco foi construído possuem uma cozinha e os vestiários. Estávamos todos perdidos, mas não queríamos atrapalhar, pela quantidade de pessoas que estavam se direcionando para o prédio ao lado. Os homens que jogavam futebol na quadra do lado também pararam para ir ajudar. Quando uma senhora retornou nos contou que uma bala perdida entrou pela janela da cozinha e acertou a perna de uma mulher que trabalha lá, dizia também que ela estava desesperada e que todo mundo tentava acalma-la enquanto esperava a SAMU. Ficamos apavorados, pois mesmo sabendo que essas coisas acontecem, é difícil acreditar quando é tão perto, quando é ali do lado, mas que inevitavelmente é necessário aprender a lidar, porque não temos como ter o controle disso. Decidimos ir embora, porque não sabíamos como ficaria a situação depois, como poderíamos ir para casa. Quando estávamos saindo encontramos algumas pessoas sentadas embaixo das árvores, nas cadeiras de ônibus, lugar onde todo mundo fica para descansar. Ouvíamos os comentários de “Bom Jesus já foi melhor para se viver, agora está horrível. Que horror! A gente não pode nem prever quando essas coisas acontecem. Ela estava desesperada, muito nervosa, mas não adianta, ela só pode tentar se acalmar.” Fiquei chocada e sem muita reação com o retorno tão rápido da normalidade, algumas poucas pessoas ainda estavam envolvidas com a mulher que tinha sido atingida na perna, mas a grande maioria retornou para as suas atividades, ainda que comentassem o ocorrido.

Percebi que de fato estou distante da realidade deles, apesar de trabalhar ali o meu privilégio, estranha, pois eu não convívio com esse tipo de situação e nem cheguei a presenciar algum momento parecido com esse, por isso talvez seja chocante para mim e normal para eles. Difícil é perceber que realmente algumas pessoas não tem opção de escolha, o meio em que vivem é o que foi dado a eles, foi empurrado, cabe a eles lidar com isso talvez dessa forma, agindo normalmente.

As mudanças e as percepções novas do programa

Passado um certo tempo, quando eu já podia acompanhar mais de perto as visitas das meninas e conhecer melhor as famílias, logo teríamos que deixar a Vila Pinto por um tempo, janeiro e fevereiro deveríamos ficar trabalhando na sede do PIM, fazendo formações para voltar em março, por um lado é bom e as próprias famílias nos aconselhavam. Lembro da fala de uma das mães que atendíamos no PIM. **Alexandra:** *“Chega o verão e ninguém fica aqui, é uma loucura, muita violência, não dá. Eu vou dar um jeito de ir para outro lugar, ficar longe e depois eu volto.”* Ela se refere a situação que vivem por causa das disputas que existem entre facções, nessa época é bem perigoso para as famílias e muitas preferem ficar longe, abandonar as suas casas a terem que aguentar tiroteios e bala perdida. É muito duro, elas parecem conviverem com isso diariamente que estão acostumadas com o abandono de suas casas, de irem e voltarem e ainda falam normalmente para nós. Agradeço internamente a preocupação que demonstram conosco, de sempre estar avisando quando algo desse tipo pode acontecer.

Chegada época do Natal fazíamos uma reunião de encerramento de final de ano com as famílias, dando singelas lembrancinhas para as crianças, trazendo lanches e levando brincadeiras para que não só as crianças interajam, mas também as mães. Falo mães, porque dificilmente os pais estão presentes, tanto nos atendimentos, quanto nesses encontros.

Ainda não conhecia todas muito bem, mas registramos fotos das famílias e fizemos porta retratos de lembranças, reforçando que logo em breve retornaríamos para a Vila Pinto e daríamos continuidade nos atendimentos. Naquele momento ainda estava assimilando as exigências do programa, entendendo as questões burocráticas e de que forma se dava os atendimentos, parecia um tanto perdida, ainda estava desconectada do meu trabalho, compreendendo com calma o sentido de estar ali. Porém, tentava absorver o máximo, perguntando e observando com atenção, afinal, não queria deixar passar nada sem aprender, queria cumprir e dar conta de todas as funções que eram necessárias para os atendimentos das famílias. Por isso, enchia a minha assessora de perguntas. **Raysa:** *“Como preenche o censo? Quantas famílias eu vou atender? Como atende gestante? Como funcionam os planejamentos? O que é relatório? Para quem eu encaminho os casos delicados das famílias? O que é rede e redinha? O que fazemos nos postos?”* E ela pedia que eu fosse com calma, pois logo eu faria uma ‘formação’ que sanariam todas as minhas dúvidas e me deixaria apta a fazer o meu trabalho com qualidade. Eu era rígida nesse sentido, queria sempre entender um pouco mais, porque achava um tanto difícil aprender estando longe dali, ou ouvindo palestras, distante da realidade, tinha medo de não saber como reagir numa situação difícil. Essas muitas dúvidas que seguiam na minha cabeça permaneceram assim, até porque meus pensamentos funcionam assim, eu acumulo muitas ideias, pensamentos, dúvidas, questionamentos e críticas na minha cabeça, autocríticas eu queria ser realmente necessária para aquelas famílias, mas também queria usar a arte, o teatro e não trabalhar só a questão da saúde, afinal, essa não era a minha área.

Quando saímos por um tempo da Vila e passamos a ter as formações, começaram a surgir as primeiras críticas ao programa, percebi que tínhamos que saber sobre tudo o que era relacionado a saúde, talvez fosse necessária uma formação acadêmica na área e percebi que pouco se falava nas artes, a participação dos setores da cultura nas formações era escassa e a

cobrança com os estagiários para cumprir com o que era burocrático, era alto. Aos poucos entendi que não podia questionar naquele momento, eu deveria esperar e observar, afinal eu não sabia como isso se dava na prática, ainda não tinha ido para prática de atender as famílias.

Muitas coisas mudaram e o que antes eu percebia engessado, ficou pior ainda, mas mesmo assim, quando comecei o contato com as minhas primeiras famílias, mesmo com um receio e medo no início, o contato e passadas as visitas semanais, percebia que algo pulsava ali, naqueles encontros, na convivência com as crianças e com as mães, no saber contido ao observar como uma criança aprende, entendi que apesar das demandas da saúde, promovíamos juntos a educação. As famílias e eu, que iam se tornando encontros além do programa, pois nos atendimentos o que acontecia era só entre eu e as famílias, o contato, eu queria ter o cuidado de entrar no espaço do outro, nas casas, não queria interferir nas relações das famílias, apesar de alguma maneira teria que fazer, era delicado e sensível.

Lembro que era uma segunda-feira, estávamos na sede do PIM, quando chegou uma visitadora nova, observei seu estilo alternativo, um tanto atrapalhada, cabeça na lua, me identificava com ela. Em meio a uma reunião, reconheci meus olhos, nos olhos perdidos dela de quem recém estava chegando. Quando fomos descer para comprar café, lembro dela distraída quando a porta do elevador quase fechou, chocando-se contra o seu braço, foi engraçado, mas fiquei preocupada pois não sabia se era o jeito dela desajeitada, ou se a culpa era realmente do elevador que mal funcionava. Ri internamente e mal sabia que ela, a partir daquele dia, se tornaria a minha amiga Carol, parceira de aprendizados, compartilhamentos, questionamentos, dúvidas e angústias nessa longa jornada no PIM.

Quando já tínhamos voltado para a Vila Pinto, éramos uma dupla, fazíamos os atendimentos juntas, compartilhávamos as ideias, conversávamos sobre as realidades que víamos e algumas situações que nos intrigavam, debatíamos sobre o aprendizado das crianças, constatando que na verdade pouco fazíamos pelas crianças e que elas por si só cresciam e aprendiam muito rápido, demonstrando desde ali, mesmo muito pequenas as suas personalidades e olhar atento para descobrir o mundo, que também nos acrescentava muita admiração por nos fazer enxergar o mundo delas, compreendendo as relações em família e tornando gratificante estar ali para escutar, também brincar e aprender.

Apesar de nos habituarmos rápido com a rotina de manhã cedo, ao contrário do que era estar presente na casa das famílias, conversando, convivendo, algumas situações que nos eram cobradas iam se tornando pesadas, como o preenchimento manual de muitos dados sobre as famílias, que pareciam vir antes dos atendimentos, isso carregava uma pequena desmotivação e um cansaço para o trabalho.

Quase como um ritual, eu geralmente acompanhava o ritmo das famílias que se dirigiam até a escola José Mariano Beck, algumas crianças maiores, adolescentes com ritmo mais lento, assim como eu, que algumas vezes andava com um sono arrastado que demonstrava um caminhar desapressado, sem muita vontade de chegar. As crianças seguiam seu caminho, obrigadas a estarem na entrada do portão principal para entrarem na escola, elas subiam a lomba que para mim achava necessário ter um pouco de fôlego e disposição, na maioria das vezes eu preferia entrar na escola pelo portão dos fundos, porque assim como as antigas visitadoras, utilizava aquele caminho como um atalho, principalmente em momentos de atrasos, pois era possível evitar o fluxo das crianças pequenas que na entrada esperavam,

algumas acompanhadas das mães, irmãs mais velhas e pais também, outras sozinhas aguardavam o sinal tocar, não para entrar correndo para as suas salas, mas muitas delas pelo desejo do espaço amplo do pátio que as permite brincar de pega a pega, reunir com os amiguinhos e também ir para o refeitório receber a merenda/lanche/almoço antes de começar a aula. Eventualmente encontrava o portão dos fundos fechado, então era obrigada também subir e ir pelo outro caminho, ali era a oportunidade de me atentar para essas crianças, e me agregar no amontoado delas tendo também o meu lugar de espera. Elas me olhavam e automaticamente me identificam como “sora”, mesmo sem me conhecer. Nem sempre esperava muito, mas podia reparar na forma como elas se debruçavam no portão de ferro, numa energia nada contida, como alguém que fizesse força para ultrapassar a barreira que ali existia. Reflito sobre grande parte dessas energias, sobretudo das crianças pequenas, para onde vão quando estão no espaço físico da sala de aula? Essa seria a vontade de aprender? Porque essas energias não mantêm por muito tempo durante o tempo que estão na escola? Parecia que na saída, o processo se repetia ao quererem ir embora, havia uma certa pressa e confusão tanto quanto era na entrada. Já os maiores, adolescentes reparava no pouco tempo que estavam na escola, já era muito. Não posso afirmar que são todos, mas muitos encontravam estratégias diferentes, algumas até perigosas de pular os muros com fendas de concretos altos, não importa quem estivesse vendo os, eles se determinam em não querer estar naquele espaço, “matar aula” é considerado normal quando se é adolescente, pois me identifico com eles quando também estava na escola, e assim é quando comparado aos meus alunos, como fazemos para convencê-los a ficar, quem deve fazer isso, nós educadores? De que maneira? Por que ao longo do percurso escolar perdemos essa energia que de início é quase voluntária, incontida de estar na escola?

Quando esse encontro com as crianças não acontecia, eu cruzava o caminho e sentia estar no ambiente dos funcionários, ao entrar pelo o mesmo lugar que eles e diferente dos professores, diretores e coordenadores pedagógicos que maioria chegavam ali, nunca a pé, mas de carro. Eu estava em outro plano, pois era possível me relacionar com todos esses grupos de pessoas que compõem o ambiente da escola, porém, naquele espaço, fundo da escola é o lugar onde existe uma maior proximidade com as funcionárias da limpeza e cozinha, antes assim, não nomeadas pois até então, não existia o vínculo, a afetuosidade, eu as via como as funcionárias da escola, ou a mãe, avó de alguma criança que a gente atendia no PIM.

De todas essas idas e vindas rotineiras, muitas automáticas, cumprindo com uma questão ética e educada de passar e ter o costume de cumprimentar, havia uma senhora, uma mulher negra que sempre me chamou atenção por suas marcas e expressões fortes no rosto que era possível identificar como uma pessoa durona. Foi assim que a vi diferente das demais mulheres que ali se encontravam que brevemente lançavam sorrisos e repetiam as perguntas que geravam os simples diálogos. **Tatiana:** “*Tu é moça que trabalha no PIM né?*” **Raysa:** “*sim*”, “*até depois*”, **Tatiana:** “*Até!*” Algumas vezes, com as obrigações e atrasos a Raysa fechada não permitia trocar mais palavras, talvez fosse esse determinado lugar de visitadora, que mecanicamente possui uma máscara que só em estar totalmente fardada de PIM me fazia incorporar um limite pré-estabelecido, um lugar meu e delas, nos espaços em comum, que não era dentro da casa das famílias, mesmo trabalhando e convivendo com diferentes pessoas.

Hoje também reflito sobre os meus atendimentos no início do programa, eu cumpria com tudo o que era solicitado e o que achava que deveria ser feito, seguia todos os protocolos da instituição, desde a roupa, até a organização dos atendimentos, como chegar na casa da família, como preencher censo, tudo estava contido ali naquele início, que eu poderia dizer que eu era outra Raysa, não que isso seja desmembrado, que tivesse atitudes diferentes em determinados lugares, porém alguns lugares exigiam ter que se colocar de uma outra forma, e o que sobressaia para as pessoas que eu encontrava no caminho, era o limite do trabalho, o papel de visitadora do PIM, camuflando as características pessoais, deixando-as mais invisíveis.

Conforme fui entendendo o programa, percebi que realmente alguns padrões a serem seguidos, não funcionavam, não eram efetivos e não condiziam com a realidade das famílias. Por esse motivo, fui moldando os atendimentos, nenhum era igual a outro, até porque a rotina das famílias e das crianças eram diferentes. Com isso, pude ir aos poucos me despidendo da visitadora séria, pois a convivência me proporcionava estar mais aberta as possibilidades de vínculos e compartilhamentos, acredito que isso também veio através da Carol, pois a forma dela se relacionar com as pessoas desde o início já era diferente de mim. Ela foi fundamental para essa tomada de consciência, pois para estarmos dentro das casas das pessoas, precisávamos muito de uma transparência, de uma abertura. Quando pude me abrir mais e refletir sobre as coisas que eu via, me senti mais inserida naquele contexto, fazendo parte do lugar, pude estar mais próxima ao que a Vila Pinto me proporcionava e também mais satisfeita com os atendimentos, mesmo com todos os questionamentos, pois junto as descobertas e proximidades vinham as vontades de atravessar barreiras tanto institucionais, quanto das convivências automáticas e enrijecidas, gerando mais reflexões e questionamentos e podendo criar os vínculos, eu diria que nesse momento comecei a estar mais próxima das famílias e mais distante das obrigações mecânicas de visitadora.

Olhar e conhecer as pessoas como são e não pelo que fazem

Pensar em educação, trabalhar com educação e me envolver com educação, me faz pensar como é complexo esse caminho, que eu acredito ser uma troca de via dupla, onde é possível ensinar e aprender. Tenho pensado nas diversas formas alternativas de educação e o quanto vários saberes surgem em espaços que não são visíveis. Pensando nas minhas experiências com o teatro, encontrei mais aberturas em espaços alternativos, não que a escola não seja lugar para o teatro, aliás, ela deve ser também. Porém, as oportunidades que tive e que se desenharam as minhas experiências foram com pessoas muito heterogêneas, talvez com isso eu tenha percebido mais as diferenças e as variadas maneiras como elas se encontram. Acredito que o teatro pode transitar em diversos lugares, acredito que ele transita no “entre” as instituições e fora desses ambientes comuns, padronizados. Apesar de existirem formações de qualidade em diversas Universidades do Brasil, o ensino do teatro nas escolas se encontra de maneira nebulosa, é difícil o entendimento da necessidade de estar nesses espaços, pois muitos que trabalham em escola, ainda hoje não entendem nem como funcionam as aulas, intervindo de maneira direta nas aulas que não se configuram nos padrões das demais disciplinas, eu chamaria o teatro até de indisciplina no sentido que proporciona uma educação que vai além de um aprendizado sobre um determinado

conhecimento e conceito, ele acontece no conhecimento de si e do outro, em outras formas de convivência e relações, pois ele mexe completamente até com a configuração comum do espaço físico da sala de aula, obrigando os alunos usarem o corpo como experiência, movimentar-se, comunicar em coletivo e deixar de sentar em classes um atrás do outro frente a um professor e professora. Ele simboliza uma igualdade, apesar de existir o lugar de professor que determina tarefas, exercícios, etc... Porém, no teatro o professor está mais como mediador além de não ter impedimentos para participar da aula como jogador, como ator junto aos alunos, o teatro está a margem, diferente de outras disciplinas dentro de uma escola. Isso me faz compreender que o aprendizado não acontece apenas nos lugares mais convencionais, pelo o contrário, é necessário estar atento a outros espaços que trazem outras possibilidades de reflexão sobre a educação e arte, justamente para que essas experiências que tecem os saberes de outras camadas possam contaminar os ambientes mais enrijecidos, de maneira que amplie a percepção para as diversidades existentes muitas vezes ali tão pertinho dessas instituições como a escola. Por esse motivo, tento olhar e refletir para as vozes e situações das mulheres que aqui se encontram, para poder enriquecer e contaminar o debate não só para falar da questão de gênero e mostrar outras realidades, mas também entender que deveríamos como professores nos atentar mais sobre as realidades dos alunos e alunas, pensando no quanto é importante levar o debate das questões que nos parece invisíveis aos espaços institucionalizados. Para mim o saber, a pedagogia, o aprendizado está profundamente imerso na cotidianidade, nos encontros rotineiros, que acontecem muitas vezes ao acaso, conhecendo pessoas, ouvindo suas histórias e renovando nosso olhar sensível para as convivências, para enxergar o mundo e estar aberto aos vínculos e afetos.

No aqui agora, durante todo esse processo de escritura, a ideia que eu tenho de aprendizado vem totalmente dessas mulheres, principalmente da Neca, uma das pessoas que mais me fizeram refletir e aprender.

Lembro do dia que cheguei atrasada na Vila, estava correndo com o tempo que me condicionava, tinha perdido o ônibus e tinha atendimentos para cumprir. Quando cheguei no portão da frente, lá estava ela com um meio sorriso sério, como quem quer te falar alguma coisa, mas demonstra um certo orgulho, cumprimentei-a meio sem folego, no embalo da lombinha que fiz um esforço para subir. De maneira intuitiva ela parecia querer se aproximar, ela me fixava num olhar sutil, de todos os encontros que tivemos, esse foi diferente ao mesmo tempo difícil, pois muitas vezes eu não sei como reagir, porque a Neca tem uma espécie de máscara que a cobre, eu queria poder ter a mesma abertura que a Carol tinha com ela para falar além do a rotina nos permitia, eu sentia até uma ponta de inveja de não conhecer aquela mulher assim como a Carol conhecia elas já tinham criado seus laços de amizade, era difícil para mim prever o que ela estava pensando, pois ora ela demonstra estar séria mirando longe ora ela solta algum tipo de deboche, faz caras e bocas feito alguém que está esperando o momento certo para falar o que está na ponta da língua. Acredito que o nosso vínculo vinha se tecendo através do ato de decifrar uma a outra, é de sorrir o jeito dela de se movimentar, pois ela se prepara e te deixa atenta para a piada que vem logo em seguida. Me reconheço nela através de indefinições, me julgo ser alguém difícil de conviver, porque são poucas as pessoas que eu consigo deixar me conhecer, que sabe sobre a minha vida pessoal e que pode ver eu expressar como penso, sinto e enxergo o mundo. Sobre esse momento recorro de um pequeno texto do Galeano, pontos de vista:

Em algum lugar do tempo, mais além do tempo, o mundo era da cor cinza. Graças aos índios Ishir, que roubaram as cores dos deuses, agora o mundo resplandece; e as cores do mundo ardem nos olhos que as olham.

Ticio Escobar acompanhou uma equipe de televisão, que viajou até o Chaci, vinda de muito longe, para filmar cenas da vida cotidiana dos Ishir.

Uma menina indígena persegue o diretor da equipe, silenciosa sombra colada ao seu corpo, e olhava fixo a sua cara, muito de perto, como querendo meter-se em seus estranhos olhos azuis.

O diretor recorreu aos bons ofícios de Ticio, que conhecia a menina e entendia a sua língua. Ela confessou:

- Eu quero saber de que cor o senhor vê as coisas.*
- Da mesma que você – sorriu o diretor.*
- E como o senhor sabe de que cor eu vejo as coisas?*

Ao mesmo tempo que sentia uma sincronia naquele momento, me parece que todos os nossos encontros cotidianos se desenhavam os nossos pontos de vista, uma da outra, uma vendo um jeito diferente da outra. Até esse momento que as duas estavam se permitindo trocar mais palavras e nessas palavras é que se definiriam os nossos vínculos. **Neca:** *"Tu sabe que antes eu achava que tu era muito arrogante, que nem as antigas meninas do PIM que trabalhavam aqui, mas me aproximando de ti através da Carol, percebo que tu é uma menina boa, eu pensava que tu era uma pessoa bem diferente, que olhava para a negona aqui com um ar de superioridade, talvez seja porque assim eram as outras, entravam na escola e nem davam oi."* Dei um sorriso estranho e surpreendido. **Raysa:** *"Bem capaz Neca, é que eu sou uma muito fechada, é aos poucos que eu vou conhecendo as pessoas e me aproximando, eu sou muito autocrítica, me critico mais do que critico os outros, por isso me fecho"* **Neca:** *"Percebi que tu e a Carol são duas meninas que tem um bom coração, eu sei que tu te preocupa com a Carol e eu também me preocupo e te digo mais, não é qualquer um que entra na minha casa, que convive com meus netos, mas vi que com vocês era diferente."* **Raysa:** *"Eu amei conhecer os teus netos, fui fazer o atendimento aquele dia que a Suelen não pode ir, brinquei com o Bernardo e apesar de querer me bater com os brinquedos a gente conseguiu se entender e a Sophia eu pegava do pezinho dela e ela dava risada. Me diverti muito, na verdade eu adoro fazer os atendimentos com a Carol, a gente consegue fugir um pouco da caretice que o programa nos exige."* **Neca:** *"Ai, eu não gosto muito daquela a Marcela, ela passa por mim e nem olha porque sabe que vai ouvir, ela veio me dizer que eu tinha que colocar a Julinha na creche, mas nem pensar! Eu não vou estragar a minha neta. Ela acha que sabe mais do que eu para educar meus netos, não sabe nada!"* Fiquei em silêncio, ela parecia querer desabafar... **Neca:** *"Deixa eu te contar uma coisa Raysa, eu não sabia ler e escrever quando eu vim trabalhar aqui e tu acha que eles sabiam disso? Não sabiam! E demorou muito tempo para ficarem sabendo, claro eu tinha medo porque sabia que me mandariam embora, mas apesar disso o meu conhecimento vem da vida, eu aprendi muita coisa nessa vida, eu não sei ler direito, mas tenho a percepção das coisas, sempre me virei, sempre fui sozinha, batalhei para criar meus filhos, eles se formaram aqui na escola e hoje são pessoas lindas. Quando descobriram, queriam que eu estudasse, eu fiz, comecei a*

aprender só para não perder o emprego, mas na verdade isso não importa muito, eu aprendi outras coisas vivendo a vida.” **Raysa:** *"Nossa, imagino que não deve ser fácil, mas apesar de te conhecer pouco eu te vejo como uma mulher muito forte Neca, só em tá aqui conversando contigo já um aprendizado e fico feliz que tu tenha se sentido à vontade para conversar comigo."* **Neca:** *"Eu vejo que tu é uma guria que não abaixa a cabeça, se deixar eles fazem o que bem querem, eu já falei pra Carol, não deixar que a Marcela brigue com ela, a Carol aceita muito as coisas e fica mal, eu me preocupo muito com ela, as vezes ela não vem e diz que tá doente e depois gosta de viver no mato."* Ela fixa o olhar para perto de mim, como se tivesse lendo a minha vida. **Neca:** *"Eu sei que tu já foi muito de aceitar as coisas dos outros, dá pra ver, mas hoje tu te impõem."* Tanto naquele tempo presente como agora sinto um arrepio ao escrever esse momento, meu olho enche de lágrima porque mesmo sem explicação a Neca sabe da minha vida, mais do que eu podia imaginar, mesmo eu sendo tão fechada, quando me conecto com ela, ela sabe o que passa, como eu me sinto. Ela transfere uma força para quem convive com ela e ela nos ensina a ser forte também, ver a vida como uma piada. Até hoje agradeço por esse encontro que tornou um laço, um nó forte que permanece até hoje. Lá naquele momento, fico sem reação, mas voltamos a falar da Carol que naquele dia, tinha avisado que não iria trabalhar porque estava doente. Me dou conta que esqueci de bater o ponto e que já estava muito atrasada cheia de atendimentos para fazer. **Raysa:** *"Neca, eu me esqueci de bater o ponto, eu queria muito continuar conversando contigo, obrigada por isso."* Ela faz uma cara com um meio sorriso. **Neca:** *"Vai lá pra Marcela depois não pegar no teu pé, e tu sabe eu tô sempre ali na salinha, qualquer dia desse podemos conversar mais, é só chegar!"*

Depois daquele dia de conversa, o tempo se tornou curto, em todos os encontros cotidianos, mesmo que por mais cansada que eu estivesse, a Neca e eu compartilhávamos sorrisos, era como se aquilo fosse o necessário para suprir o dia, o cansaço das questões políticas, das chatices dos compromissos, uma frase trocada era uma lição e ela também sabe ouvir. Às vezes quando ia caminhando pela vila, enquanto me deslocava de um atendimento e outro, pensava nessas relações profundas, nas suas diferenças e aprendizados. Aquela mulher que me falou um pouco sobre a dureza de sua vida conseguiu me tornar alguém feliz por ter conquistado a amizade dela, eu vi se desenhando um percurso, eu oscilava entre um pouco de ciúme e ao mesmo tempo culpa por não me achar suficiente para conviver com ela. Quando cheguei na escola, dessa vez vinha sozinha, correndo para bater o ponto, Neca abre um sorriso quando me vê e como sempre pergunta da Carol. **Neca:** *"E a tua amiga hein? Não vem hoje? Tá doente de novo? Vou pegar essa Carol, ela vai ver uma coisa..."* ri, sempre no tom de deboche, como quem quer desconstrair, apesar da seriedade que seu rosto marcado transparece, ela sempre ilumina o dia com as piadinhas que por vezes é possível entender pelo olhar. Eu dou risada e digo. **Raysa:** *"Ai Neca, tu é uma figura... Pior, não sei da Carol até agora não deu sinal de vida."* Rimos juntas. **Neca:** *"Depois que tu bater o ponto passa ali na salinha que tenho uma coisa para te dar."* **Raysa:** *"Tá bom!"* A Neca faz uma cara quase que moldando sua boca em formato de bico, anda com o seu jeito balançar, cabeça erguida e querendo que os outros sempre observem algo diferente nela. Fiquei pensando, o que ela queria comigo...mais tempo para conversar será? Subi para a sala aonde costumeiramente atendíamos algumas crianças, larguei o material e descii correndo as escadas, quando cheguei na salinha ela carregava na mão um envelope vermelho, atrás escrito

a lápis continha o meu nome “Raissa” uma letra com uma delicadeza, de quem parece que teve todo o cuidado a escrever. Fiquei lisonjeada, pois até então o convite só vinha através da Carol, mas nunca pessoalmente. Abri e tinha a foto do Bernardo junto com o desenho dos carros. Agradei e ela terminou dizendo. **Neca:** “*Quero muito que vocês venham para festa!*” Ela muda o tom, e com sarcasmo diz **Neca:** “*Ai de vocês que não venham hein?*” Depois séria, quase como quem dá uma ordem. **Neca:** “*Avisa a Carol quando chegar, passar aqui depois.*” **Raysa:** “*Tá bem!*”

Cena: A ida - Festa do Bernardo

*Bernardo é quase árvore.
Silêncio dele é tão alto que os passarinhos ouvem
de longe.
E vêm pousar em seu ombro.
Seu olho renova as tardes.
Guarda num velho baú seus instrumentos de trabalho:
1 abridor de amanhecer
1 prego que farfalha
1 encolhedor de rios — e
1 esticador de horizontes.
(Bernardo consegue esticar o horizonte usando três
fios de teias de aranha. A coisa fica bem
esticada.)
Bernardo desregula a natureza:
Seu olho aumenta o poente.
(Pode um homem enriquecer a natureza com a sua
incompletude?)*

Manoel de Barros

Chegada o dia de ir na festa, era sábado, ao acordar às 9h pela manhã, percebi que o tempo estava nublado, indeciso, parecia cansado e queria chover, molhar, até então as nuvens estavam segurando o tamanho de água que tinha para desabar. Ainda assim, tímida a chuva caía calma, como uma camada fina e leve... lembro. **Raysa:** “*Putz! Não tive tempo de comprar o presente do Bernardo*” - subitamente vem a cabeça o dia que eu o conheci: *Bernardo com um sorrisinho com a boca entre aberta em que era possível ver pequenos dentinhos já nascidos, ele encostava seus dedos gordinhos e curiosos na madeira da porta que o impedia de passar para o pátio, olhei para ele com aquele desejo de esmagar, de apertar as bochechas repetindo o ato que era feito pelo o meu pai em mim, quando também era bebê. Falei com a voz de quem fala com criança “Oi garoto!” Entrei e logo ele não teve receio de ir comigo, peguei os brinquedos coloridos com diversas formas e cores para mostrar para ele e de maneira esperta obtive a resposta rápida de sua esperteza, com a sua pequena mão, era possível agarrar a peça toda e com algumas tentativas facilmente*

conseguia derrubá-lo ali dentro do objeto maior, com o encaixe ele olha para mim curioso, logo pega o brinquedo com as peças já colocadas ali dentro e joga contra mim, como se quisesse me bater, mas sem ter o real sentido disso, está apenas fazendo um movimento de reflexo, sacudo o brinquedo que reproduz sons, ele gargalha, solta risadinhas, mostrando mais ainda o sorriso dos pequenos dentinhos. Tiro o brinquedo e ele olha para mim fixamente, agora sério. Seguro ele e as perninhas cambaleiam querendo caminhar, fazendo forças para ter o equilíbrio, seguro e ele quase saí andando, reparo como é firme para uma criança de menos de um ano, faço cócegas e ele é ainda mais sorrisos, fico feliz de conhecê-lo e assim ser recebida, por um pequeno que nem sabe quem eu sou - Envio mensagem para a Carol via WhatsApp:

09:22 - Ray: Guria, eu preciso comprar o presente!
09:22 - Carol Pim: Eu comprei já.
09:22 - Ray: Acho que vou ter que ir no shopping.
09:23 - Ray: Que horas tu pretende sair daqui?
09:23 - Carol Pim: Vamos nos falando dai.
09:23 - Carol Pim: Umas 16hs?
09:23 - Ray: É..Por aí.
09:23 - Carol Pim: Tá!

As pessoas se amontoam no canto da parada ainda que tivesse uma larga extensão onde poderiam ficar, pressiono o pacote de presente contra o meu corpo, tentando protegê-lo com o casaco por cima, para que os pingos que saltitam sobre a proteção de metal acima da minha cabeça não o molhe e nem respingue em mim, enrolo o guarda-chuva em uma das mãos e na outra está o presente, com a ideia de chegar inteiro ao seu destino. Os pingos que agora são grossos, crescem de volume e de rapidez, deixando a sua antiga forma fina, o que era para ser leve agora é pesado. No caminho curto para casa, com o ônibus completamente úmido e cheio, tentando equilibrar o guarda-chuva entre as pernas, o presente no colo e o celular nas mãos escrevo para a Carol:

15:01 - Ray: Não para de chover
15:08 - Carol Pim: Ai sim!
15:08 - Carol Pim: Que droga!
15:09 - Ray: Até as 15h30 tô chegando em casa
15:09 - Ray: Daí a gente pode ir
15:10 - Ray: Vamos de ônibus mesmo? Hoje tem passe livre, eu acho.
15:10 - Ray: Mas não sei como vai estar para subir a vila.

Aguardo a resposta da Carol que não vem de imediato, desço na parada próxima a minha casa, mas que é necessário caminhar algumas quadras para chegar, olho para os meus pés que estão calçados em uma galocha de coturno, perfeito para usar em dia de chuva, pois não entram água - *atendimento no PIM, o céu estava cinza, como tinha chovido bastante no dia anterior, os bueiros transbordavam de água, lá estava eu protegida com os meus coturnos impermeáveis. Quando chego na casa do Yuri para fazer o atendimento, percebo o espaço limitado onde as crianças brincam, apesar de ser um espaço amplo, grande parte dele contém resíduo: papéis, caixas, plásticos de alimentos industrializados, rótulos, garrafas, roupas velhas e madeiras. Todos os moradores da casa usam chinelos, estão acostumados mesmo em dia de chuva usá-los, pois é o que têm, isso quando o próprio*

menino Yuri não aparece com o pé no chão. Um pouco antes de eu ir embora, a tia dele olha para os meus pés, Fabiane: “Seria bom ter um desses para usar aqui, principalmente em dia de chuva seria uma maravilha.” Constrangida com a observação dela, fico em silêncio, finjo não ouvir, pois realmente não sabia como reagir, é duro perceber meu privilégio e as diferenças ali, só através dos nossos calçados - Chego em casa, ligo o presente em cima da mesinha da sala fica ao entre uma poltrona e um sofá de dois lugares, vou ao banheiro, lavo as mãos, olho no espelho e dou uma respirada profunda, deixando o espelho embaçado, caminho até a cozinha, deixo o celular ao lado da mesa no balcão, sem conseguir desgrudar o olho nele, observando, e esperando ele tocar. Abro a geladeira e fico um tempo com a porta aberta, observando e pensando o que comer, mas ao mesmo tempo me questionando o porquê da Carol não ter me respondido até o presente momento, pego o pote de vidro com caponata de berinjela, sirvo-o com torradinhas e mastigo lentamente como uma maneira de aproveitar melhor o tempo, buscando ter uma certa paciência, escuto a minha respiração e o barulho quase que lento de torradas sendo trituradas. Sento no sofá, dou uma rápida olhada nas redes sociais, até que o celular sinaliza uma mensagem no WhatsApp, mais de meia hora depois:

15:59 - Carol Pim: Oii
16:00 - Carol Pim: O teto do ônibus é a chuva
16:00 - Ray: Sim
16:00 - Ray: Aonde tu está?
16:11 - Ray: Eu não tenho como te ligar pq vou ficar sem crédito no celular.
16:16 - Carol Pim: Oi
16:16 - Carol Pim: Mostardeiro 32
16:16 - Carol Pim: mas calma
16:16 - Carol Pim: Tô me arrumando
16:16 - Carol Pim: Tá em casa?
16:16 - Ray: Sim
16:17 - Ray: Posso descer ali na Osvaldo
16:17 - Ray: E a gente pegar um uber
16:17 - Carol Pim: Ah tá
16:17 - Carol Pim: Tu quer que eu vá até ali?
16:17 - Carol Pim: Achei que tu ia passar com o uber aqui
16:18 - Ray: Tá mas é meio contramão ne?
16:18 - Carol Pim: Não
16:19 - Carol Pim: Eu pego as vezes
16:21 - Ray: amiga eu tenho que sair daqui entrar no moinhos e depois ir pela Protásio, tem que dar um volta.
16:19 - Carol Pim: Eu pego um uber até a tua casa
16:21 - Carol Pim: Tá. Então eu pego bus até ai.
16:21 - Ray: Pegar até aqui acho uma mão
16:23 - Ray: Vou fazer o seguinte...Pego o c2 e desço ai na Ramiro
16:23 - Ray: Tá na casa do Antônio?
16:24 - Ray: Eu to quase desistindo...
16:26 - Carol Pim: Sim to.
16:26 - Carol Pim: Desce aqui
16:27 - Carol Pim: Entao
16:27 - Ray: Se eu descer não vou descer na casa dele
16:27 - Ray: Vou descer na Ramiro
16:28 - Carol Pim: No femina

16:29 - Carol Pim: até a casa dele
16:29 - Carol Pim: Ta
16:29 - Carol Pim: Me avisa aqui quando tiver chegando que te encontro ali
16:29 - Ray: Eu não sei aonde fica. O ônibus não vai até a mostardeiro
16:46 - Ray: Já peguei o bus
16:52 - Ray: Vou descer quase na independência e tu me encontra
16:55 - Carol Pim: Ok amor
16:55 - Carol Pim: Desce na Ramiro
17:33 - Carol Pim: To tentando ligar
17:33 - Carol Pim: Atende!

Deço do ônibus com uma certa impaciência com tamanha água que chovia, não era pouco, mesmo com o guarda-chuva encobrindo a cabeça era impossível não se molhar de qualquer forma, ainda que eu estivesse com a minha “impermeável bota” sentia meu pé úmido. Por um momento me perguntei se conseguiríamos realmente chegar no aniversário. Chego até a esquina entre a Ramiro Barcelos e Av. Independência. As ruas estão quase desertas de gente, no modo automático, apesar do guarda-chuva cobrir parte da minha visão, olho atenta para todos os lados, observando principalmente se tem algum homem por perto, escuto alguns passos próximos de mim, dou uns passos mais rápidos ainda que sem tentar fazer movimentos bruscos, quando me dou conta que uma mulher me ultrapassa, respiro num suspiro, quase um conforto de ver outra mulher ali na rua deserta de domingo. Chego até a esquina e nenhum sinal da Carol, estaciono em baixo de uma marquise onde está dois policiais homens conversando. Resolvo ficar ali e esperar, ainda assim, mesmo com os PMs do lado, sinto meu corpo inquieto pela a presença deles, olho o celular e nenhuma notificação. Me inquieta tudo, estar em pleno domingo deserto, já estar no horário do aniversário, a chuva intensa, e à espera da Carol que não chega. Como de costume, quando fico nervosa, mordo o lábio no canto direito da boca, quase posso sentir uma pequena ferida ao passar a língua na boca, é difícil evitar alguns “tiques” de momentos de ansiedade. Alguns segundos passam, na minha frente está uma pequena praça, onde os carros passam por todos os lados de suas ruas que a contornam, reparo no modo como a chuva caí, pingos grossos, fortes e rápidos preenchem a espera, e o barulho que faz de algum carro ao passar numa velocidade alta em cima da poça d’água, quase respinga em mim. **Raysa:** “*A Carol vai me ouvir...já era para estar aqui, eu deveria ter ido sozinha e deveria deixar que ela fosse sozinha, não dá para combinar nada mesmo, vamos chegar atrasadas.*” Naquele momento desejei estar completamente sozinha, para liberar a irritação que eu estava sentindo diante da espera, apesar do borbulhar dos pensamentos, continha o meu corpo tendo o cuidado para não começar a “sapatear” e liberar o estresse assim quase como quem quer gritar. Continuo a minha triangulação de movimentos, cuidando os PMs, a praça e a direita, de onde eu imaginava que a Carol poderia vir. Vejo a imagem de alguém desfocada se aproximando, faço um esforço para tentar identificar a pessoa que se aproxima, lembro do quão ruim é não usar meus óculos. Percebo que a suposta Carol está sem guarda-chuva “só pode ser a Carol.” Aos poucos a irritação que eu vinha sentindo diminuía quanto mais ela se aproximava em meio dos pingos d’água, ela nem se importa em se molhar, não acelera o passo, como se aquilo fosse indiferente, sinto uma energia cabisbaixa e esqueço tudo o que tinha planejado de falar, mas sinto que preciso me manter um pouco durona, poxa...fiquei um tempão esperando. Falo cobrando quando ela chega. **Raysa:** “*Cadê teu presente?*” **Carol:** “*Esqueci em casa, depois eu entrego para a Neca.*” **Raysa:** “*Precisava vir para cá hoje? Resolver isso*

agora? *Dá um tempo, esquece, agora vamos ir de uma vez porque já estamos atrasadas.*" Ela nem responde, estava com a cabeça em outro lugar, ficou simplesmente ali, quieta, percebi que sua irritação era maior do que a que eu estava anteriormente, imaginei ela refletindo em pensamentos e me identifiquei com a desconexão com o resto do mundo, do seu momento necessário de silêncio. Ela não falava e suas roupas pareciam bem molhadas, estava imóvel, seus olhos me miravam e eu entendia a necessidade de compreendê-la. **Raysa:** *"Tá, eu vou chamar um Uber para nós."* Rapidamente me prontifiquei, abri o aplicativo e chamei o uber. Eu saía de baixo da marquise com o guarda-chuva, buscando enxergar as placas dos carros que passavam, enquanto ela continuava ali, parada. Demorou aproximadamente 20 min, percebo que o motorista passou do local onde estávamos, falei: **Raysa:** *"Vamos ter que andar, acho que ele está um pouco para lá."* A Carol só me acompanha, sem estacionar debaixo do meu guarda-chuva, simplesmente vai como uma criança emburrada. O motorista me liga. **Uber:** *"Oi, estou aqui próximo ao hospital Femina."* **Raysa:** *"Estou aqui, bem em frente ao banco Santander."* Olho para a placa do carro branco estacionado. **Raysa:** *"Aqui, é esse..."* Carol passa por trás de mim e entra pela a porta da esquerda. Assim que começamos a andar, a Carol começa a despejar todas as suas angustias e irritações, tento ser compreensiva e ouvir, apesar de sinceramente não estar muito afim, apesar de ter na cabeça a ideia de que já tínhamos conversado sobre o assunto e que já tinha dado a minha opinião, exponho igual. **Raysa:** *"Miga, esquece...dá um tempo, vamos aproveitar hoje, ver a Neca, não fica com a cabeça em outro lugar, já te falei, tem que dar um tempo."* Ela continua despejando tudo o que ela gostaria de dizer para outra pessoa. Começa aos poucos tirar tudo da mochila como se não estivesse pensando muito nas ações que está fazendo, tira uma pequena bolsa da mochila, coloca alguns objetos dentro dela, e coloca tudo dentro da mochila de novo. Tira um creme de cabelo, emplasta o nas mãos e com os dedos suavemente passa em seus cabelos, mesmo molhado ele é todo de cachinhos, reparo no movimento de cuidado, ainda que ela seja um pouco desajeitada e naquele momento penso o quanto somos amigas muito diferentes, mas que ao mesmo tempo temos ideias parecidas, brigamos pelas as mesmas coisas e que é difícil brigar com a Carol, independentemente da situação. Ela continua com os seus discursos emaranhados assim como seus cabelos, me volto para a cidade, com alguns pontos até alagados, o carro parece flutuar sobre as poças, que jorram muita água para todos os lados. Penso no quão privilegiadas somos, temos a opção de ir com um motorista de Uber para a Vila, e talvez muitas pessoas naquele dia nem possam sair de casa. **Raysa:** *"Será que vai ter a festa mesmo assim com chuva, a Neca não falou nada sobre isso?"* **Carol:** *"Ela disse que com chuva ou sem chuva vai ter de qualquer jeito."* **Raysa:** *"Então tá bem, não tem perigo de ser cancelado agora que já estamos indo."*

Cena: A chegada - O tempo diferente do mesmo lugar

Estamos no fim da Ipiranga, imagino a Vila transbordando seus bueiros que muitas vezes quando vamos a pé, mesmo em dias bons e secos, temos que desviar e cuidar para não se molhar. Bem, mas já estávamos acostumadas, o motorista entra na Vila pelo lado da CEEE, ele talvez com um certo receio em subir mais, ao chegar na esquina do mercado pergunta. **Uber:** *"Vocês querem subir mais, para onde vamos?"* No lugar onde estávamos era impossível descer, ao passar, mesmo que numa velocidade lenta inevitavelmente molha um morador que está na calçada e reclama, peço desculpas em pensamento, sabendo também o que é estar ali e se defender dos carros que passam e molham os que transitam a pé, ao mesmo tempo que é estranho ver assim, nosso privilégio reforçado, mesmo quando não precisamos estar ali no trabalho, mas estamos de carro, somos nós que molhamos os pedestres. Subimos a lomba e seria necessário entrar no próximo beco, menor do qual estávamos, falo para o motorista. **Raysa:** *"Pode deixar aqui na entrada desse beco moço,*

muito obrigada.” Ele encerra a corrida e descemos, a Carol dessa vez se junta até mim e desviamos juntas das várias poças que tem no nosso caminho, já dá para o ouvir a batida do funk que anuncia que a festa já tinha mesmo começado. Carol olha para mim e sorri. Chegamos no portão que está aberto e encontro muitas pessoas desconhecidas, fico meio encabulada, o pátio está coberto por uma lona, um sofá que foi posto ali e vários adultos em meio as crianças, cumprimento dando um oi geral. Percebo alguns olhares questionando quem eu era, ou será que era eu mesma questionando os seus olhares? Cumprimento a Juci, mãe do Bernardo, ela parece feliz de nos ver, principalmente a Carol. **Juci:** “Ainda bem que tu veio né Carol, senão a mãe ia te pegar pelos cabelos.” Damos risadas as três, entramos na sala que está enfeitada com uma decoração do desenho carros, balões por todo teto e uma mesa linda enfeitada com o bolo e docinhos, ao fundo está as palavras clássicas “Feliz Aniversário Bernardo” logo da cozinha sai a Neca, fumando o seu cigarro, toda contente e feliz em nos ver. Ela parece ser o centro das atenções, a cozinha está apertada, quase não cabe mais gente, fico próxima a entrada na porta, logo a Neca manda nos servir salgadinhos e já dá o aviso para a Carol. **Neca:** “*Chega com essas frescuras de não comer carne, se tu não provar os salgadinhos vai parecer que ficou ruim.*” **Carol:** “*Tá bem Neca, eu vou comer tá.*” Dá aquela risada, que dá vontade de rir junto, percebo que a caixa de presentes está ao meu lado, coloco o meu ali. Percebo algumas funcionárias da escola, professoras ali também. Na cozinha está a Vera, ela parece ser grande amiga da Neca, ela abre um sorriso dizendo. **Vera:** “Ah, vocês vieram!” Eu respondo. **Raysa:** “*Sim, demoramos, mas chegamos.*” Ela está com uma criança no colo, que não quer parar muito, ela conversa delicadamente com ela, acaricia seus cachinhos e a beija, toda faceira e orgulhosa ela fala. **Vera:** “*Essa é a minha neta Valentina.*” Sorrio e falo. **Raysa** “*Que amor!*” Tento interagir com ela, mas ela fica um pouco séria com um meio sorriso, não gosto muito de ficar atrapalhando a liberdade das crianças, aprendi que elas também se estressam quando a gente fica forçando muito a barra para tocar nelas, a criança não é um brinquedo e também tem que ser respeitada e não tem ainda muitas noções de interagir com outras pessoas além da família, como eu era uma estranha, não posso querer tocar nela e brincar com ela. Nossa comunicação era através do olhar, enquanto ela chupava o bico agarrada em sua avó, seus olhos de jabuticaba me encaravam. Em seguida, ouve-se um barulho de carro e vozes gritando, percebo que chegou alguém, reconheço, é a Di conheci ela também através do PIM, eu fazia o atendimento da irmã dela, mas como as duas famílias são muito próximas, convivíamos com todas as crianças juntas, era lindo esses atendimentos. Recordo de um deles, enquanto estávamos com as crianças, me dei conta que os pais, os adultos brincavam com um jogo da velha que tínhamos levado, não quis interromper, pois estavam realmente se divertindo, eles davam risadas quando alguém ganhava e também a família demonstrava muito interesse em brincar com as crianças, eram participativas, adoram conversar, falar o que a criança aprendeu ou o que fez de pirraça. Naquela situação percebi o quão necessário era a atenção não só para as crianças e sim também para os adultos, principalmente as mães, mulheres, que em grande maioria ali, ficam cuidando dos filhos, apesar de algumas terem a participação dos pais em determinadas atividades. Logo, não pude deixar de lembrar da última vez que tinha visto a Di foi numa situação que a irmã dela não estava e a Carol também não pode ir fazer o atendimento, passamos boa parte do que seria o atendimento conversando e brincando com as crianças, em meio a conversa, ela me fala do Ryan (filho mais velho). **Di** “*Eu vejo o Ryan já está grande, guria o tempo passa muito rápido, eu me lembro quando fiquei grávida pela primeira vez e não foi do Ryan, mas não sei se tu sabe que eu tive um aborto, foi a pior coisa do mundo. Pior, é que foi um dia que aparentemente eu estava tri bem, na verdade um tempo antes eu tinha ido no médico, ali perto da PUC sabe? Porque eu tive um sangramento e estava me sentindo um pouco estranha, fui lá e falei para o médico, ele me examinou e disse que estava tudo bem, voltei pra casa, fui dormir e quando eu acordei, sentia dores muito*

fortes, guria eu não conseguia me mexer, gritava para o Vini e nada, estava sozinha, eu tinha vontade de quebrar qualquer coisa com a dor que eu sentia, não me lembro quem me ajudou e eu sabia que estava perdendo o meu filho, guria eu gritava muito, nunca senti tanta dor e vi tanto sangue, lembro que eu tive que colocar uma toalha no meio das pernas, porque eu perdia muito sangue, foi até que eu quase desmaiei e alguém me ajudou ir para o médico. Lembro que na saída da Vila, ali perto da CEEE tinha uma barreira e não queriam deixar eu passar, dizendo que eu estava abortando meu filho de propósito, eu fiquei com tanta raiva, só porque tu é mulher que mora na vila os PMs acham que tu tá abortando de proposito, eu pensei que iria morrer...Depois chegando no hospital eu fui muito mal atendida, as mesmas pessoas que disseram que não era nada, que estava tudo bem com o bebê, nem acreditaram quando eu cheguei lá no hospital, ainda bem que depois a minha mãe estava lá comigo, eu não queria que elas tocassem em mim só de raiva...” Aquilo me marcou muito e acho que sempre que eu encontrar com ela, vou lembrar dessa história, a minha reação enquanto a ouvia era de muita indignação, como se a mulher que mora na periferia não tivesse o direito a passagem, nem mesmo correndo o risco de vida, é duro pensar nessas diferenças, do quanto essas mulheres passam, do quanto não são ouvidas, do quanto precisam batalhar muito para criar seus filhos, para ter o mínimo de acesso à educação, a saúde. Essa realidade é distante de mim, apesar de saber que esse tipo de situação acontece, é difícil acreditar quando é tão perto, quando é alguém que conhecemos.

Logo em seguida, preparam tudo para os parabéns, o Bernardo ficou tão pequenininho perto de tanta gente, completamente parado próximo ao bolo quando todo mundo começou a cantar “Parabéns para você, nessa data querida...” Logo ele começou a soltar um gritinho fininho de choro, fechava os olhinhos, com tanta luz de flash e gente em sua frente. Deu vontade de rir tamanha delicadeza era a sua expressão de desconhecimento do que está estava acontecendo, acho incrível a percepção das crianças, seus desejos e vontades que desde muito cedo, vai totalmente contra a qualquer norma e cerimonia a ser seguida. Ao terminar as palmas ele se tranquilizou, em seguida fomos tirar as fotos com o pequeno, que às vezes dava um meio sorrisinho outras fazia carinha de não estar entendendo muito. Lembro da Neca preocupa com os preparativos da festa, ela se esforçou muito para deixar tudo bonito para o neto. Quando vê ela chega ao nosso lado e fala para a Carol. **Neca:** “*Eu estava estranha nessa semana né? Distante.*” **Carol:** “*Sim, eu mal consegui falar contigo.*” **Neca:** “*Eu estava muito preocupada com a festa, eu estava nervosa, mas não era nada contigo tá? Nem com vocês, eu estou muito feliz que vocês vieram, de verdade.*” Demos um abraço forte complementando os sorrisos. Tiramos uma foto para registrar o momento:



Neca: “Agora vocês vão beber né gurias? Tem cerveja aqui.” sem mais nem menos já serve copo para mim e outro para a Carol. Em seguida, começa o som alto, as batidas do funk e os corpos começam a se mexer, afasta a mesa, as cadeiras e a sala se torna um salão de festa, é criança, adulto, adolescente, a música contagia todos. Quando eu reparo em minha frente está um pequeno menino que aparentava ter dois anos de idade, ele dançava em meio a balões coloridos que ora ele chutava e ora nem dava bola, fazia passos detalhados, ficando até de joelhos no chão e depois levantava, acompanhando com precisão as batidas da música que se misturavam com as vozes ao fundo, realmente dava um show. Eu nunca vi uma criança tão pequena com tamanha habilidade para se expressar através de seu corpinho a dança, seguindo ritmos, fazendo gestos com as mãos e passos. Fiquei hipnotizada, não vi o que acontecia na minha volta, me diverti muito e me contagiei com a energia daquela criança, mesmo sentada em uma cadeira, aos poucos fui me soltando e me mexendo, querendo também dançar. A Neca se aproximou de mim e assim de repente ela falou. **Neca:** “*Eu sei que tu já passou várias histórias em teus relacionamentos e que foi difícil tu ter que aguentar, mas hoje eu vejo o quanto é diferente, tu aprendeu usar essas duas coisas (apontando para a cabeça e para o coração)*” Eu não sabia como reagir, mas em minha cabeça borbulhante, as lembranças vieram como um filme, passando em cenas rápidas, me vi destroçada ao fim de um relacionamento, pior ainda quando percebi todos os abusos que sofri, quando eles acabavam com a minha autoestima, quando passava por situações desnecessárias para ficar ‘tudo bem’ com o parceiro, quando eles me calavam, desfaziam qualquer coisa que era importante para mim, o teatro, a minha militância e questionavam inclusive o meu papel como feminista. São diversas as situações que nós mulheres acabamos passando, diversos abusos que nos fazem pensar até que nós somos culpadas. Naquele momento refleti que olhar para as histórias dessas mulheres, é também olhar para a minha, me investigar e aprender a me conhecer, me revirar, sentir as minhas marcas como resistência, força, aprendizado. Eu

não soube reagir, sorri nervoso, mas eu teria dito o quanto ela me inspira, o quanto aprendo e me motiva saber que na visão dela hoje sou mais forte. **Raysa:** “Neca, tu sabe que eu quero fazer alguns encontros de teatro com mulheres né, ali na escola né? Eu queria muito que tu participasse, a ideia é ser uma troca entre nós mulheres, para a gente brincar e encenar.” **Neca:** “Sim, eu sei, eu bem que gostaria, mas quando eu termino o meu serviço eu já estou esgotada, depois de limpar tantas salas, eu só quero vir para a casa, mas te prometo que eu vou pensar, mas não posso garantir.” **Raysa:** “Eu entendo, claro.” Enquanto ela foi cortar o bolo e servir para os convidados, fiquei sentada na cadeira observando dali, algumas pessoas tiravam fotos na minha frente e com a música ainda tocando, refleti sobre a necessidade de criar o grupo com as mulheres, na verdade a necessidade era minha, por um momento pensei que seria difícil com todas as tarefas diárias, o cansaço e o pouco tempo que elas tinham para si, verem a necessidade dos encontros teatrais, notei que a visão que eu tenho de teatro, é muito diferente da que elas têm, eu precisaria convencê-las que os encontros poderiam proporcionar uma troca, compartilhamento de ideias, discussões sobre situações as quais nós mulheres estávamos submetidas, mas também não queria forçar uma situação, elas precisariam enxergar essa necessidade a fim de querer utilizar o teatro como essa ferramenta.

Cena: A volta para casa

Depois de muitas fotos, música, bolo, conversas, risadas, a chuva insistia e continuava forte, já passava das 20h30, algumas pessoas já tinham ido embora, as professoras da escola, alguns parentes da família, a sala agora estava mais vazia. **Ray:** “Vamos chamar o Uber para ir embora?” **Carol:** “Vamos, senão vai ficar muito tarde.” Fomos nos despedindo um por um, recebemos um grande abraço da Neca e da Juci. **Neca:** “Vocês não sabem como eu fiquei feliz que vocês vieram, muito mais do que esses vizinhos...” Caímos na risada. Não tínhamos palavras para agradecer o carinho de sempre, a forma como fomos atendidas e recebidas por todos. **Juci:** “Vocês serão sempre bem-vindas gurias, fiquei muito feliz por terem vindo. Mesmo!” **Raysa:** “Nós que agradecemos Juci, de verdade!” **Carol:** “Estava ótimo, me diverti horrores!” Chamei o uber e já estávamos indo para a esquina do beco enganchadas pelo braço e com um guarda-chuva só que não dava conta de proteger as duas, desviávamos das poças d’água lamacentas e deixar algumas gotículas de chuva nos molhar nem era problema, foi quando ouvimos uma voz de um menino nos chamando, olhamos para trás e sob o reflexo do poste entre os riscos de chuva podia ver um menino fumando um cigarro. **Rafael:** “Ó gurias, esperem aqui, não adianta ficar lá, ainda mais agora essa hora e debaixo de chuva, quando estiver chegando eu posso ir ali com vocês.” **Carol:** “Tá bom!” **Raysa:** “Talvez o Uber demore mesmo, vamos ficar por aqui.” Aguardamos no portão paradas, acho que o sinal de internet estava fraco e não mostrava o carro do aplicativo se mexendo no mapa. **Raysa:** “Acho que o aplicativo não está atualizando o caminho do motorista, está tudo parado.” **Carol:** “Será que ele já chegou?” Dei um zoom com meus dedos na tela do celular, o carro indicava que estava parado bem próximo à rua que estávamos, mas não se movia. **Raysa:** “Vamos indo então, ele já está aqui quase na rua.” Saímos do beco e ficamos paradas na rua, em frente tinha um minimercado que ainda estava aberto, poucas coisas iluminavam, cada carro que passava eu procurava a placa, mas nenhuma era reconhecido. Percebi que uma pequena igreja da mesma rua, estava completamente cheia e os carros que por ali estacionavam era justamente para irem a igreja. Já estava um pouco impaciente, tentando equilibrar o celular e o guarda-chuva. Resolvi ligar para o motorista... **Raysa:** “Alô! Oi amigo a gente está aqui na rua Pio X, dá para ver no mapa que tu está parado, sabe essa rua que tu está? É só descer que a gente tá aqui em frente a um minimercado.” **Uber:** “Tá bom, mas eu tô aqui na frente de uma escola.” **Raysa:** “Não, mas não é na escola, tu tem que descer na rua Pio X” **Rafael:** “Pergunta qual escola ele tá...” **Raysa:** “Qual é a escola?”

Mariano Beck?” **Uber:** “Eu não sei qual é a escola.” Estava muito difícil a comunicação, de maneira alguma o carro não descia. **Rafael:** “Fala para ele que é de boa descer, tá tranquilo aqui na Vila para os ubers passar, ele não precisa ficar com medo não.” A chamada caiu e eu comecei a me preocupar, não era possível que ele não quisesse entrar lá, ele poderia cancelar a corrida se quisesse, mas não fez. Observei novamente e o carro que ainda não se mexia. Tentei ligar de novo. **Raysa:** “Oi, amigo. Olha só...Qual é escola que tu está?” **Uber:** “Acho que é a Fátima.” O Rafael indicou “Diz para ele dobrar a esquerda e descer, tá de boas!” Só repeti: “Amigo, olha só... dobra a esquerda e desce a rua Pio X, é bem simples. Não tem problema descer, a gente vai estar aqui em frente ao mercadinho, estou com um guarda-chuva preto e uma jaqueta jeans.” Alguns minutos depois um carro branco com a placa que indicava no aplicativo, finalmente desceu a rua, depois de tanta insistência deu tudo certo. Demos tchau para o Rafael e entramos no carro agradecendo. Ele bate no vidro do motorista e fala. **Rafael** “Ô amigo, pode ficar tranquilo viu? Agora os ubers estão liberados para entrar aqui na Bom Jesus, sem problemas.” **Uber:** “Tá certo, eu demorei porque não estava achando mesmo a rua, obrigado!” O motorista pareceu um pouco constrangido, eu e a Carol no banco de trás ficamos quietas, por dentro senti um alívio, pois estávamos há mais de meia hora esperando na chuva.

Desde a chegada até a hora de ir embora, nada tinha mudado, a cidade inteira parecia estar alagada, por todo o lugar onde o carro passava, era possível ouvir o barulho de água espirrando para tudo quanto era lado, assim fomos e assim voltávamos para casa.

Mulheres e as diferentes convivências e histórias

Eu acredito que os vínculos se entrelaçam em qualquer circunstâncias, porém, depende muito como nos colocamos em determinados espaços, depende como conseguimos ver o outro e eu acredito no olhar dessas mulheres que a vida me proporcionou bordar vínculos, as nossas andanças e caminhos são diferentes, porém o que busco no meu olhar é justamente as possibilidades na força delas, nas histórias delas que tecem os saberes, aqueles mais profundos onde tu escuta, para, reflete e tenta levar como bagagem. Não importa quanto tempo esses vínculos durem, eu espero que esses encontros se tornem longos, cheios de reencontros, tecendo outras histórias, outros compartilhamentos e que possam reinventar o que a gente é, transformando a mim e a outra/outro.

*Eles sempre colocam as mãos
primeiro nas mulheres
fazem isso para ganhar a vida
fazem para provar seu ponto de vista
arrancando o coração
sempre fica um buraco
grande o suficiente para as balas
se infiltrarem*

*eles batem
nas mulheres gentis e breviais
primeiro
e quando eles fazem isso*

*eles não sabem
que estão tocando rocha*

Angela Davis

Quando eu comecei uma família nova no PIM, conheci uma criança chamada Kauany de aproximadamente dois anos, com ela pude entender um pouco mais sobre a personalidade das crianças, que mesmo muito pequenas já demonstram a sua forma de pensar, agir, no sentido que elas não são brinquedos e não aceitam tudo porque somos adultos, por mais que você tente chamar atenção delas com brincadeiras e brinquedos, ela te mostra que não necessariamente é obrigada aceitar o convívio com qualquer um, ainda mais quando o ambiente em que ela está acostumada é na casa com a família. É impossível não lembrar dos olhos doces e tímidos da Kauany, seu jeito sutil de baixar a cabeça demonstrando o que não quer e que não adianta insistir, sempre que olhava para ela, aceitava os acordos intrínsecos que ela me propunha com gestos fugitivos.

Já no primeiro dia de visita, entendi que a mãe não morava com o pai, que eles eram separados, mas pela a questão de praticidade, os atendimentos aconteceriam na casa do pai. A mãe levava a Kauany até a casa, e eu ficava feliz quando os atendimentos proporcionavam atividades coletivas, onde todos, os irmãos, mãe e pai, participavam. Nos primeiros encontros foi bem difícil convencer a Kauany brincar comigo, na verdade nos primeiros encontros quem mais participava era eu e a família, ela se afastava, não me conhecia e não demonstrava muito interesse. Sempre tentei ter um olhar crítico também na maneira com que atendia as crianças, tentando o máximo respeitar o tempo dela, o tempo de assimilar e conhecer alguém novo, me forçando a segurar as barreiras que ali existiam, mas ela era diferente, as outras crianças mesmo sem me conhecer já tinham uma necessidade de brincar, de estar junto, já aceitavam as brincadeiras. A Kauany foi uma das primeiras crianças que me fez refletir sobre isso, que me fez entender as escolhas que eles têm e podem ter, os desejos e vontades a serem respeitadas. Foi através dela que me autocritiquei e modifiquei muito a maneira de ver as crianças, pude sair do modo automático. Em meio a esses atendimentos, eu tentava me aproximar dela, disposta a dar um passo para trás caso ela quisesse e às vezes só a observando pude nutrir um carinho por ela, não só por ela, mas também por sua mãe, que me recebia tão bem, mesmo na casa que não era dela. Ela procurava perguntar como eu estava, demonstrava estar aberta também para me ouvir não só como visitadora do PIM, mas também como Raysa. Até então, o convívio familiar que eu observava, me surpreendia, a maneira como conviviam e se tratavam, interagindo com as crianças, brincando juntos e incentivando. Foi a primeira família que eu atendi, apesar de saber que existem outras como exceção, onde o pai estava presente nos atendimentos.

Nesse meio tempo, meu vínculo com a Patrícia era sutil também, ia de criando aos poucos, digamos que a nossa convivência foi se tornando cada vez mais atenciosa, encaminhando para uma descoberta de amizade. Eu gostava de perguntar como ela estava, assim como ela fazia comigo, no sentido de querer ouvi-la de verdade, não ser uma demanda automática como visitadora. Após os atendimentos, eu a acompanhava no caminho para sua casa segurando a mão da filha, foi nesse caminho curto que surgia conversas sobre diversos assuntos. Quando ela soube que eu estudava teatro, vi o olho dela brilhar, demonstrando um

sorriso ela comentou comigo. **Patrícia:** *“Eu fazia teatro aqui no CEJAK com o Pantera, era tão legal! Eu adorava os jogos que ele dava, a gente fazia também algumas massagens, eu me sentia muito bem, é uma pena que terminou...Agora eu quero ver se faço um curso de artesanato lá no posto, eu adoro essas coisas, me envolver em uma atividade sabe?”* Eu fiquei mais feliz e surpreendida pelo interesse em comum com ela, o tempo era curto entre um atendimento e outro e ela geralmente também tinha alguma atividade para fazer após nossos encontros, mas ainda assim, em cada pouquinho de conversa a gente ia tecendo uma amizade, um espaço de escuta e troca. No tempo corrido, percebia que estava contido o carinho, atenção dela comigo, nas meias palavras e no abraço forte de dar tchau.

No entanto, em uma quarta-feira, cheguei na casa do pai e a Patrícia não estava, bati palmas, gritei, um homem jovem me atendeu dizendo que ela não estava ali, desisti e fui embora. Tentei mandar mensagem, mas não tive resposta, fiquei preocupada.

Na próxima semana, retornei lá, não era longe do CEJAK, na verdade a casa se encontrava nos arredores da Praça dos Cavalos, tinha duas opções: por cima era necessário atravessar o famoso valão, era um pouco difícil, não tinha muita passagem, era desbarrancado e a quadra ocupava parte do lugar. Já pelo outro caminho, era obrigatório passar pelo o chiqueiro que também próximo a quadra existia, o cheiro de esterco era inevitável, eu tentava respirar pela a boca, porque o mau cheiro era realmente forte e dependendo do vento, ele se estendia para outras partes da praça. Não posso dizer que gostava de passar ali, pois se eu seria hipócrita, algumas vezes senti nojo, mas depois fui me acostumando, afinal não sei com intenção, os moradores ali tinham a criação de porcos, mas talvez precisassem deles. Apesar disso, havia uma porca que convivia com os moradores e as crianças adoravam, volta e meia ela estava deitada na sombra e outras pegando um solzinho nos dias mais frios, ela tinha até atitudes de cachorro, bem tranquila com qualquer um que chegasse perto. Para os olhos de alguns pode ser desleixo ter esses porcos lá, mas eu não poderia julgá-los, já que escolhi aquele trabalho, escolhi estar lá e para isso eu deveria passar por lugares assim, que o meu privilégio era detectado e eu não poderia gostar, mas tinha que encarar, pois a minha situação era confortável comparada aos que moravam lá, que muitas vezes não tinham escolhas.

Quando cheguei, encontrei um dos irmãozinhos da Kauany. Ele estava em frente a praça olhando a vazia, ao seu lado estava um homem sentado numa cadeira de rodas, reparei que as condições dela eram bem precárias. Perguntei pela Patrícia. **Raysa:** *“Oi, eu vim fazer o atendimento da Kauany, tua mãe tá aí?”* **K:** *“A mãe ainda não chegou, espera um momentinho”* Ele foi chamar o pai, que me recebeu de maneira educada. **P:** *“Oi, eu vou ligar para ela.”* Pegou o telefone, procurou na agenda e colocou o celular na orelha. **P:** *“ô Patrícia, alô!! Tá me ouvindo? A mulher do PIM tá aqui para atender a Kauany, A MULHER DO PIM TÁ AQUI PARA ATENDER A KAUANY, VEM LOGO!”* Senti a rispidez no tom de sua voz. Por um momento me questioneei se ele estava se sentindo incomodado com os atendimentos, porque aquela foi a primeira vez que vi ele falando daquele jeito, ainda assim comigo procurou ser educado, com um tom diferente, seco, mas baixo. **P:** *“Ela já tá vindo!”* **Raysa:** *“Tá bem, eu vou esperar aqui.”* Fiquei ali só observando junto do menino e o homem na cadeira de rodas.

Em meu diário refleti sobre isso.

Diário:

Segui para o CEJAK, logo a Vera e o Andrei estavam lá, peguei o material e fiquei aguardando. Hoje o meu atendimento seria com a Kauany, cheguei lá e ela não estava, o irmãozinho da Kauany o Kauê estava conversando com um moço na cadeira de rodas, acredito ser irmão do pai. Enquanto a Patrícia não chegava, fiquei pensando nas diversas maneiras que as pessoas vivem, fiquei refletindo no sentido da vida, nas diferenças que encontrava todo o dia e que bom que eu podia enxergar elas. Eu pensei que a Patrícia pudesse não aparecer naquele dia.

Não posso dizer que seja fácil trabalhar lá, mas o bom é que os atendimentos me proporcionam esses momentos de ver o outro, ver outras pessoas e buscar entender como vivem. Bem, fiquei ali do lado daquele homem e realmente fiquei um pouco constrangida, pelas as condições que ele estava, além da cadeira de rodas estar num lugar embarrado e sujo. Olhar para ele assim, não me torna alguém melhor por sentir pena, pelo contrário, às vezes até ressalta um preconceito e a ideia de sempre querer ajudar, talvez por isso o constrangimento apareceu, senti vontade de dizer alguma coisa, uma certa obrigação por achar que vivo num lugar melhor que o dele, ao mesmo tempo que o cheiro do chiqueiro que existe logo ali, bem próximo me incomodou. É porque na verdade não deveriam existir essas diferenças tão gritantes. Pensei o quanto eles devem conviver com isso e até se acostumam, talvez eu até me acostumasse, tornasse aquilo normal, mas aí é que está a diferença, por causa de meus privilégios eu não irei me acostumar, apesar de momentaneamente aguentar algumas coisas.

Em seguida, a Patrícia chegou, a Kauany estava um pouco quieta, mas já senti uma grande diferença dela comigo desde o último atendimento. É engraçado, às vezes me desafio entender, não sei como essas crianças e as famílias me enxergam como visitadora do PIM, porque uma hora é “tia”, “professora”, “amiga”, “a mulher que brinca” não sei definir o papel que se cria quando inicio um vínculo, mas o que desperta e me toca é o quanto esse vínculo aumenta e tento lidar com qualquer diferença que está carregada em mim.

Durante o atendimento, a Kauany me chamou de “tia” e eu sei que ganhei ela de algum jeito. Montamos o quebra cabeça enorme, eu, os meninos e os pais, menos a Kauany. Porém, apesar dela ter participado só um pouco do quebra cabeça, ela queria me mostrar objetos a todo o instante, ou tentava formular perguntas para mim. Achei incrível, saí contente e muito alegre, pois eu sei que ela é uma criança que vai aprender brincando sozinha, instintivamente, não sei explicar o porquê que esses encontros sempre tiram um sorriso fácil do meu rosto, mais talvez do que pode significar para ela. Quando falei que tinha que ir embora e ela me ajudou juntar todas as peças do quebra cabeça, guardou na mochila e disse o famoso “deu” como se tivesse cumprido com seu objetivo. A Patrícia falou “Vamos levar a tia no portão?” e lá fomos nós três, me despedi do pai e dos meninos e fomos até o portão, chegando lá dei tchau e nada dela retribuir, naquele momento pensei, “Ixi... ela vai ter vergonha agora, depois de ter se aberto um pouco comigo hoje?” A Patrícia me disse que ela dá tchau, mas quando eu já estou longe. Me afastei um pouco dizendo “Tchau Kauany, tchau linda!” e acenando para ela, quando a mãe colocou ela no chão, ela disse “tchau tia” a mãe dizia: “Manda beijo Kauany”, e ela fazia o estalo de beijo e dava um pulinho ao mesmo tempo. Ganhei o dia, faceira que nem ela, mandava beijo

também, já longe ela continuava me olhando, até desaparecemos de vista. Saí com o um sorriso no rosto.

Depois desse dia, os atendimentos e meus encontros com a Patrícia não aconteceram mais, na casa ninguém me atendia. Fiquei chateada e intrigada, pois foi logo quando eu estava começando a me entender com a Kauany e já ia para os atendimentos inspirada pelo desejo de conhecer ela, não consegui o contato, mas tudo bem, eu seguiria tentando, ligando e mandando mensagens.

Certo dia, após chegar em casa do trabalho, estava indo ao mercado, quando recebo uma mensagem de voz da Patrícia através do WhatsApp:

18/07/2017, 13:46 - Patrícia PIM: Oi Raysa aqui é a Patrícia do PIM, é a Patrícia mãe da Kauany, só para avisar que no momento agora não vai poder ter mais os atendimentos da Kauany, tu não vai poder mais atender ela porque eu fui agredida pelo pai dos meus filhos, então eu não posso mais ir lá, eu tô com a medida protetiva.

Eu não sabia o que fazer, nessas horas me dei conta do quando está distante de nós poder resolver essas situações as quais as mulheres são submetidas, o quanto é difícil lidar com isso, mesmo eu sendo também mulher, a gente nem sabe como reagir. Respondi a ela:

18/07/2017, 16:34 - Raysa: Oi Patrícia, eu recebi o teu áudio só agora. Fica tranquila! Com relação aos atendimentos a gente continua conversando e vê o que a gente pode fazer para atender a Kauany tá? Fica bem viu? Qualquer coisa pode me mandar mensagem, áudio, o que for, mas tu está bem? Qualquer coisa que tu precisar tu pode me contatar tá? Sobre os atendimentos eu vou pensar em um jeito, vou conversar com a Marcela para ver se é possível a gente conseguir fazer o atendimento da Kauany em outro lugar. Beijos!

18/07/2017, 17:15 - Patrícia PIM: Sim Raysa eu tô bem. Ai qualquer coisa tu me avisa sobre o atendimento dela, eu não quero de jeito nenhum parar o atendimento, só que eu não posso ir mais lá...

18/07/2017, 17:42 - Raysa: Eu também não quero parar os atendimentos, até porque em pouquíssimo tempo, eu e tu, a Kauany a gente já criou um certo vínculo, mas a gente vai dar um jeito tá? Te cuida e qualquer coisa que eu puder fazer, estou aqui.

A verdade é que eu não poderia fazer nada, eu estava desconcertada, ela não quis falar sobre a agressão, em sua voz dava para sentir o tom de preocupação prioritariamente com a filha, sua voz vinha num tom baixo através das mensagens, ela parecia chateada.

Lugares desconhecidos

Dia de trabalho, de captar gestantes para o Programa, ainda a caminho da Vila, no ônibus enquanto analiso potencialmente um lugar que logo seria esvaziado, recebo a seguinte mensagem da minha assessora:

14/09/17, 08:22 - Bom dia filhotes! Tenho reunião hoje com a Tati. Não estarei com vocês. Subam até o posto da Vila Pinto e falem com a agente Onélia que indicará as ruas das gestantes. Hoje, somente se apresentem a elas, expliquem o programa e marquem as visitas para a próxima quinta. Tenho certeza que vocês conseguem fazer, amados! Só precisam saber as ruas, que o posto vai indicar. Beijos e um ótimo trabalho. Podem subir por umas 9:30, pois o posto estará muito cheio agora e elas estão atendendo. Mas a Onélia vai atender vocês!

O dia estava quente, pensei já depositando um certo cansaço no corpo porque teríamos que caminhar bastante, fiquei feliz de ter levado os óculos de sol, mas tinha esquecido de colocar protetor solar. Chegando no CEJAK, logo encontro Suelen, Carol e Andrei, reunidos na mesa de sempre ao lado esquerdo e ao fundo do refeitório, sempre o nosso cantinho. Andrei fala que já tem o nome das gestantes que só precisamos perguntar alguns endereços no posto, não entendo muito bem, mas concordo. Com um pouco de sono que ainda restava em mim, peguei um copo de café da térmica que fica no balcão do refeitório, tomo um gole de café no copo plástico e sento na mesa depositando a mochila. Os pensamentos conscientes sobre o copo plástico e o café aparecem. **Raysa:** *“Quando tomo café, lembro de trazer uma xícara, acontece que eu nunca trago e acabo tomando café quente no copo plástico, que além de produzir lixo, faz mal”*, estava sem vontade daquele dia, o banco parecia tão confortável, apesar de ser um pouco duro, logo atrás de mim batia um ventinho, não queria sair dali, porém logo seria necessário. **Raysa:** *“Tá! Então a gente espera umas 9h30 e vai para o posto?”* Todos concordaram, a Carol estava em seu mundo paralelo, mal conversamos, Andrei me entrega um papel que quase não era possível entender o que estava escrito, ele me explica sobre a Carol me "dar" alguma gestante para eu não ficar sem (como se elas fossem objetos) apenas concordei, tentaria fazer o que tinha que ser feito. Abri o mapa do celular e fui buscando o nome das ruas que eram um pouco confusas, seus nomes eram letras ou números, mais ou menos identifiquei as que eu buscava, mas inevitavelmente teríamos que ir no posto porque não acertaríamos todos os lugares.

Chegada a hora, saímos em grupo, eu usava apenas o colete, é bom para proteger os ombros do sol. Cruzamos a Praça dos Cavalos, que naquela hora pela a manhã já víamos as crianças brincar nos balanços, correr livres, rir como se alguém as fizesse cegas, mesmo que a grama estivesse um pouco grande, já por cortar, elas estavam ali, nos mostrando como

aprendem e como ensinam a vivenciar as sutilezas da vida. Apesar de não pertencer aquele lugar, no sentido de não ser moradora dali, me reconheço ao olhar para as crianças, me sinto muito tranquila, vendo aquele cotidiano das famílias limpando pátio e vizinhos conversando, esse universo não parece muito distante, porque muitas dessas vezes que observo a Vila e a rotina das famílias, a forma como elas se relacionam, lembro de onde eu vim e cresci até aproximadamente os cinco anos de idade, a própria Praça dos Cavalos, lembra a praça da minha infância da Cohab, na querida Guabiroba em Pelotas – RS. Até hoje é um símbolo do brincar, de me sujar, de correr e de não existir perigo, me parece que as manifestações artísticas já vinham desde lá, pois nós as crianças não podíamos nos conter dentro de pequenos apartamentos. Há tantas histórias naquele lugar, assim como há na Vila Pinto, lugar de diferentes culturas, gente trabalhadora, sem tetos, mulheres, mães e suas crianças. Nas minhas memórias inventávamos a arte, o teatro, o carnaval com o que tínhamos, a minha praça que parecia enorme quando eu era criança, também deve ser para elas, os pequenos da Vila Pinto. Na convivência que tínhamos com as famílias, com a vizinhança, o brincar que a rua traz, está regado com uma sensação de liberdade, apesar de todas as realidades e durezas muitas vezes não vistas e compreendidas quando ainda não somos adultos. Lá na Guabiroba eu andava com minha irmã e meus irmãos que eram maiores que eu, mas não importava a tua idade, as crianças pareciam andar em tribos, pois os que eram maiores ficavam na responsabilidade de cuidar de irmãos e irmãs menores (como era o meu caso) na hora do torneio de futebol, dos amigos secretos, dos piqueniques, as brincadeiras contemplavam diversas idades. Na minha visão, tudo era muito coletivo. Num dia de carnaval, não foi diferente. A ideia era montarmos um desfile, recordo com carinho e orgulho da emoção de preparar tudo, a organização e também da distribuição das alas. Como eu era bem menor, eu e mais outra amiga da mesma idade, faríamos o desfile como comissão de frente, montadas em nossos triciclos infantis que chamávamos de “motocas”. Os maiores iam atrás, tínhamos até porta bandeira e mestre-sala, bateria com instrumentos de sucata e tudo. Passamos horas e horas fazendo nossas fantasias de carnaval, nada mais e nada menos do que roupas feitas com jornais e revistas. Os instrumentos da bateria eram compostos com latas, caixas e tudo que desse para fazer barulho, nosso mestre sala e porta bandeira utilizavam uma vassoura e um pano como bandeira. Nosso objetivo era ter o nosso próprio carnaval e sermos vistos, ao meu entender principalmente por nossos pais, queríamos mostrar o nosso feito, a nossa criação, lembro muito dessa sensação de querer ser vista e ter um certo medo, mas ao mesmo tempo ter os outros ali, estarmos juntos e ser uma criação coletiva. Posso dizer que também não faltou o samba enredo e nossas vozes de crianças querendo expor o nosso brincar. Por que assistir da televisão, se podemos fazer o nosso próprio carnaval? Lembro com tanta saudade desse momento, que inevitavelmente andar pela a Vila Pinto me permite tele transportar novamente para a Guabiroba, para o meu eu criança.

Acredito que o artístico já vinha dali, do carnaval inventado, das narrativas e dos personagens criados quando pai e a mãe não estavam. Por outro lado, é duro hoje saber que ali moravam pessoas que mais tarde se envolveram com o tráfico, ou meninas que levaram a se prostituir porque esse era um meio de ganhar a vida. Também lá tinham casas que sabíamos que eram ocupadas, gente morando em garagem, os pequenos mercadinhos, as poças, valetas, vizinhos que assustavam as crianças e outros que deixavam brincar em seus pequenos pátios. Talvez por ter crescido lá é que eu penso o quanto a educação popular, o

olhar sensível, as escutas são importantes. Hoje ainda me sinto enraizada naquela praça, que tive o privilégio de poder revisitar algumas vezes, ainda que na memória quando eu ia trabalhar na Vila Pinto.

Diário:

Nesse sentido, quando vou trabalhar na Vila Pinto também me conecto com as minhas memórias de infância, do brincar e de ser criança, vendo as próprias crianças da Vila Pinto em mim. E é nessa possibilidade do que fica, entre o convívio social e coletivo é que torna para mim o sentido próprio de comunidade, torna cada memória um aprender em coletivo, em ver o outro, na busca estar junto.

Depois de lembrar desses momentos, chegamos no outro lado da praça, onde teríamos que atravessar uma veleta para chegar na rua do outro lado, é obrigatório atravessar um pedaço de madeira que foi colocado justamente para que as pessoas pudessem transitar. Encarei a madeira que parecia um pouco frágil, quis passar rápido, mas pensei que teria que usar uma determinada delicadeza, andei com um passo miúdo e procurei ser rápida. Já na rua, alguns moradores nos olham, ainda que fossemos conhecidos muitos nos confundem com agente de saúde ou conselho tutelar, por causa do famoso colete. Indiquei o caminho, dizendo que tinha uma lomba que saia num caminho mais próximo ao posto, melhor do que dar algumas voltas. Achei engraçado conhecer bem os lugares, os becos, as ruas, que antes era bem difícil identificar e quem dirá andar sozinha, é bom sentir a segurança de estar ali.

Até que chegamos rápido ao posto, algumas pessoas estavam sendo atendidas, resolvemos esperar, sentamos nas cadeiras do lado de fora que não estavam sendo ocupadas. Havia uma mãe com duas crianças, um menino que aparentava ter aproximadamente uns seis anos e sua irmã um pouco mais nova, no pátio do posto tinha uma bela árvore com pedras grandes, senti vontade de me sentar ali, na sombra. O menino era quase inquieto, não ficava parado de jeito nenhum, a menina queria acompanhá-lo e a mãe queria dar conta de segurar os dois ali ao lado dela. Volta e meia ela chamava atenção, pedia para se aquietarem, as crianças ficavam alguns segundos e logo perdiam de vista, o menino buscava cuidar da irmã mais nova – lembrei de brincar com meu irmão mais velho Lucas, que sempre me cuidava assim como o menino com sua irmã – ele ensinava a por onde ir, aonde subir de uma maneira tão delicada que por ora, quando a menina ia para o lado da mãe ele se escondia e ela ficava chamando por ele, isso parecia algo tão natural, um companheiro do outro, aquilo podia me entreter facilmente, parece que as crianças são inquietas por natureza, acompanha uma facilidade de subir em lugares e ao mesmo tempo estar sempre perambulando para um lado ou outro, a mãe começou ficar um pouco irritada, pegou o celular da bolsa e deu para a menina, a criança colocou um joguinho quase que hipnotizada, seu olhar era fixo na tela, com as mãos tão pequenas que quase não conseguiam segurar o celular direito, foi necessário sentar no banco, mesmo sem ter como encostar seus pés completamente no chão, ali ela ficou. Já o menino, continuava perambulando pelo pequeno espaço verde.

Em seguida, a Marcela chegou, aguardamos mais um pouco, eu não quis entrar, pois o espaço físico do posto já era bastante pequeno, era possível ouvir a voz da Marcela conversando com algumas pessoas, até que ela me chamou, entrei e sentada ao lado do marido e algumas crianças na volta, estava uma gestante, a Marcela me apresentou

informando que eu atenderia, a própria gestante pergunta: “*Mas é obrigatório esse PIM?*”
Marcela: “*Não é obrigatório, mas recomendado pelo o posto.*” Eu não pude falar, nem conter os meus pensamentos que concordavam com moça também questionando. Não que eu não quisesse atender, porém a necessidade precisa vir da pessoa, o posto não fala do PIM e nós mesmos tínhamos que fazer uma autopromoção do programa, fiquei um tanto confusa, afinal, as gestantes não sabiam que seriam atendidas? Eu pensei que sim, depois de tanto tempo de PIM, fiquei meio incrédula. A moça aceitou, mas ainda com dúvidas, olhando para mim como se pensasse como uma moça que nem eu seria mais experiente que ela que já tem filhos? O que eu poderia ensinar a ela? E para mim realmente não fazia sentido. Penso que as instituições forcem determinadas situações para mostrar serviço, claro, acho importante qualquer pessoa ter um acompanhamento, porém, me parece que é necessário ter o controle sobre os corpos, sobre as pessoas e principalmente sobre aquelas mulheres. Nesse momento, eu já estava descrente de muita coisa, diferente da Raysa que entrou no PIM, nem questionaria, faria exatamente como pede o trabalho. Percebi que já estava exausta com essas situações e que aquilo já se tornava recorrente, o cansaço de lidar com as questões que deveriam ser mais humanas, que deveriam ser menos mecanizadas, mas que são burocratizadas. Ainda assim, apesar do dia ter começado arrastado, o aprendizado constante com uma realidade diferente, o contato com as crianças e o carinho das mães, aquela vivência fora dos padrões de atendimentos sempre aconteciam, era possível torna-los muitas vezes divertidos, ainda mais com o carinho com que muitas mães nos recebem ao fazer atendimento com as crianças.

Saímos do posto, eu junto com a Carol fui em busca das tais gestantes, aprendemos logo de cara mais ou menos o endereço das ruas, que não fugia muito da localidade do posto. Foi interessante perceber os lugares desconhecidos e o quanto nos acostumamos com uma região da Vila (a que mais eu atendia) e quando saímos da zona de conforto e estávamos enfrentando lugares desconhecidos, diversos olhares nos acompanhavam pelas ruas, pequenos becos. Os carros que transitavam por ali, levantavam poeira de areia sobre nós, mais do procurar as mulheres gestantes, estávamos conhecendo um pouco mais da Vila. Próximo à rua do posto, estavam alguns homens trabalhando na obra de uma casa, com educação, pedimos para informar onde ficava o beco K, ele apontou para um beco, quase do tamanho de uma porta, disse que lá teria uma escada e poderíamos descer e dobrar a esquerda que sairíamos na rua. Ele ressaltou que poderíamos ir sem medo. Fomos sem receio, conversando sobre coisas paralelas da vida, saímos no meio de algumas casas, onde podíamos ouvir a discussão entre família de uma das casas que estava à esquerda, na direita uma senhora resmungava enquanto limpava seu pátio que parecia ser a parte dos fundos, não podíamos vê-la, apenas ouvia a sua voz ranzinza, ela atirava pedras contra o portão de madeira e o barulho assustava, tinha depositado ali uma força que vinha no formato da pedra sendo arremessada contra o portão. Falei para a Carol. **Raysa:** “*Vamos passar rapidinho.*” A Carol me olhava com os olhos esbugalhados e ria, estávamos nos aventurando. Descemos o final do beco e na esquina se encontravam dois meninos fumando, não precisamos falar nada, apenas chegamos para eles e perguntamos sobre a moça que procurávamos “*Sabe qual é a rua K*” educadamente eles se olham, olham para nós e apontam. **M:** “*Olha moça acho que é para lá.*” Era notável que eles eram olheiros, controlavam o movimento. Agradecemos e seguimos andando, perguntamos para um ou outro morador pelo nome da moça e nada.

Saímos na rua K que é a mesma rua L, foi bem difícil achar em números, por um momento até senti uma certa insegurança, mas depois que conversamos com os meninos e eles foram totalmente educados, ficamos tranquilas. Naquele momento pude compreender que se as pessoas te tratam bem, independente de quem tu seja e independente de que eles sejam, o que vai manter a convivência boa é a relação que tu estabelece com o lugar, com as pessoas, de que maneira em que tu te coloca frente às questões que o determinado lugar te propõe. Claro, não é possível eu me despir de todos os meus preconceitos, mas quanto mais eu conhecia, andava pela Vila e me relacionava com as pessoas, comecei abandonar o medo, o olhar julgador que às vezes é até inevitável desfazer rapidamente algumas ideias e opiniões já plantadas e naturalizadas em nós, mas ter a consciência de uma realidade diferente da minha, é um aprendizado lindo, e me desfazer de ideias e preconceitos que eu posso reproduzir como natural, aprender mais sobre o outro, é uma das melhores noções que essa experiência me proporcionou.

Enquanto voltávamos para o CEJAK percebo a minha testa pingar de suor e apesar daquele dia não ter começado com o melhor humor, eu estava satisfeita de conhecer mais daquele lugar, a Carol me olhou, quase dando um meio sorriso, seu olhar era de companheirismo, de aprender e vivenciar algo novo juntas! **Carol:** *“Acho que perdemos o medo né guria?”* Sorri. **Raysa:** *“Sim, é tão bom se sentir tranquila para andar nos lugares, ao mesmo tempo que deve ser estranho para algumas pessoas estarmos aqui, tranquilas.”*

Contraste

Poucos dias após esse episódio, eu saía da Vila bem tranquila no horário mais tarde do que o comum, tive que fazer horas a mais, por isso quando bati o ponto na escola eram em torno das 14h00, a Carol às vezes não me acompanhava na saída, pegava a bicicleta e saía correndo para ter tempo de almoçar (quando almoçava) e ir para aula. Desci o morrinho da escola, passei na Grazi como de costume, dei tchau para ela e um beijo no Gus, era um dia ensolarado e quente, minhas costas em contato com a mochila transpiravam, mas eu não me importava de caminhar, ainda mais quando era o momento de ir embora, gostava de absorver os sons, cumprimentar as mães conhecidas, ver as crianças correndo na rua depois do almoço, ouvir o barulho das suas vozes e risos, capturava os sons daquele cotidiano. Ao sair da Vila, era possível sentir o ar quente, que batia no rosto, às vezes eu pensava nos compromissos que tinha por fazer depois de chegar em casa, mas a vontade era de dormir, relaxar e eu podia fazer isso, diferente daqueles que trabalham o dia todo, que então só teriam as suas horas de descanso quando chegavam em casa, provavelmente no final do dia ou a noite. Quando vinha dobrando o caminho contornando a parede imensa de concreto, sempre na calçada pelo lado esquerdo, pois é o lugar acessível e já pré-determinado para os pedestres, já que no outro lado, não tem calçada, é uma rua de areia, onde os carros quase passam por cima das pessoas. Olhei para o chão seco, sem a presença das poças d’água que ali já foram absorvidas. E apesar do calor, o muro de concreto parece tão frio, cinza que ele lembra uma prisão, é engraçado, porque ainda tenho uma visão dos trabalhadores daquele centro administrativo como encarcerados, para entrar, somente com identificação, as pessoas que ali trabalham também usam crachás, tudo é muito controlado, quem entra e quem sai, me questiono. **Raysa:** *“Será que se esse prédio não estivesse localizado na saída da Vila seria assim? Tudo*

*tão controlado?” É estranho pensar numa desigualdade tão próxima, de um prédio gigante empurrando ainda mais os moradores da Vila para os arredores. Para uns aqueles muros de concreto ali pode significar um alívio, sinal de segurança, mas para mim não. Quando estou em frente à entrada principal, passo por uma recepção tomada por vidros onde inviabiliza enxergar ou identificar quem é que trabalha do outro lado, é como um espelho, toda vez que passo, meu rosto se reflete ali. Percebo um carro, que me acompanhava devagar quase parando, uma mulher baixa o vidro do carro e me chama. “Moça, quer uma carona?” Penso. **Raysa:** “Será que eu conheço ela? Às vezes eu também não enxergo direito sem óculos.” Finjo não ver, e imagino que se fosse alguém conhecido, insistiria. Ela insiste em me chamar: “Moça, quer uma carona?” Fico curiosa...Carona? Difícil alguém me oferecer carona, ainda mais aqui. Respondo. **Raysa:** “Não, não precisa, muito obrigada.” Eu estava realmente tranquila. Ela insiste mais um pouco, fico intrigada, mas vou caminhando a passos lentos indo em direção ao carro. Moça: “*Entra aí, posso te dar uma carona.*” Fico na dúvida, mas entro. Eu ainda estava de crachá e colete o que dava a certeza que eu não era moradora da Vila, caso fosse, ela me daria carona? **Moça:** “*Tu trabalha aqui na Renner?*” **Raysa:** “*Não, eu trabalho aqui na Vila Pinto, atendendo as famílias e crianças...*” Vendo que se confundiu ela responde. **Moça:** “*Ah, pensei que tu trabalhava aqui na Renner, não é muito comum essa hora ver muita gente caminhando aqui, ainda mais de tarde que está todo mundo trabalhando. Eu sempre ofereço carona, ainda mais para mulheres, porque acho perigoso andar sozinha aqui.*” **Raysa:** “*Olha, eu já estou acostumada pegar ônibus todo dia, na verdade acho bem calmo andar por aqui, mesmo de manhã bem cedo ou de tarde, até porque eu trabalho aqui, na Vila.*” Enquanto eu conversava percebia meu corpo inquieto, articulando as mãos vários gestos sem ter muita consciência do que estava fazendo. Enquanto ela não falava exatamente quem era, eu achava estranha aquela situação. Penso. **Raysa:** “*Agora já foi, aceitei, vou deixar ela me levar até a parada só.*” Chegamos na CEEE. **Raysa:** “*Eu vou pegar o ônibus aqui mesmo, na Ipiranga, já está ótimo viu?*” **Moça:** “*Mas aonde tu mora?*” **Raysa:** “*Eu moro na cidade baixa.*” **Moça:** “*Que ótimo, eu também! Ali na Sarmento Leite quase ao lado do hotel.*” Surpreendida com a coincidência falo também. **Raysa:** “*Ah sim, conheço bem, meu namorado mora ali em frente e eu na República.*” Ao mesmo tempo penso que estou dando informações demais para uma desconhecida. **Moça:** “*Ah então não tem problema, te deixo lá, é bom ir conversando com alguém.*” **Raysa:** “*Sim, sim...*” Ficamos em silêncio. Até que ela fala. **Moça:** “*Eu trabalho algumas vezes para a Renner, então eu sempre estou por ali, mas tu não tem medo de trabalhar lá? Esse trabalho é na escola?*” Explico para ela como funciona o meu trabalho, ela acha interessante, vamos conversando o caminho inteiro sobre diversos assuntos, mas ainda assim, acontece uma estranheza, porque ao mesmo tempo que você aceita uma atitude de uma estranha, é difícil simplesmente confiar. Automaticamente eu fico confabulando histórias de quem a pessoa é os motivos a querer me dar carona, desconfio, mas entendo a atitude dela. Quando chegamos na cidade baixa ela fala que se chama Rosane, ela estaciona o carro na Lima e Silva e ela agradece o papo, brinca me chamando de ‘vizinha’, dou uma risadinha meio estranha, desço do carro com um alívio, mesmo tendo conhecido um pouco ela, agradeço e vou para casa.*

Diário:

Hoje em uma das minhas conversas com o Mesac, contei para ele a história da carona, ressaltando o quanto é engraçado algumas pessoas terem a ideia de que é muito perigoso andar lá na vila sozinha, ainda mais quando tu é mulher. O Mesac me fala sobre o quão interessante é a forma como eu me senti estranha e desconfiada ao aceitar a carona, talvez eu não tivesse me dado conta de uma questão importante nessa história, perceber que eu poderia desconfiar até mais da mulher que estava me dando carona do que um traficante que tivesse lá que eu encontrasse no caminho e necessitasse pedir uma informação, porque ele talvez não fosse me fazer nada, já que eu e ele conhecíamos o protocolo do lugar. Ele me fala que isso é também uma questão de cunho social, pois para ele é profundo isso de que por um momento, um homem que está ali dentro (da Vila) está submetido a um protocolo de não me tocar ou em outras mulheres diferente de um cara que eu posso encontrar aonde eu moro, andando na madrugada, pode ser um cara qualquer de classe média e tudo mais, mas pode criar situações de constrangimento que de repente na vila eu não vá sentir, isso não quer dizer que aquele lá (da vila) não seja necessariamente machista, mas dentro daquele protocolo e contexto ele não vai me machucar. Mesac: “Isso me leva a pensar algumas questões da nossa civilização que trata com protocolos e acordos, se eu fizer um acordo contigo eu não vou te machucar, não porque eu sou melhor, mas é porque eu combinei com você que naquele contexto, naquele espaço, não. E se isso fosse estendido a outros contextos e a outros espaços, não precisaria ter um discurso de uma cura de machismo, você cria mais uma noção de um contrato social.” Isso que ele me fala, me faz refletir sobre a maneira em que eu busquei me colocar naquele espaço, procurei me relacionar com todo mundo, pedir informação quando necessário, cumprimentar, sem medir o que a pessoa faz, sem julgamentos. E assim também só tive de retorno respeito e ajuda.

A insistência e paciência meio às vozes de outras mulheres

Foi em uma daquelas manhãs que eu estava cansada, queria só cumprir com as tarefas que tinha, pensei ter um pequeno momento de descanso antes de começar os atendimentos. Quando chego na sala da escola José Mariano Beck, onde atendíamos algumas crianças, me deparo com a Carol sentada em volta de uma das mesas, com os pés na cadeira e uma tranquilidade imensa, um livro aberto sobre a mesa, nos cumprimentamos, creio estar vestida com uma das que não era uma das melhores, sem muita paciência para aquele dia, para as pessoas. **Carol** “Vou ler um poema pra ti, Axé...”

*Axé para as mulheres que fazem da vida a sua eterna filosofia
Axé para as que às seis da matina levantam,
acordam seus rebentos
e fazem das 24 horas diárias instantes de magia
Axé para aquelas que carregam nos braços suas crianças
e na alma, a esperança,
e vão a labuta, na luta do dia a dia.
Axé para as que aquecem o peito de seus pequenos
com um simples e abençoado café
Axé para aquelas que fatiam o pão sem manteiga e,
na falta de sucrilhos, adoçam a vida dos filhos*

*com seus confidentes sorrisos pra o que der e vier
Axé para as que enfrentam o frio das manhãs
calçando seus sapatos sem meias nos pés
Axé para aquelas que se deslocam nos lotados ônibus e trens
com seus míseros tostões
Axé para aquelas que todo o dia se descolam seu salário
com sangue e suor, no trabalho, na obra, na fábrica,
na empresa, na escola para alimentar suas crias
de bocas famintas.
Axé para as que enfrentam, na casa da patroa,
sofisticadas cozinhas, que se dependuram nas janelas,
na lavagem das vidraças, sem a proteção que deveria.
Axé para as que fazem milagres com quitutes,
caviars, com jantares que, na sua casa, jamais teriam
Axé para aquelas que nos leitos de hospitais são anjos maternais
Axé para aquelas que, nas noites de festas, batalham
nos barzinhos, cantam, interpretam, tocam para simplesmente
ganharem alguns tostõezinhos.
Axé para aquelas que lutam por seus direitos e
enfrentam preconceitos surreais
Axé para as que adotam filhos alheios, amamentam com
seus peitos, dão aconchego em seus precários lares,
nos quais muitas delas são mães e pais
Axé para as avós, mães, irmãs, tias, amigas, criaturas de
todas as etnias, brancas, sararás, morenas, índias, negras,
que, na verdade, são todas iguais
Axé para aquelas que, ao serem estupradas, são desacreditadas,
engolem sapos, preconceitos, mas de si não desistem,
pois sabem muito bem o que querem
Axé para aquelas que, embora traídas por seus companheiros,
dão o troco e nesse jogo vão seguindo seus destinos
sem nenhum medo sequer
Axé para as que são corpo e alma
E que, em falando de amor, nem o céu é o limite
Axé para todas as meninas, jovens, maduras, idosas,
pra essas deusas, musas, musas que vieram comandar nosso planeta,
com garra e fé.
Axé para mim, para as Cristinas, Anas, Naras, Conceições,
Terezinhas, Iaras, Bethes, Joices, Nádias, Pâmelas, Mariettis,
Célias, Kyzzyz, Lilians, Isabetes, Renatas, Fátimas, Marias,
enfim, para todas que matam um leão por dia e não perdem
o que há de mais sagrado: a força que emana de seus corações.
Axé! Para aquelas que no cotidiano sempre se renovam
com suas forças resilientes, essas doces e sábias
guerreiras mulheres!*

Delma Gonçalves

Eu queria ter tido mais paciência para me dar conta da sutileza daquelas palavras, que só depois dei valor, e fui buscar ler com calma, nossas energias eram opostas naquele

momento. Queria ficar sossegada, me concentrando em outras leituras, pensei que ouvir um poema não teria problema e estava desperta, buscando ouvir com atenção. Porém, a Carol tinha um desejo profundo de continuar e assim seguiu com as suas declamações em voz alta:

*Os meninos engraxates
não usam sapatos.
Isso é fato!
Que a nossa falta de tato
não deixa perceber:
a falta do sapato
a falta do afeto...
A graxa do sapato
é da cor do menino
e o brilho do lustre
reflete em sua face.
Enquanto lustra o sapato
ele pensa que não há sapatos
para calçar...
E aquele que está lustrando
não é o seu número!
Não é o seu número!*

Ana dos Santos

Percebendo que os olhares não estavam todos nela, já com meus colegas também na sala, a insistência faz com que ela ache que deve aumentar o volume de sua voz, feito criança que quer chamar atenção. Tento prestar atenção no livro que já tinha retirado da mochila, a sua voz está penetrada na minha cabeça, é impossível me concentrar nas duas coisas ao mesmo tempo, me seguro na cadeira tamanha era a minha irritação, ainda assim ela segue:

Obstáculos

*Sou negra...
Sou mulher...
Sou guerreira...
Pele suada...Surrada
Que não desiste...
Insiste em assumir a sua negritude
Que ama, mas não quer só prazer
É muito mais... É determinação!
Esta alma guerreira
De Dandarás, Anastácias e N'zingas
Que habitam em mim
Inquieta-me
Explora meu corpo...Aflora...
E a cada curva bem ou mal delineada
Vou superando obstáculos...
Nessa guerra
Contra todas as formas de violência.
Sou negra...Guerreira!*

*Sou mulher...
Sou ancestralidade!
Tenho uma história de sacrifícios, vitórias e superação.
Exijo respeito!*

Isabete Fagundes Almeida

Carolina Guerreira

*Nasceu de pele preta
Pobre, favelada
Nasceu como muitas...
Fazendo parte dessa escrevidão moderna:
“a fome”*

*Nasceu negra, mulher, guerreira
Não se acomodou diante de tanta miséria
E fez de seu dia a dia
Uma batalha de sobrevivência*

*Nasceu
Para viver em uma sociedade
Desigual...
Cruel!*

*Nasceu para ser ignorada
Sem oportunidade de ascensão social*

[...]

Isabete Fagundes Almeida

Ela demonstra estar impressionada com o que lê, e não quer parar, mas também não entende, a hora, o lugar de estar de poder dizer aquelas poesias. Desisto da minha leitura e me fecho numa cara amarrada e com pouca percepção dela, não me atento mais para o que estava sendo ouvido. Observo os colegas na sala e ninguém fala nada, inclusive eu. Levanto e saio, na esperança de que ao voltar, as declamações já estivessem cessadas. Somente depois me interesso pelo conteúdo, só me dando conta ao buscar com calma os poemas, que muitos podiam estar presentes aqui. Apesar da irritabilidade que tomava conta de mim naquele momento, durante toda a minha relação com a Carol há algo que me segura, que envolve a nossa amizade a ponto de me deixar pacífica, a ponto de querer também a compreensão dela em determinados momentos, mas assim é que se tecem as nossas relações, o nosso vínculo, no sentido de às vezes entender a minha irritação por algo banal e deixar passar. Não estava no meu tempo para escutar, estávamos com energias que não se atritavam, mas eram opostas. Hoje, ao olhar para esse momento, acho engraçado, tenho vontade de rir, além desses episódios compartilhados lá, penso que nem sempre estamos disponíveis ao outro, existe o tempo certo para isso, que definitivamente, não era naquele dia.

Me atentando agora para essas palavras, que faço questão de estar contida aqui, não só descritas nesse momento citado, mas acho importante histórias escritas através das mãos de outras mulheres, desconhecidas, mas que me foi apresentada, através da voz da Carol.

A ideia dos encontros teatrais com as mulheres

Conforme fui vivendo minhas experiências na Vila Pinto, conhecendo cada mulher, cada história, eu sentia uma necessidade de trazer os encontros ao acaso para um espaço que eu pudesse usar o teatro de uma maneira transformadora, através de propostas de jogos e exercícios, buscando criar um lugar de escuta e compartilhamento, sem me dar conta que o teatro já estava contido naquele cotidiano, naquilo que se tecendo aos pouquinhos. Hoje compreendo que a questão teatral que permeia a minha escrita está nas vozes dessas mulheres, que ora são em cenas e ora são em escritas memorialísticas, porém, quando eu interpreto, atuo e crio, me apego na busca em observar as pessoas, no ato de ver como elas pensam, como elas se movimentam, como falam, como se relacionam e isso geram reflexões para uma criação artística. Através do vínculo criado com essas mulheres, entendi que não necessariamente o teatro precisa estar contido num espaço de uma sala. Enquanto eu formulava a ideia, sugeri a elas encontros teatrais de mulheres. Porém, foi através da escrita que comecei a entender o que eu queria com esses encontros, eu buscava respostas, que geralmente não eram bem desenhadas. Nas minhas escritas no diário, sem perceber já estavam contidas algumas sensações significativas que aqueles vínculos me proporcionavam, mas que até então eu ainda não tinha descoberto o sentido daqueles vínculos e a parte do teatro enraizado nele, não conseguia enxergar onde estava o teatro se não existisse as propostas teatrais na prática. Eu estava condicionada e habituada com o teatro ligado ao lugar, sala, corpo em ação, sem perceber que meu olhar já procurava outros lugares, outro sentido para falar sobre teatro e pedagogia, tudo isso estava imerso na cotidianidade.

Diário:

Eu não posso apontar exatamente quando foi o início do meu interesse por educação e teatro, mas entendo que para estudar, trabalhar com essas duas ferramentas elas precisariam ter uma função na sociedade, no sentido de fugir da prática de ensinar como se eu pudesse deter um conhecimento e só repassá-lo, assim como não faz sentido usar o teatro apenas como entretenimento. Acredito que essas ferramentas são também maneiras de lutar e fugir de um cotidiano mecânico, são formas de expressar e poder se ver no outro, ouvir. Os encontros com essas mulheres, são respiros que me transformam, deixam meus dias não tão normatizados e naturalizados. Que eu tenha a felicidade de encontrar pessoas que aguça mais o meu olhar para essa vida, que desperte as diferenças de ideias e realce o coletivo.

A minha busca está nas possibilidades existentes de criar com o outro, através de ações coletivas, de gestos, brincadeiras, através do ato de poder tocar a outra, ouvi-la e ser ouvida, gerando a troca e o fortalecimento de ideias. Não há uma definição para o que será criado, quero valorizar o processo de estarmos juntas mais do que o resultado de um trabalho cênico e bonito. Gostaria que o ato de fazer teatro pudesse nutrir a vivência entre mulheres, conhecendo mais um as outros, conhecendo histórias, descobrindo diferentes culturas, modos de pensar, viver, agir, experimentar o que eu posso vir a ser, ou vendo o que já sou, através da consciência do que se é ou através do olhar do outro.

De início fiquei preocupada que as gurias não quisessem participar, meus pensamentos desacreditados me diziam que não daria certo. Então, preferi conversar com a diretora da escola, na busca de uma sala, um lugar para que os encontros acontecessem, já que dentro da escola, entendia que era possível dar certo e queria que desse certo.

Diário:

Pensei em falar com a diretora, fiquei um pouco receosa, mas precisava buscar um lugar e ouvir alguém dali sobre a ideia. Conversei com a Angelita (diretora da escola) apresentei a proposta e ela adorou, pediu que eu enviasse o projeto e disse que inclusive tem uma sala que eu poderia utilizar. Achei lindo, fiquei muito contenta, ela é sempre receptiva e disposta, interpretei o olhar dela como quem realmente acredita nisso, no projeto que ainda não está pronto. Ainda assim, penso que não são todos que são assim, disponíveis como ela. Quase não conseguimos parar de falar, foi muito interessante saber o que ela pensa sobre teatro, o quanto está disposta a me ajudar. Combinamos uma data para eu enviar o projeto via e-mail e se aprovado, continuamos o processo.

Depois de entregar o projeto, pensei que seria rápido, mas a demora foi cansativa, tive medo de não ser aprovado, ao mesmo tempo o PIM estava me sufocando, me condicionando cada vez mais, eu estava cansada de estar ali como visitadora, eu queria estar com aquelas pessoas, convivendo, mas não trabalhando no PIM, as cobranças não faziam condiziam com o trabalho, não agregavam, não ajudavam nos atendimentos com as famílias, isso me deixava exausta e desacreditada naquilo que eu queria acreditar e depositar força de vontade.

Diário:

Hoje acordei super atrasada, peguei o ônibus bem cansada. Já era às 08h fui em direção a parada buscando encontrar a motivação para ir trabalhar. Às vezes a coordenação do PIM não se dá conta o que contato que temos com as famílias vem antes de qualquer programa, ao menos é assim para mim. Quando eu estava subindo a pé, a Marcela estava indo de carro, foi bom ela ter me dado uma carona, mas ainda assim, teria que ir na escola bater o ponto. Na verdade, não queria encarar a Angelita, pensei em falar com ela, saber se tinha alguma ideia do projeto, mas da última vez a resposta dela é que ainda estava esperando o retorno da SMED. Estou bem preocupada com isso, com medo de não dar certo, se é que é para dar certo ou errado.

Depois de um dia cansativo eu acho também não transparecendo para as próprias mulheres o medo desse projeto. A burocracia ia matando as possibilidades que eu tentava encontrar ali, meus pensamentos demonstravam o medo de talvez não levar em consideração a realidade das mulheres, pois apesar delas demonstrarem interesse em participar, eu ainda estava confusa com relação a necessidade que viam nisso, em estar juntas numa sala fazendo teatro, tinha medo de forjar a própria necessidade delas para criar um projeto utópico, ilusório, conforme a minha realidade e conhecimento do teatro, conforme a minha vontade de escrever sobre elas e querer estar junto criando algo artístico. Quando eu menos esperava, no final de dia, recebo um áudio da Carol:

Carol: Oi miga, só para te avisar que o teu projeto foi aprovado daí tu tem que falar com a diretora da escola e tal para ver isso, tá? Beijo!

Aquilo me recobrou o ânimo, era possível sentir na voz dela uma alegria contida por estar dando certo.

No outro dia, fui correndo falar com a Angelita, estava muito ansiosa, mas ainda tinha etapas para definir e alinhar melhor sobre o projeto, não me dando o conta o quanto ele também estava um pouco padronizado e burocrático.

Diário:

A sala que a diretora me apresentou é muito legal, tem um espaço bacana para trabalhar, combinamos que a disponibilidade da sala ficaria marcado para as sextas-feiras, mas ainda tenho que confirmar o horário, é possível que seja no final da tarde para abarcar o maior número de mulheres. Tive uma súbita impressão que a Angelita me achou insegura, talvez estivesse mesmo.

Demorei para definir o que exatamente trabalhar com o grupo de mulheres, para mim é muito difícil definir as coisas, está tudo na minha cabeça e sei que quero trabalhar com a memória, corpo e construção cênica, mas também acho interessante trazer aspectos do teatro do oprimido, teatro fórum, onde através de cenas possam surgir debates e conversas sobre o que está sendo mostrado e criado. Porém, gostaria que os encontros pudessem se dar de maneira mais livre, não queria ter exatamente que desenhá-los, entendo que preciso planejar, mas gostaria de partir das vontades delas, não quero uma proposta fechada, quero aprender mais com cada experiência que aquelas mulheres podem me trazer, apesar de já aprender muito com elas no dia a dia. Na semana passada, quando falei elas, demonstraram muito interesse, mas preciso me organizar muito essa semana, para começar já na próxima semana ou na outra, não posso me tardar muito.

Sobre a proposta ser mais livre, penso também em como refletirmos sobre o nosso lugar e nossos corpos, também o tipo de violência que nós mulheres estamos sujeitas todo o tempo, seja na rua, no trabalho e até o ambiente de casa. Quando olho para as mulheres a minha volta, vejo o quanto é grande a responsabilidade que elas têm, toda a carga e cuidado com os filhos, que ainda ficam prioritariamente com a responsabilidades em cima delas, as mães. Acho engraçado, nos forçarem a atribuir a nós o tal do instinto materno, antes mesmo de nos tornarmos mães. A sociedade cobra ter esse “instinto materno”, o Estado bate na porta daquelas mães e também exige o cuidado das crianças, muitas vezes não vem como um auxílio, ou melhor, não oferecem o direito que elas têm de uma educação de qualidade, saúde, assistência a moradia, vem como cobrança “Mãezinha, tem que levar o fulaninho no posto, mãezinha tem colocar teu filho na creche”, “Mãezinha tem que dar a vacina, senão o conselho tutelar bate na tua porta.”, “mãezinha, está tomando teus anticoncepcionais?” É normal essa cobrança, que por mais que eu tenha uma certa consciência sobre a questão de gênero, sobre como funcionam o sistema de políticas social, é possível internalizar isso e se tornar algo cotidiano. O programa me cobra e eu tenho que cobrar das mães, e pouco se fala das responsabilidades dos pais, afinal são elas que estão em casa para nos receber, é a

família, mas são elas que escutam. É difícil me ver fazendo isso, quando trabalho para um programa que serve mais como uma política de controle em vez de bater na porta da casa dessas mulheres e lhes oferecer o que é seu direito, educar para conhecer seus direitos. Assim, também é natural a violência que vem abarcada com essas responsabilidades, com esses rótulos. Falo da questão de gênero aqui porque grande parte do convívio que eu tenho com as famílias, a responsabilidade fica em cima das mães, muitos pais das crianças não estão em casa durante os atendimentos e quando tem algum atendimento e o pai está em casa ele pouco interage com o filho, até se retira do atendimento, mesmo reforçando essa importância. Em alguns casos até sim acontece a participação deles, mas apenas algumas exceções.

Enfim, o meu desejo é aprofundar esse debate e entender como são as opiniões dessas mulheres que vivem isso, é preciso entendê-las, ouvi-las. Também não estou pensando nos encontros para falar só dessas questões difíceis, também gostaria que pudéssemos criar um espaço para experimentar outros momentos possíveis, brincar, inventar personagens.

Durante esse processo, no aqui agora analiso o ontem através da minha escrita no diário e compreendo o que eu queria fazer nos encontros estavam diretamente ligados ao meu trabalho no PIM, porque alguns condicionamentos realmente me aprisionavam e me tornavam mais cansada, mais distante do teatro. A proposta que eu tinha em mente batia de frente com as questões que traziam mais cobranças, mais responsabilidades, mais dificuldades. Algumas vezes, por mais que eu não quisesse eu não conseguia deixar de fazer aquilo que eu não concordava e isso me consumia, eu queria o teatro como oposto a tudo aquilo que eu via e sentia, tentando e desejando criar um lugar de escuta, de olhar talvez não só para aquelas mulheres, mas também para mim, para todo o desgaste pessoal e psicológico que estava atrelado a esse trabalho. Entendi que me encontrar com aquelas mulheres, era também um momento de pensar em mim, de poder ver refletido nelas as minhas sensações, sentimentos e desconfortos, que apesar de sermos diferentes, estarmos em realidades e lugares diferentes, nascia também em mim a necessidade forte de estarmos juntas.

Diário:

Às vezes eu me sinto um ser inútil, mergulhado numa rotina sem sentido. Nos tornamos máquinas e esquecemos da paixão, da vontade do que nos colocou ali naquele lugar desejado. Me sinto distante do teatro, aonde está aquela que criança que sonhava em ser outros alguém? Que se transvestia de personagens? Eu sinto saudades do sentir borbulhar por dentro e fazer sentido, da vontade pulsante de ser.

Tenho receio, medo de não dar certo os encontros. Não consigo ir a fundo, tenho dificuldades de acreditar em mim, não queria depositar todas as expectativas, apesar delas terem demonstrado estarem animadas com os encontros.

Primeiro dia de encontro

Um pouco antes do que seria o primeiro encontro com as mulheres, entendi porque esse processo de investigação estava sendo dolorido, não só pela a questão cansativa do trabalho, mas porque quanto mais eu enxergava as opressões sofridas por elas, eu também podia enxergar as minhas marcas e as opressões vividas por mim. O que eu ouvia, percebia e olhava partia da realidade delas, mas contaminava a minha, fazendo me enxergar por dentro. Por isso hoje penso numa luta integradora, no sentido de conhecer primeiro as necessidades de luta das mulheres que vivem numa realidade diferente da minha, porque ao mesmo tempo eu também estarei revendo o meu lugar, a minhas marcas, as minhas histórias. E para reforçar isso que eu digo preciso mencionar Angela Davis: “Quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela, porque tudo é desestabilizado a partir da base da pirâmide social onde se encontram as mulheres negras. Com isso, muda-se a base do capitalismo”

Diário:

Ninguém sabe o esforço que tenho feito para levantar todas as manhãs, cada noite um sonho diferente, meus monstros e tudo o que eu tive que lidar aparecem agora assim, sem mais nem menos. Eu realmente não imaginava que pensar no meu TCC e ao propor os encontros com as mulheres eu também estaria investigando a mim, a minha memória e as opressões sofridas, tenho revisado essas marcas registradas no meu corpo, talvez esse seja o momento em que precise revê-las, com calma. E para mim, é tão necessário esse contato com o outro, a outra como um espelho, esse é o meu desejo mais profundo. Assim, como gostaria que fossem para elas, no sentido de poder olharmos umas às outras, reinventando e reconhecendo a força que temos. Não quero definir o que irá surgir, eu queria poder estar de igual para igual com elas, não quero estar exatamente no lugar de professora nesse momento, nesse espaço, queria não precisassem existir os lugares determinados de cada um, cada uma. Encontro esse trecho contato por Angela Davis em seu livro “Mulheres, raça e classe”, falando sobre as questões de trabalho da época, achei importante escrevê-lo para não esquecer de refletir sobre isso, uma situação que ainda está presente nos dias de hoje:

“As moças”, ela disse, “tem de ficar de pé dez horas por dia, e me dói o coração ver o cansaço no rosto delas”

“Sra. Jones”, eu disse, “quantas horas por dia sua empregada fica de pé?”

“Por quê? Eu não sei”, ela ofegou, “cinco ou seis, creio eu.”

“A que horas ela levanta?”

“Às seis.”

“E a que horas ela termina o trabalho, à noite?”

“Por volta das oito, acho, normalmente.”

“São catorze horas...”

“Ela pode sentar durante o trabalho.”

“Durante qual trabalho? Lavando? Passando? Varrendo? Arrumando as camas? Cozinhando? Lavando a louça? [...] Talvez ela sente por duas horas, nas refeições e quando prepara os vegetais, e quatro dias na semana ela tem uma hora livre à tarde. Sendo assim,

sua emprega fica de pé pelo menos onze horas por dia, incluindo o agravante de ter que subir escadas. O caso dela parece mais digno de compaixão do que da balconista da loja.”

Por fim, os encontros não aconteceram, as tarefas, questões de trabalho e tempo não nos permitiu fazermos os encontros. Eu realmente fiquei frustrada, mas entendi a condição delas. Revisitando esses lugares, os pensamentos escritos, compreendo agora que o importante já estava acontecendo, já estavam sendo tecidos os nossos vínculos, as reflexões que todo esse tempo de convívio nos permitiu. Mesmo com tantos medos, elas colaboraram profundamente para um processo pessoal de me olhar por dentro, sem esse contato, sem a proposta sugerida, talvez eu não tivesse entendido o tanto que continha de aprendizado naquele cotidiano. Por isso, vejo que os saberes se entrelaçam ali, nas idas e vindas, nas conversas paralelas, no ritmo em que a vida segue. Sem as determinações de um espaço, dia e hora marcada para acontecer. Talvez tudo isso tenha servido para também desapegar dos esforços que estava fazendo com o trabalho e de imediato, a finalização do programa veio, mas isso não afetou as nossas convivências, vínculos e amizades que permanecem até hoje.

CAPÍTULO III: "RUPTURA"

A saída do PIM

Quando a finalização do Programa na Vila Pinto aconteceu, eu diria que ela veio no momento certo, apesar de não ter sido uma escolha minha e sim uma das opções que me foi dada. Por um lado eu estava ligada aos vínculos já criados lá na Vila Pinto, não só com as mulheres e crianças, mas também com muitas famílias, funcionários do CEJAK e também com meus próprios colegas, confesso que é difícil retomar esses sentimentos, porque fui pega de surpresa quando aconteceu, mas também eu já estava desgastada com as cobranças que só aumentavam a cada dia, entregas de relatórios, fichas de controle dos atendimentos, avaliação, descrição dos atendimentos, era muito trabalho manual, era muita cobrança tanto nossa como estagiários e também com as famílias que eu já não me sentia satisfeita em cumprir com as tarefas. Percebi durante esse tempo, o quanto é difícil um estagiário permanecer mais de um ano, a hoje acredito que foi o momento certo de parar. Eu queria olhar para os momentos bons que aconteciam, as possibilidades existentes em estar ali com as famílias, mas nas reuniões semanais, não haviam perguntas sobre esses momentos, da beleza que estar junto e contemplar como uma criança aprende, sobre o que eu tinha reparado de bom em cada encontro, a não ser quando falávamos mais nas reuniões internas sobre isso, quando relatávamos sem solicitações. Com a minha saída, tudo o que eu pensava e que algumas vezes guardava em meio as minhas reflexões veio a superfície, mesmo com um trabalho social que deveria ser melhor valorizado, preparado e organizado, vejo hoje o quando a burocratização, o sistema é enrijecido, é duro, e é preciso estar em constante construção e desconstrução de pensamentos para não se deixar endurecer. Assim, eu também vejo o meu papel de professora, tem que estar atenta as brechas, aproveitar os caminhos possíveis, para os vínculos, tentar estar aberto aos afetos, que as vezes está contido em uma ação que vem do outro.

Falo sobre esse sistema mecanizado que muitas instituições se utilizam para reproduzir uma ideia ilusória de favor, de ajuda, mas em troca para receber esses serviços que na verdade são direitos da população, as instituições se utilizam do controle, controle sobre os corpos, determinando como ela deve ser e agir quando um órgão está prestando um serviço a elas, determinando como ela deve usar aquele serviço, caso precise de assistência. Infelizmente é só através de brechas, através de pessoas que percorrem outros caminhos é que possível tornar a atenção de fato como uma escuta verdadeira. Sem dúvidas, o programa me permitiu um autoconhecimento, me permitiu estar inserida naquela vila, me transformou como pessoa, como educadora, como artista, como mulher, me fazendo desmiuçar cada momento vivido lá. Esse trabalho da forma como era conduzida, de alguma maneira, me oportunizou usar estratégias para continuar, para estar lá presente, apesar de algumas vezes deixar escapar o desejo e a vontade, mas aprender, errar, escutar outras opiniões, me fez colocar em primeiro lugar aquela ou aquele que eu encontrava nas ruas, com as inquietações que as diferenças me causavam, com essas diferenças que hoje, eu desejaria que fossem mais ressaltadas ainda, eu desejaria que estivessem presentes nos diversos espaços e realidades, eu gostaria que elas não fossem excluídas, eu gostaria que essas diferenças pudessem saltar não só aos meus, mas a outros olhos, para serem pensadas, refletidas, questionadas e quem sabe talvez transformadas.

O programa que foi construído há anos naquela vila, se desfez em semanas, e essa notícia veio tão de repente, em uma reunião formal, foi nos informado que o programa seria transferido para outra região, considerada mais violenta, zona de PPV (Programa de Prevenção à Violência), desconsiderando totalmente os vínculos já criados, deixando as famílias sem atendimentos.

Na reunião com a gestão, eu não conseguia segurar o sentimento de angústia e raiva, **T:** *“Ou vocês vão para a região da Mario Quintana, ou saem do programa. Quero os nomes de quem saí e quem continua até o final do dia de hoje!”* Na minha cabeça eu não conseguia entender como de maneira tão rápida tudo seria desfeito, é um trabalho com pessoas, não máquinas e objetos. Eu não conseguia me visualizar em outro lugar, no mesmo sistema, nas mesmas cobranças, ali deixei todas as minhas expectativas iniciais de quando entrei. Eu teria que começar tudo de novo em uma nova região, novas famílias, novos vínculos, novos atendimentos. Determinada expliquei. **Raysa:** *“Eu não vou continuar, primeiro que a gente demorou para conquistar o nosso lugar lá Vila Pinto, para conhecer as famílias e sinceramente eu já estava acostumada, para além do PIM eu acredito que os vínculos continuam, mas é inaceitável que as famílias fiquem desatendidas, eu entendo o quanto a região do Mário Quintana precisa, mas todas precisam.”* **K:** *“Mas tu tens que entender que quando tu faz o atendimento tu representa o PIM, tu é o PIM lá naquela vila. Tu não pode se deixar levar para o lado pessoal.”* **Raysa:** *“Não eu não sou o PIM, posso estar lá com crachá, com o colete, mas só eu sei a forma como eu me coloco naquele espaço e por isso criei um apego, um carinho e uma amizade com as famílias, porque me coloco naquele espaço conforme a minha visão de mundo, me coloco naquele espaço como Raysa pessoa, porque se eu for respeitar todas as regras impostas, muitas vezes eu não estaria olhando e ouvindo as famílias, não que os outros visitantes não sejam assim, mas a gente sabe das reclamações que aconteciam antes, dos atendimentos mal feitos, mecanizados e o porquê que os visitantes não ficam muito tempo aqui no PIM, me desculpe, mas eu não sou uma máquina, eu entendo que o principal do programa é cuidado e saúde, mas eu não estudo nenhuma área da saúde, eu estudo teatro e até agora eu não pude depositar muito do que eu aprendo lá, nos atendimentos, porque vocês não olham mais para as coisas boas que as famílias nos trazem, é pesado, é maçante e se eu fosse o PIM eu seria um robô, mas desculpa eu não sou um robô, eu sou uma pessoa, assim como aquelas pessoas que vivem lá, por isso, definitivamente eu não vou continuar. E digo mais, se vocês acham que amanhã ou depois o programa vai poder estar de volta lá na Vila Pinto? Não vai! Nós é que estamos lá com as famílias, talvez por isso muita coisa não dá certo aqui dentro.* Eu realmente me senti aliviada, depois de dizer tudo o que precisava, senti que a Raysa lá do começo podia estar vestida de PIM, representar e tentar sê-lo, tentando cumprir com todas as obrigações, mas depois de enxergar e entender como funcionava, pude aos poucos nesse processo de despir, nesse momento e um tempo antes dele acontecer, eu já estava me despindo, deixei de ser a visitadora do PIM e me tornei a Raysa que trabalha na Vila Pinto, com todas as minhas experiências vividas até ali, colaborando para os meus questionamentos.

Lembro da minha fala, ao contar para o Mesac sobre esse episódio.

Diário:

Eu falei nessa reunião que eles (coordenação) não tinham noção de como são as nossas relações com as famílias e que realmente me dói perder o contato, não estar mais lá todo o dia convivendo com as famílias, porque não é só estar lá, eu aprendo com elas, não sou eu que estou lá ensinando a criança a caminhar. Eu me questiono todo o dia o que eu vivencio porque eu aprendo com elas através desses vínculos. E aí uma das coordenadoras me disse que eu representava o programa, que o trabalho não poderia ser levado para o pessoal, mas como é que eu vou entrar dentro da casa de uma família e eu vou me colocar dentro daquele espaço? Não tem como ser somente o programa, não tem como eu ser a instituição, eu sou pessoa, ser humano. Eu ajo de uma forma e pode ser que outro visitador aja de outra e é possível que ele se coloque de outra forma, não estou querendo dizer aqui que os outros visitantes não criam vínculos, ou que são ruins, nem nada, mas a forma como eu me coloco naquele espaço como Raysa, é que vai fazer com que as nossas relações aconteçam e se eu for totalmente formal e querer só representar a instituição, ao chegar na casa da família eu acho que nem aguentaria estar mais lá, não daria para fazer o meu trabalho e ter abertura de entrar nas casas, de conversar com as mães, de acompanhar mesmo, ouvir, saber como a criança passou a semana, porque se torna algo mecanizado. Eu não posso ser somente o PIM, eu penso de uma forma, ajo de outra, me relaciono e interajo com as pessoas conforme o que eu sou, conforme as minhas vivências, eu sim crio o vínculo com as pessoas, eu tenho sentimentos, eu não sou uma máquina e enfim...

Acredito que isso foi quase um desabafo do acontecido, eu ainda estava muito chateada da forma que conduziram a minha saída.

Passada uma semana após as reuniões para as “orientações e cuidados” que eles (gestão do programa) achavam que deveríamos ter com as famílias, para sair de lá implantando ilusões do retorno do programa – diferente do que eu fiz – falando a verdade para elas. A nossa equipe resolver preparar um encontro de despedida, nesse dia, eu já estava desligada do programa, trabalhei durante uma semana, sem ter sido avisada que eles tinham feito a rescisão do meu contrato, logo depois daquela reunião. Eles (a coordenação) tinham urgência em me tirar dali, não me dariam tempo nem para me despedir das famílias, assim é a passando por cima de qualquer um por seus próprios interesses. Ok, quando descobri tive que pedir que refizessem a rescisão do meu contrato, pois caso não pedisse, eu iria receber as últimas semanas de trabalho. Eu perguntava e a coordenação nunca sabia a data certa da rescisão do contrato, ou seja, isso já tinha acontecido. Reflito: Teriam eles feito isso como uma maneira de me penalizar, me advertir sobre os meus questionamentos levantados na reunião? É possível. Reforçando ainda mais meus pensamentos críticos sobre o programa.

Despedida

No último dia, só consegui chegar as 10h00, me atrasei, perdi o ônibus, estava completamente desorganizada, subi direto para a biblioteca do CEJAK. Desde a entrada já era possível ouvir as vozes das crianças, correndo, brincando, aquela alegria espontânea contida em seres tão pequenos, eu que pensava ser forte, sair e ir embora, a cada degrau subido nas escadas, era um pulsar de nervoso ao chegar perto daquela sala, quando entrei

logo de cara vi a Patrícia, aquilo me fez sorrir, ver ela novamente, a Kauany estava quietinha, fazia um bom tempo que não a via, assim como a Patrícia que me deu um abraço forte. Conversei com as outras crianças que não paravam meio a um monte de balões, com alguma comida na mão correndo de um lado para outro na sala, sorri. Cumprimentei todo mundo, estava inquieta, desacomodada. A Marcela pediu para falar, dando algumas indicações com relação a vagas em creche e o contato “que permaneceria” entre o PIM e as famílias. Eu me contive, já estava cansada de ter que me posicionar a cada coisa errada que eu via, eu já tinha conversado com as minhas famílias e não por eu ter conversado, mas sei que no fundo elas sabem como funcionam, esse abandono institucional não era só desse programa, era também da falta de vagas das escolas, cortes do Bolsa Família, das poucas fixas distribuídas no posto para os atendimentos, era os horários reduzidos para os atendimentos com as assistentes sociais, etc. São todos os atendimentos que deveriam sempre estarem presentes ali, para quem mais precisa, mas infelizmente não estão e o PIM é mais um, que faz parte dessa política de esquecimento. E quando eu me refiro ao Programa e as instituições, não falo exatamente dos trabalhadores que a compõem, que tentam muitas vezes, mas falo dos gerenciamentos e coordenações que são totalmente políticos, que são formulados através de prioridades políticas.

Próximo ao meio dia, as mães e as crianças começaram a ir embora, afinal teriam que preparar as crianças para escola, ajeitar o almoço, também não podiam ficar ali tanto tempo. Infelizmente a Kelly e a Grazi não puderam comparecer, ainda assim eu teria que me despedir, conversar pessoalmente, apesar de algumas eu já ter conversado via WhatsApp, pois, foi o possível. Um pouco antes de ir embora a Patrícia pediu para tirar uma foto comigo, logo depois ela me abraçou de uma maneira tão carinhosa, senti que estava agradecendo, falei para ela. **Raysa:** *“Eu que agradeço por todo esse tempo, ainda que pouco de convivência, aprendi muito contigo, assim como as outras pessoas que encontrei aqui, tu é uma mulher muito forte e eu quero que a gente possa continuar se falando para além do PIM, para além daqui.”* Nem eu e nem ela, conseguimos segurar o choro, dávamos risadas de nervoso, a Kauany nos olha com uma carinha sem entender o que se passava, do porque estávamos chorando. **Patrícia:** *“Eu só tenho agradecer esse tempo contigo, tu foi muito importante na minha vida, não só minha, mas acredito que foi bom também para a Kauany, como ela se soltou, como ela não tem mais tanta dificuldade de brincar com outras crianças, de verdade obrigada!”* Eu nunca imaginei que estar ali presente como Raysa, estar na casa dessas mulheres, das famílias, das crianças criando esses vínculos pudessem ser tanto, tanto para mim, tanto para elas, pudessem ser tão significativas. - *Agora ao escrever também choro, pois só eu sei o tamanho de sentimento que transborda ao relembrar isso, só eu sei o que vivi lá e o quanto esses momentos foram importantes na minha vida, para o que eu me transformei e para o que eu sou agora* – Ficamos de conversar por whatsapp, não perder o contato, que até hoje se mantém, mas foi ali naquele momento que fortalecemos ainda mais os nossos vínculos.



CAPÍTULO IV: “RETORNO”

O retorno à Vila Pinto

É estranho voltar, retomar o caminho que antes era rotina e agora tem um gosto tranquilizador, atenção repousa em outros detalhes, a memória revisita o corpo ainda com saudade do que viveu, eu pensava ser mais fácil desapegar, mas entendi que a chatice não vinha exatamente do lugar ou das pessoas que eu convivia ali, e sim das cobranças que a instituição exigia, das burocratizações dos atendimentos, das avalições, do pouco olhar para os bons momentos de convivência entre as famílias e entre as crianças. Muitas vezes a cobrança vinha como um olhar de desvio sobre as possibilidades e focava-se apenas para as dificuldades, sendo cansativo cumprir com algumas funções.

Era próximo às 10h00 quando cheguei na parada da João Pessoa, não demorou muito tempo para chegar ônibus, ele estava com muitos lugares vazios do lado direito e acompanhei a leva de gente e também me sentei em um dos bancos esquerdos. Lembro do sufoco que era pegar o mesmo ônibus de manhã bem cedo, geralmente eu chegava atrasada, reconheço, outras vezes faltavam poucos minutos para fechar a sinal e eu me segurando para não sair correndo aguardava na faixa de pedestres enquanto observava com agonia a passada dos carros, o sinal fechado para mim e a visão do ônibus movimentando lentamente. Acredito que o único modo de chegar na Vila Pinto, saindo da João Pessoa é pegar o tão famoso “Campus universitário” – como geralmente é chamado, ao contrário de mim que só chamo apenas de 343. Ao descer na parada da CEEE, como era de costume em meio a Av. Ipiranga, apesar do ritmo frenético das ruas, eu sinto uma alegria de estar ali pela vontade própria e não por uma obrigação, não em estar condicionada a um horário, a uma determinada tarefa, sinto uma segurança interna de estar tranquila comigo mesma e curiosa para ver as pessoas. No caminho, a esquerda encontra-se um condomínio de alto nível, levanto o pescoço para ver mais uma vez o andar mais alto e ainda sim vem o choque, não me acostumei com uma desigualdade tão visível, tão próxima, tão esmagadora. Como de costume, reparo nos funcionários que de cara é possível ver que trabalham na loja administrativa da Renner, com o crachá vermelho identificável no pescoço, penso na sensação de liberdade o abandono de colete, camiseta, mas principalmente o crachá, se despir de PIM naquele momento foi bom, estar ali simplesmente como Raysa e não mais como a “visitadora do PIM”.

Visivelmente é notável todas as diferenças que ali existem são boas ainda poder repará-las, estar atenta, ao mesmo tempo que incomoda eu não poder interferir na maneira como essas diferenças urbanas e sociais permanecem e não mudam, mas que para alguns talvez tanto quanto eu ou mais privilegiados do que eu não faça diferença, mesmo que seja chocante ver tanta desigualdade observada apenas em uma rua. É interessante perceber, que alguns barracos ocupam um pequeno terreno vazio que talvez fosse para uso de estacionamento, quase em frente ao centro administrativo da loja da Renner, sorrio ao perceber o acréscimo disso, afinal, mas quem foi sendo empurrado para as margens? Quem é que cada vez mais está sufocado em um espaço determinado nas periferias? Infelizmente a organização das cidades favorecem quem tem o poder aquisitivo maior e as pessoas mais pobres vão sendo jogadas mais ainda para as margens das cidades. Olhando assim para aquilo tudo, penso eu que já senti medo de entrar na Vila Pinto sozinha, já senti medo por não me conhecerem ou por não estar com o crachá, com a minha cabeça ansiosa previ vários cenários tristes, mais tristes do que eu vi pessoalmente inserida naquele lugar como estagiária, como se ali estivesse esse medo contido, a violência, as drogas, a prostituição, etc. Percebi meus preconceitos antes enraizados e acredito que é difícil me desfazer de todos eles, mas pelo menos a vila me propiciou estar aberta para conhecer pessoas que me mostraram empatia, pude viver momentos alegres ali, as pessoas que conheci me fizeram ter uma outra visão de lá e colaboraram um pouco para esse processo, que é longo e difícil, me ensinaram da onde vem

alguns saberes significativos, esse que as pessoas levam para sobreviver o dia a dia de luta, de exploração e ainda no fim do dia lhe sorriem, pude me sentir mais leve, com a diferença que é desapegar de alguns olhares implantados em nós. Ao passar pelo mercado, captei os sons, me atentei para o que poderia passar batido, despercebido. É interessante estar presente sem a mecanização do tempo, ouvir a mistura de falas das pessoas que se encontram na rua, a voz de uma criança que soa doce chamando sua mãe, as brincadeiras na rua, o barulho dos brinquedos que se movimentam na praça, as músicas, ora gaúchas ora funk, as pessoas que ficam nos espaços embaixo das árvores para um momento de descanso, tempo para um cigarro, para papear com um amigo e colega. Na quadra, o jogo de futebol das crianças que por vezes também é ocupada por homens, ouço os gritos, as risadas, as falas “ô meu...”, os cachorros que ali perambulam sem donos, se acomodam nas sombras e coçam com prazer seus pelos sarnosos, isso me faz rir, ver que nada mudou, os filhotes que andam atrás de suas mães e por incrível que pareça, desfrutam de um belo sono meio a resíduos, próximo ao prédio de triagem do CEJAK, os bancos de ônibus, estacionados nas árvores, e na visão de quem senta neles, é possível visualizar um carro velho ao lado da quadra, que deveria estar há anos ali. Relembro das conversas que a memória traz desse lugar, o encontro com as crianças que volta e meia pediam: “*Sora posso jogar no teu celular?*”, o afeto, o carinho e o olhar depositado num toque de uma criança que demonstra gostar de estar em volta, de receber atenção.

Escuto meus passos tranquilos, pisando a rua de areia, numa subida próxima a escola, escuto a minha respiração, chego próximo à casa da Grazi, uma das mulheres que virei amiga, que criei os vínculos porque atendia seu filho Luiz Gustavo, mas que eu gosto de chamar de Gus, quase dois anos de cachinhos, olhinhos que se fecham ao sorrir e uma energia incrível de aprender, ver, ouvir e reproduzir tudo o que seu mundo lhe mostra. Coloco a cabeça no portão de madeira, para a minha alegria ali estão eles no pátio, Grazi, Gus e mais uma menina conhecida que o Gus chama de “maninha.” **Raysa:** “*Oi!!!*” **Grazi:** “*Olha quem tá aqui?*”(para o Gus) **Raysa:** “*Oi, ooi... Oi Gus.*” **Grazi:** “*A Raysa.*” **Raysa:** “*Lembra de mim? Ou nem lembra mais?*” **Grazi:** “*Agora ele não tá dando bola nem pra maninha.*” **Raysa:** “*Tá em volta da máquina de centrifugar. (Chegando mais próxima do menino) oi, lindo!*” **Grazi:** “*Que tá fazendo? Tá trabalhando ainda lá?*” **Raysa:** “*Não, eu saí. Agora eu ainda tenho uma bolsa que é numa escola. Eu tô bem, vim dar uma volta, rever as pessoas, matar as saudades. (dando risada) ele adora ver a máquina sacudir.*” **Grazi:** “*Olha ali a Raysa!*” ele não me dá muita atenção **Gus:** “*Roupa.*” **Raysa:** “*O que que tem aí dentro? Roupa.?*”(barulho da máquina centrifugando). **Raysa:** “*Essa máquina sacode né?*” **Grazi:** “*Quando eu tomo banho, ele pega as roupas sujas e coloca ali dentro e começa a sacudir pra lavar, ele pega as roupas de todo mundo. (Falando para o Gus) O G”u, coloca lá...*” **Raysa:** “*Ele já tá na pontinha dos pés, só para enxergar as roupas ali dentro.*” **Grazi:** “*Às vezes eu deixo aqui na rua e ele coloca tudo aqui dentro. A Raysa aqui óh veio te ver...*” **Raysa:** “*Acho que ele nem me da bola mais.*” **Grazi:** “*Olha lá a Raysa.*” **Raysa:** “*Vim te ver cara, e aí?*” (a criança reclama, ele só quer cuidar da máquina) **Gus:** “*Roupa!*”. Vou me aproximando, tentando ver se ele ainda lembra de mim, mas com cautela, não quero deixar a criança incomodada. Eu falo. **Raysa:** “*Bate aí!*” Ele se esconde atrás da perna da mãe, com um bocado de vergonha. **Raysa:** “*Tu está com vergonha?*” **Gus:** “*Roupa...*” **Raysa:** “*É tem um monte de roupa aí. (Ele pega um amontoado de roupa e quer colocar dentro da máquina) como ele tá esperto né? Muito esperto!*” **Grazi:** “*Ele tá horrível né maninha?*” (falando com a menina que está junto com eles, o Gus olha para mim e dá um risadinha esperta, parece entender quando a mãe o chama de horrível, no sentido de sapeca, bagunceiro. **Raysa:** (falando para Gus) “*Tu sabe que a gente tá falando de ti né? (os passarinhos cantam ao fundo) Tu é muito espertinho... (falando para a Grazi) E tu conseguiu ajeitar o teu atendimento no posto?*” **Grazi:** “*No posto eu consegui, agora inscrevi ele na creche, tô*

esperando sair agora dia 13 de dezembro, saí a lista de vagas.” **Raysa:** *“Sim, tomara que tu consiga pra ele, mas aí no posto tu voltou para o que tu era antes, o que te atendia antes?”* **Grazi:** *“Sim, voltei.”* **Ray:** *“E o Luan como tá?”* **Grazi:** *“Tá no colégio.”* (Gus chega perto da mãe que está no portão de casa) **Gus:** *“mama.”* Gus aponta para o seio da mãe. (ele resmuga e repete) **Gus:** *“Mama, mama.”* (Grazi pega ele no colo deitando o e da leite para ele sentada em uma cadeira no pátio de casa, ele olha para mim com os olhos desconfiados. **Grazi:** *“A Raysa veio te ver. Senta Raysa!”* Lembro de uma época que o Gus não caminhava ainda, eu e a Grazi fazíamos atividades para ele com o auxílio de umacorda, determinando um caminho e um apoio, ele conseguia se equilibrar, mas era mais fácil segurar nas paredes, às vezes demonstrava um pouco de insegurança, mas esperamos o tempo dele para aprender, caindo e levantando. Logo em seguida, ele já se apegou a mim, mesmo nos dias que eu não estava na vila eu e a Grazi trocávamos mensagem, até hoje ela manda áudios e vídeos demonstrando o interesse de compartilhar comigo as espertezas que ele faz. É engraço ele não me reconhecer, mas depois de um tempo longe é compreensível, apesar do nosso vínculo, não posso forçar, se ele estranha. Passado um tempinho nesse, parece que ele aceita melhor a minha presença. Em seguida chega o Luan, o irmão mais velho do Gus, na maioria das vezes ele não estava em casa no horário dos atendimentos, mas também sempre nos divertíamos quando estava junto, produzíamos desenhos e ele tentava ajudar e ensinar o irmãozinho, sempre demonstrando atenção e carinho. Falo para o Luan. **Raysa:** *“E aí como tá? Como está a escola?”* **Luan:** *“Oi Raysa, tá bem legal.”* Ele dá um sorriso, larga sua mochila e senta próximo da gente, estamos na sala e como nos atendimentos eu me sinto em casa, me acomodo no chão, a Grazi senta no degrau de madeira da porta de passagem de uma sala para a outra. Ela gosta muito de incentivar e demonstrar as coisas que o Gus aprende. **Grazi:** *“O que o leão come Gu? Macarrão e o Gu?”* **Gu:** *“Putão”* Damos risadas, porque ele fala tudo o que escuta na rua, em músicas, palavras que escuta no rádio e na tv. **Grazi:** *“Que putão o que? Fala tudo!”* Ela ri meio envergonhada, mas demonstra que já está habituada com a minha presença ali na casa dela. Sabe que eu não vou achar nada demais o Gus repetir tudo o que houve. O Gus se debruça numa estante com um rádio, ficando na ponta dos pés, mexe em todos os botões e ri faceiro. **Grazi:** *“Ele queimou o rádio, e tive que mandar para o conserto. (fala para o Gus que não para de mexer nos botões do rádio) “O que o leão come? Hein Gu?”* **Gu:** *“Controle.”* **Grazi:** *“Que controle?”* **Raysa:** *“É espertinho...”* Gus ri, grita e fala coisas que eu não entendo. **Raysa:** *“Que bom que ele tá bem firmezinho agora. Bem de pezinho né?”* **Gu:** *“dois, dois...”* **Raysa:** *“Que dois? Dois o que?”* **Grazi:** *“Sai aí da mesa Gustavo.”* **Gus:** *“pano, pano.”* **Grazi:** *“Pegou o pano? Limpar o nariz?”* (ele limpa o nariz sozinho, na maior independência) **Grazi:** *“O bolsa é que eu não soube de nada ainda.”* **Raysa:** *“Mas tu fez o cadastro de novo né?”* **Grazi:** *“Fui lá de novo e elas disseram que estava tudo ok. Porque eu já refiz o cadastro umas três vezes esse ano né, eu não posso fazer mais nada, só posso esperar.”*

Quando eu ainda atendia ela, a situação da família da Grazi era bem difícil, o bolsa família foi cancelado e mesmo tentando refazer o cadastro e junto com o PIM tentando interferir, eles argumentam que ela teria uma suposta renda, apesar dela comprovar, mostrando extrato bancário que não tinha. Eu me sentia mal, porque muitas vezes ela não podia estar em casa para o atendimento do Gus, outras pela a falta de comida e fraudas ela passava bastante tempo na casa da mãe que a ajudava, por isso, passava mais tempo longe do que em casa. Seu marido fazia alguns bicos, limpando pátio e trabalhando com reciclagem. Ela me contava que tentava conseguir emprego de faxineira, mas não era possível com o Gus em casa, antes ela teria que conseguir uma vaga na creche para ele, mesmo com a criança muito pequena. Ela me contava das entrevistas de emprego em restaurantes no centro, ou na casa de alguém, mas principalmente por causa do filho e o horário muito tarde, não pode ser aceita em nenhum. Quando a situação estava muito difícil, fizemos doações de alimentos não

como PIM, mas como uma ação pessoal de cada da equipe, ela agradeceu e reconheceu ser de grande ajuda pela situação que estavam passando. Porém, até agora, mesmo depois do meu retorno lá, ela não teve a volta do Bolsa Família suspensa sem nenhum argumento plausível. Porém, subitamente entende-se que os cortes mais violentos chegam primeiro ali, em quem tem menos e mais precisam, me sinto triste pela a situação dessa realidade que é diferente da minha, ainda assim isso não impede o nosso vínculo, nossa amizade, é bom sentar ali de novo e eu poder conversar com ela, poder olhar o Gus, com as coisas que ele aprendeu mesmo depois dos atendimentos, poder revê-los e ser bem recebida.

O Gus desiste do rádio, começa a girar, girar e rir sem parar, aquela presença ainda que pequena nos segura ali, nas suas brincadeiras, na sua carinha esperta, nos seus movimentos, tudo é também novo para mim, pois quanto mais convivo, mais o conheço. Agora ele parece não se importar comigo ali, na verdade acredito que ele se importa e quer chamar atenção, quer mostrar o que sabe. **Gus:** “*Se toca.*” **Raysa:** “*O que ele tá falando?*” Ele impulsiona a cabeça para trás, fico insegura com medo que ele caia, mas ele parece saber da minha insegurança e não faz. **Grazi:** “*Se toca, é que ele se atira pra trás.*” Ele puxa uma corrente de ferro do buraco da porta ela bate no chão de madeira e faz um barulhão. **Raysa:** “*Tu está tinhosinho guri.*” **Grazi:** “*Deu Gustavo!*”. Ele volta a apertar os botões do rádio e empurrá-lo, até que o Luan com cuidado, interfere. Ele resmunga, num chorinho fino. **Raysa:** “*E depois como vai fazer para ouvir música Gus?*” Ele empurra o rádio, até que a Grazi levanta e suavemente diz. **Grazi:** “*Para Gu, a Raysa vai ficar braba ali.*” Ele senta na minha frente e me encara, eu não consigo me conter com vontade de sorrir para aquela criança que todo o tempo te desafia a entende-lo e enxergar como ele pensa. **Raysa:** “*Vem cá, a tia tá com saudade de ti gurizinho. Vem aqui comigo. A tia não vai brigar...*” **Gus:** “*Parque, caiu.*” **Grazi:** “*Eu fico apavorada que ele fala tudo, bem claro. E tudo o que ele escuta ele grava e fica na cabeça dele. Às vezes ele conta até cinco. Ele fica deitando contando, 1, 2, 3, 4...*” **Gu:** “*Cinco.*” A gente caí na risada ao ver ele dar continuidade na contagem dos números. **Raysa:** “*Ai gurizinho vontade de te apertar, dar uma abraço bem apertado.*” **Grazi:** “*Eu falei quatro e tu viu? Ele falou cinco. Gus agora canta a música pra Raysa.*” **Grazi:** “*Deixa...deixa de ser importante...*” **Raysa:** “*Ele vê muita coisa na tv né? Os números, as músicas, ele olha e grava né?*” **Grazi:** “*Esses dias eu fui pelo beco ali, atrás da creche, para ir lá na minha mãe, eu saí na pontezinha e fui pela rua de areia e tava tocando dando uma música, um funk bem alto e começava a dizer caralho*” (ela faz uma cara de apavorada, depositando a mão na testa) *até agora ele fala de vez em quando, às vezes ele começa falando.* Ele pronuncia a palavra lentamente. Eu e a Grazi nos olhamos e não conseguimos segurar o riso. **Gus:** “*Caiu...*” **Raysa:** “*Ai caiu..*” **Gus:** “*Moço, moço.*” **Grazi:** “*Esses dias também estava dando a música que começa com ‘Ei moço’.*” Ele levanta e começa a dançar com um olhar de que quer se mostrar pra ti. **Raysa:** “*Como é a música?*” **Gus:** “*Moço, moço..*” Ele mira uma sujeirinha no chão e com o dedo na fresta do piso de maneira enfia o dedinho. **Grazi:** “*Gustavo! É ruim não bota na boca.*” Ele olha para nós balança a cabeça demonstrando que entende tudo. **Gus:** “*Ruim.*” **Grazi:** “*Bota fora. Bota fora que é ruim.*” Sem pensar ele coloca larga a sujeira. **Raysa:** “*Sabe tudo né?*” **Grazi:** “*E tu Raysa, como é que tá, ainda namorando?*” **Raysa:** “*Tô sim, ele é uma pessoa muito companheira, estamos bem, tudo certo.*” Olho para o Gus que está bem pertinho de mim, quando eu o encaro ele foge para próximo da porta na cozinha. **Raysa:** “*O que tu está fazendo? Vou te pegar guri!!*” Ele se esconde e mostra apenas a cabeça, olho para a Grazi que está na minha direita e tento dar continuidade nos assuntos. **Raysa:** “*E tu não tentou mais os empregos lá Grazi?*” **Grazi:** “*Eu fiz um monte de entrevista, mas tá bem ruim né?*” **Raysa:** “*Pois é tá difícil.*” O Gus começa a gritar na volta. **Raysa:** “*Que isso?*” **Grazi:** “*Mostra o barrigão pra Raysa.*” Ele levanta a camiseta bem devagarinho mostrando a barriguinha gordinha. **Grazi:** “*Quero só ver na creche. Vai ser o terrível.*” **Raysa:** *Mas também ele vai aprender muita coisa,*

convivendo com outras crianças. Estar ali e poder ter tempo para simplesmente estar presente, conversar, não tem preço, a casa da Grazi traz uma energia tão boa que eu não me importava de simplesmente estar sentada no chão, ouvindo o Gus falar as palavras que aprendeu. **Grazi:** *“Fala, eu te amo Gu!”* Ele para bem na minha frente, meus olhos estão quase na altura dos dele, ele olha com uma carinha de esperto e diz: **Gus:** *“Ti amu”* Naquele jeito de criança que pronuncia as palavras de maneira diferente, quando está aprendendo. Entendo que o que ele diz é uma reprodução, mas não posso deixar de me derreter de carinho, sinto meu olho encher d’água e dou uma respirada profunda e me seguro. Nessas pequenas situações cotidianas é que está contido o carinho, o afeto e a vontade de estar ali presente na casa Grazi, criamos uma amizade e o significado dela estão nesses momentos juntos, vivenciados. Perdi a noção do tempo e eu tinha que ir para casa, com os compromissos que ainda aguardavam por mim, mas a minha vontade era ficar mais, ir vê-los mais vezes. A Grazi atende o telefone, percebo que ela fala com a sua mãe, também não quero atrapalhar. Espero ela desligar o telefone. **Raysa:** *“Grazi, tenho que ir, mas eu volto pra gente papear mais vezes, de verdade é muito bom estar aqui e saber de vocês, não deixa de me mandar mensagem, adoro ver as fotos e ouvir os áudios que tu me manda.”* **Grazi:** *“Sempre bom te ver negona, aparece aqui mais vezes, eu gosto muito de ti.”* Me sinto muito feliz com esses encontros que a vida me proporcionou, lá no início eu nem imaginava que iria nutrir tanta amizade e carinho assim, criar esses vínculos significativos com o pessoal de lá. **Raysa:** *“Gu, tchau nenê! A tia já vai, mas volta pra te ver outra hora. Vem cá me dar tchau (ele foge e se esconde).”* **Grazi:** *“A Raysa vai embora.”* Escondido atrás da porta seus olhinhos me miram. **Gus:** *“Issa.”* **Raysa:** *“Tchau, me dá um abraçinho?”* Ele dá uma gargalhada e sai correndo. **Grazi:** *“Dá um abraço na Issa.”* Ele se aproxima devagarinho, esperando que eu faça alguma coisa, eu sorrio para ele e fecho os olhos. Ele se aproxima mais ainda e deposita seus bracinhos em cima dos meus ombros, eu o abraço bem forte com o sentimento de querer que os próximos encontros aconteçam logo. **Grazi:** *“E dá um beijo nela agora.”* Ele retribui o abraço e também me dá beijo estalado, aquilo me deixa muito faceira, pensei que ele tinha esquecido de mim, mas parece que no fundo, mas no fundo parece que o tempo que a gente conviveu, tá guardado. **Gus:** *“Abusada”* **Grazi:** *“Quem é abusada? Fala para a Raysa quem é a abusada que tirou foto de ti.”* Ele solta uma risadinha estranha que parece um deboche, inclina a cabeça para trás e sorri com vontade. **Raysa:** *“Então, tá, eu vou ir lá, obrigada por sempre me receber.”* Ele começa a me chamar novamente. **Gus:** *“Issa, issa...”* **Grazi:** *“A Raysa vai ir embora.”* Não aguento e beijo ele. **Ray:** *“Tchau Grazi, tudo de bom! Te aviso quando for aparecer de novo.”* **Grazi:** *“Tá bem, tu tbm Raysa tudo de bom. Vamos levar a Raysa na rua.”* **Gus:** *“Issa...”* **Gus:** *“Rua, rua..”* **Grazi:** *“Olha a cara dele Raysa!”* Ele fecha os olhinhos e dá um sorrisinho malandro, como se quisesse aparecer. Não consigo desgrudar, é difícil dar tchau, mas aos poucos vou me afastando, ainda olhando para trás e vendo aquele pequeno sacudindo a mão no gesto de me abanar.

Era tão confortável estar ali, ser simplesmente eu, e assim como na casa da Grazi, acredito que existiram outros momentos que levaram eu me sentir confortável, me fizeram crer que existia um meio possível de burlar todo o sistema que condiciona, assim como essa situação que me encontrei e enxerguei a Grazi como minha amiga que eu paro para conversar, matar as saudades, isso me faz enxergar também uma educação possível, uma educação que nos aproxime mais das pessoas. Relembro o quanto me sentia estranha entrar na casa dessas mulheres lá no início do PIM, seguir os protocolos institucionais e o medo estranho de invadir um espaço que não é meu, mas entendi que era impossível me colocar nessas casas, nesses lugares se eu não pudesse ser quem eu sou, se essas mulheres, mães também não me olhassem como elas são e cada vez mais que eu conseguia enxergar isso, pude aceitar a rotina delas, o tempo e de fato compreender a realidade inserida ali, dentro daqueles espaços. Não era diferente com a Kelly, que apesar de não ter a visto quando

retornei, continuei me comunicando mesmo depois da minha saída. Era uma delícia fazer os atendimentos na casa dela, a casa dela é apenas um cômodo, com um banheiro improvisado, por vezes tentava entender como cabiam todos naqueles espaços e ainda sim, como ela me recebia da melhor forma. Nos primeiros atendimentos eu era até formal demais, tentando memorizar algumas perguntas prontas e seguir os planejamentos de atividades, mas chegou um momento que não cabia mais, estava forçando uma situação que não era nenhum pouco confortável para mim, não fazia sentido. Porque eu tinha que entender que aquela mulher, aquela mãe, mesmo que o atendimento fosse as 11h00 às vezes ela tinha recém acordado e logo deveria preparar o almoço para as crianças maiores irem para a escola, ou tinha que trocar o Arthur e dar leite para ele. Brincava com todas as crianças juntas, e elas ensinavam mais o irmãozinho do que eu, como eu poderia deixar de incluir eles nos atendimentos se estávamos ali todos juntos? A ideia do programa era que eu levasse uma atividade para cada criança e fizesse com que eles brincassem cada um com a sua atividade, porém a coletividade tomava conta e também contagiava o aprendizado. Tumultuado sim, mas aprendíamos juntos. Entendi o quanto a Kelly já estava acostumada com os antigos atendimentos no PIM, interferindo quando um dos irmãos do Arthur queria chamar a minha atenção, ou queria brincar junto comigo e com ele. Era um costume que foi criado antes de eu chegar ali, obrigatoriamente eu teria que acostumar, conciliar todos. Algumas vezes eu chegava e eles estavam tomando café, como eu iria interromper aquele momento e pedir que não o fizessem por que eu precisava fazer o atendimento? Quando eu pude me abrir e estar mais desapegada a determinadas questões que me eram exigidas, ela também pode ficar mais tranquila nos atendimentos, até que compreendi que o ato de estar ali, iria além de eu estar como alguém que vai sempre “ajudar”, sim, eu poderia me colocar no lugar de escuta, mas ela também estava disposta a me ouvir. Eu tinha uma preocupação instantânea de saber se estavam bem, se precisavam de alguma coisa e como tinham passado a semana. Afinal, era impossível desapegar de tudo o que o programa queria que nós fizéssemos enquanto visitantes. **Raysa:** “*Oi Kelly e ai, como passaram a semana? Tudo certo com o Arthur? E as crianças? Tá tudo bem?*” Às vezes parecia uma preocupação excessiva, quase mecânica, às vezes não me dava conta o quanto isso demonstrava ter um preconceito contido em mim, no sentido de achar e classificar aquelas famílias moradoras da Vila Pinto como necessitadas por viverem situações difíceis e viverem numa realidade diferente da minha, por mais que eu tentasse me desvencilhar dessas formalidades e me julgasse conhecedora de meus privilégios, só pude refletir quando ela teve uma atitude diferente, em vez de só responder as minhas perguntas, também demonstrar o interesse de saber mais sobre mim. **Kelly:** “*E tu como é que tá? Como anda a tua vida, tu estuda o que mesmo?*” Como eu poderia estar dentro da casa dela sem ela também saber mais sobre quem eu era, o que fazia, aonde morava. Acredito que a partir desse momento, podemos enxergar melhor o nosso vínculo. Depois desse dia, fiquei matutando sobre isso, sobre estar mais aberta para falar de mim também para as pessoas que conhecia lá na vila.

Os dias passaram e em um dos atendimentos, entendi que a rotina dela também era diferente de outras famílias, quando cheguei na sua casa, ela tinha recém acordado e estava se preparando para tomar café. Já que eu estava ali para fazer o atendimento, ela não se importou de oferecer café também para mim, eu aceitei, pois senti que aquele momento era a oportunidade de também compreender melhor o tempo dela, ela me contou da sua avó, mostrou uma foto dela, demonstrando muita saudade, foi muito interessante conversarmos sobre outras questões que não fosse só o Arthur, ou o PIM. O carinho, o cuidado e atenção comigo foi se chegando aos poucos, tanto eu com ela e ela comigo. Na hora de ir embora, ela me acompanhava até o final do beco, demonstrando preocupação de me levar até a rua, ela queria se importar também comigo, mesmo que tivesse afazeres domésticos e compromissos por fazer. São nessas pequenas demonstrações, que percebi o quanto era necessária essa

transformação do meu modo de agir, esse ato tornou significativo e necessário, não que ela precisasse me oferecer algo, mas estar aberta para compartilhar e me receber na casa dela de outras formas.

Diário:

Ontem no atendimento da Kelly, ela me recebeu de uma outra forma, cheguei na hora do café e ela não hesitou em me convidar, fez questão que eu provasse uma cuca que tinha comprado e começou a falar mais da família dela, da sua avó, contou histórias da sua vida pessoal, de como criou os filhos e a convivência com os pais deles. Naquele momento comecei a entender que eu não posso querer formatar os meus atendimentos de maneira padrão, pois cada família tem um jeito de ser, uma rotina e eu não poderia interferir nisso. Claro, não estava deixando de fazer o atendimento do Arthur, mas da forma dela, eu estava me inserindo na realidade dela, sem modificá-la, senti que ali era o início de um processo de reflexões que ela me trouxe, senti o olhar dela de quem quer compartilhar histórias e também ouvir, demonstrando o interesse de me conhecer para além da Raysa visitadora. Conversamos sobre teatro, escola, ela me fala da educação dos meninos e da sua vontade de voltar a estudar e apesar de não ter conseguido concluir o ensino fundamental, ela faz questão de estar sempre atenta as tarefas dos meninos, dando atenção e auxiliando quando necessário. Senti que estávamos criando um vínculo e apesar de morar num pequeno espaço, ela consegue fazer com que eu me sinta à vontade na casa dela, quando está na casa dela. Às vezes tu nem imagina o quanto outras pessoas têm a te oferecer, no sentido de cuidado, atenção. E através do meu convívio com ela, percebo o quanto ela sempre tenta retribuir os atendimentos com o Arthur. Na verdade, isso se dá como uma troca, pois juntas aprendemos também com eles, fazemos as atividades e interagimos todos juntos, eu, ela e os três meninos. Na sutileza de suas demonstrações de atenção e preocupação comigo é que eu vejo o quanto estar ali é importante para ela, e mal sabe que para mim tanto ela, quanto os meninos também são importantes. Me sinto motivada quando conseguimos fazer atividades coletivas de cooperação, na verdade eu e ela também aprendemos com os pequenos. É lindo ver, um auxiliando o outro, os mais velhos cuidando do menor. São esses momentos que me fazem acreditar ainda mais nos vínculos, e que essas relações são possibilidades depositadas naquela realidade, nas brechas que podem contagiar outros espaços, influenciar, fazer refletir. Assim, eu aprendo muito mais com eles, do que ensino uma criança, isso me mantém forte e feliz de continuar mudando, transformando e vivendo esses processos de escuta e aprendizados.

O tempo estava arrastado, sentia uma necessidade de reencontrar a Carol, e não era qualquer lugar, tinha que voltarmos juntas na Vila Pinto, rever as amizades e conversar. Quanto mais essa necessidade cutucava, mais desencontros aconteciam, eu tentava me comunicar, mas ela parecia estranha, às vezes eu me sentia sozinha, pensando na minha forma de me relacionar com as pessoas, até hoje me julgo ser uma pessoa difícil de conviver, seleciono muito bem quem sabe da minha vida, quem eu compartilho momentos. Aprendi mais de mim das minhas dificuldades de me expor e me colocar no mundo, apesar de apreciar a liberdade, os encontros e os bons papos, mas acredito que a vida é mesmo ao acaso, são em vários acasos que tecei amizades, carinhos e afetos. Quanto mais as realidades, a falta de comunicação e o cansaço corriqueiro de final de ano se aproximava, mais eu me fechava com

as minhas ânsias, minhas ansiedades, meus pensamentos incontrolláveis sobre a dificuldade da situação atual do nosso país, das dificuldades reconheço que as minhas são pequenas quando carregadas de meus privilégios, mas independentemente do que nos rodeia a gente sempre tem momentos de se sentir só, e eu pareço até forte me escondendo do mundo, quero descobrir mais dos outros e assim, posso me ver nos outros, refletir e ser o que eu sou, ou melhor, quem eu sou. Eu gosto de descobrir histórias, cavoucar o outro, talvez assim, eu investigue a mim e me conheça por dentro.

Depois de tantas insistências, forçando o cotidiano rotineiro mais encontros aconteceram e foi assim, que tomei um respiro de consciência e força para terminar tudo o que tinha por fazer, mas não só isso, os compromissos, mas poder rever as pessoas e estar com elas.

Carol e eu combinamos um almoço, próximo a minha casa, saí atrasada, a deixei esperando, quando cheguei lá, estava ela sentada, mexendo no celular, com as pernas cruzadas e com aquele estilo despojado, meio hippie, na verdade a Carol sempre teve seu jeito próprio de ver o mundo, de se vestir, de ser e admiro muito isso nela, quando ela luta para defender o que pensa e o que é. Ela me reconheceu num sorriso e foi inevitável que no abraço a saudade já se desfez. Era tanto papo que tínhamos para colocar em dia, falamos tanto que agora, pareceu rápido até, mas na verdade parece que sempre vai ter um pouco para uma contar para a outra. O dia estava quente demais, já cara de verão. Depois do almoço, a Carol meio despreocupada deixou a bicicleta em frente a um lugar que parecia movimentado, caminhamos até a parada de ônibus, suando e necessitando de um gole d'água. Ofereci a minha garrafinha, mesmo com a água quente, mas era o que tinha, o ônibus parecia demorar, como sempre era um dilema espera-lo, mas até que veio rápido. Diferente de estar nele, indo para a Vila, percebi o quanto estava desabituada a rotina, o trajeto me pareceu demorado, descemos na Ipiranga, papeando sempre sobre a vida, tinha vontade de abraçar ela, por estar ali de volta comigo, seguindo o mesmo caminho. A subida da Vila, o horário diferente do que costumávamos estar lá, não mudou o ânimo para chegar, paramos no mercado principal, Carol não se importou em comprar uma água de 1,5 litros, uma garrafa pequena não era o suficiente e também nem nos importávamos se pareceríamos estranhas andando nas ruas da Vila Pinto tomando no bico daquela garrafa grande de água, tudo bem, tudo certo. Quando chegamos na escola, o portão dos fundos estava aberto, nosso atalho que dava direito aos encontros por quem nós esperávamos, as gurias que trabalham na escola. Chegamos na porta da salinha. **Carol:** *"Cheguei para o café da tarde"* **Vera:** *"Pensei que tinha trazido um bolo até pra nós."* **Carol:** *"Não...Eu trouxe a água."* **Vera:** *"Que vieram com a água? Que água?"* **Raysa:** *"Viu? Eu falei que ia trazer ela."* **Rose:** *"Conseguiu né? Tudo bom?"* Demos um beijo e um abraço. Quando eu visualizo a Neca ela está virada de costas como se estivesse "nem aí" para a Carol, mas de uma maneira tão engraçada e tão típica dela, como um deboche. **Raysa:** *"A cara da Neca!"* Eu só tenho vontade de rir, porque a cena é muito engraçada. **Carol:** *"Ai não calma, alguém filma a birra, alguém filma..."* Falo em tom de brincadeira, pegando o celular. **Raysa:** *"Peraí que eu vou filmar."* Carol para a Neca. **Carol:** *"Ai eu vou dar um abraçinho."* Caímos todos na gargalhada quando a **Neca** fala: *"Peraí que isso aqui é corpo de mulher."* **Carol:** *"Posso beijar a mãozinha."* **Neca:** *"Não, eu não sou santo! Que mulher bem sem vergonha."* **Neca** finge estar braba, mas no fundo parece estar feliz de nos ver ali, tenho certeza que ela queria muito rever a Carol também. **Neca:** *"Nega chama no face, quer dar uma de cheia, aí depois vem aqui se coçar."* Carol faz uma cara de espantada. **Carol:** *"Neca... eu tava com saudade..."*

Sentamos as três numa mesa redonda, eu poderia ficar a tarde inteira ouvindo ela falar. **Neca:** *"Vocês viram a foto da Sofia no face?"* **Raysa:** *"Eu vi, da formatura dela?"* **Carol:** *"A Sofia se formou?"* **Neca:** *"A sofia se formou"* **Carol:** *"Ai não vi."* **Neca:** *"Primeiro tá eu, a Sofia, a Juci, o irmão nas fotos...foi segunda-feira."* Ao fundo é possível

ouvir as crianças brincando no pátio da escola, misturada a nossas vozes. **Neca:** “Segunda eu faltei, eu não tava aqui, pedi licença para ir para AACD (Associação de Assistência à Criança Deficiente) ela se formou ali. É um ano de caminhada Sofia até sentando tá. A gente coloca ela na bacia ela já se segura, tu fala com ela e ela levanta a cabeça, ela te olha e ri. Ela desenvolveu um monte, um ano de luta, mas um ano de vitória.” **Raysa:** “Que bom né que a fisioterapia tá sendo bom para a Sofia.” Ela fala toda orgulhosa da neta que tem hidrocefalia e faz fisioterapia, ela era uma das crianças que atendíamos no PIM. **Neca:** “Muito bonita a formatura deles.” **Carol:** “Os olhinhos devem ter escorrido assim...” Neca olha para a Carol com o jeito forte dela. **Neca:** “Escorrido o quê?” **Carol:** “Lágrima de amor.” Opostos Neca durona e Carol sensível e eu observando aquela cena. **Neca:** “Pra quê?” **Carol:** “Ai! Eu esqueço que a Neca não entende a minha sensibilidade.” **Neca:** “Chorar em último caso Carol, nada a ver.” **Carol:** “Ah eu choro, choro a todo o momento mesmo!” **Neca:** “Eu choro por dentro do meu coração, ficar lá derramando lágrima pra quê? Se a lágrima levantasse um dinheirão, coisas boas...Tudo bem!” **Raysa:** “Se a gente chorasse dinheiro, aí sim né Neca.” **Carol:** “Quando a Neca nasceu, ela nasceu rindo assim, ela chegou rindo, debochando.” **Neca:** “Não, eu já chorei muito na vida gurias, mas a vida ensina a gente. Então o meu caminhão de lágrimas sessou, o tempo que eu vou chorar, eu vou à luta. Eu já chorei muito, já derramei muita lágrima e não vi resultado nenhum. Não adianta eu vir aqui, chorar pra ti, se quem tem que ter a solução sou eu, amiga, não é tu. Tu só vai me dar um apoio e vai me dizer 'ai coitadinha', eu não sou aleijada, se eu olhar para trás, têm pessoas aleijadas que fazem mais coisas que eu poderia fazer sem estar aleijada. A vida já me ensinou muito, então hoje em dia, lágrima para mim, só em último caso, que eu tiver no último do estresse, que eu ver que não tem solução. Aí, eu esperneio, grito, berro, trago coisa lá do fundo do baú que eu não uso mais e depois sugo uma lágrima aqui e deu, vou em frente de novo. Não vale a pena, se lágrima resolvesse a nossa vida, nós estávamos tão felizes, acho que eu chorava todo dia.” Compreendi o quanto a Neca aprendeu a ser forte na vida, dando muita lição para nós, entendi que ela desenvolveu esses saberes, através do que a vida mostrou para ela e o meu privilégio naquele momento era ouvi-la, estar ali, presente. **Carol:** “Mas também existem choros de alegria, eu choro de alegria.” **Neca:** “Olha nem de alegria eu tenho choro. A minha alegria é debochar, rir, é assim...Quando eu bebo, quando eu tô numa festa, que daí eu debocho de tudo, daí eu vou lá boto aquele cabelão e jogo para um lado, para o outro, aí sim eu me sinto realizada.” Ela demonstra com muita precisão no que fala, com prazer, disso, de desfrutar dessas coisas que são o que trazem alegria a ela. É tão incrível ouvi-la e compreender o que faz sentido na vida dela, que são justamente coisas simples, prazeres simples, que ela dá a si o presente de ser o que é. **Neca:** “A vida ensina a gente. Todos nós temos uma força escondida na gente. A partir do momento que tu te olha no espelho e diz eu me amo, eu gosto de mim, eu gosto do fulano eu gosto da ciclana, tu é feliz. A lei é essa.” **Raysa:** “Nossa, Neca, estar aqui ouvindo é aprender.” Ela pede desculpa pela forma como fala, mas ela também está aberta a ouvir e assim é a nossa troca, assim, como naquele dia, depois de voltar, é que nossos encontros aconteceram. Ao mesmo tempo que a sua força na maneira de se expressar não fica escondida, aparece a todo momento ela consegue enxergar situações e nos ver como somos sem precisar dizer, eu sempre posso aprender mais de mim através do olhar dela. **Neca:** “Se vocês não se amarem ninguém vai amar vocês, não é pela beleza, tu também tem que ter valor e força de vontade. Eu conto comigo mesma, não conto nem com meus filhos, só digo para eles que vou fazer tal coisa, penso em tal meta e faço, eu não dependo deles. Claro, só a gente se comunica, mas se eu ver que o meu astral tá baixo, porque eu também tenho altos e baixos, eu mudo o cabelo, eu uso jeitos de viver, pra mim é só isso, mas...eu me amo. Se tu perguntar pra mim sobre tudo isso, eu me olho no espelho e digo: eu me amo!” O sinal bate é a hora que ela precisa ir, o tempo nesse momento ficou curto para nosso papo. **Neca:** “Bom

gurias, agora vou trabalhar porque eu preciso cuidar do recreio.” Somos interrompidas por um menino que também trabalha na escola **Menino:** “*Neca!!*” **Neca:** “*O que que é guri? Agora eu tô conversando, primeiro as mulheres*” Eu e a Carol seguramos o riso do jeito da Neca de ser mandona. **Menino:** “*Gurias, desculpa...*” **Neca:** “*Cala a boca.*” **Menino:** “*Vou ficar quieto porque tu tem visita tá?*” **Neca:** “*E aí? Grande coisa...vai lá, o que que houve? Tá com algum problema?*” Ele não fala nada. **Neca:** “*Beijinho no ombro, até segunda!*”.

Sáímos da escola pelo portão principal, eu só tinha na cabeça o quanto estar ali é um presente, poder conhecer cada uma delas, foi essencial para o que eu sou hoje, para uma transformação como mulher e educadora. Ali depusitei inquietações e alegrias, aprendi mais sobre o lugar da escuta, pude sair da comodidade e estar aberta aos encontros, talvez eu encontre outros lugares como a Vila Pinto e tenho certeza que estarei disposta a conhecê-los, porém, a vila me trouxe as possibilidades de ver e ouvir mais as pessoas que cruzam o meu caminho por essa vida. Sinto ainda estar imersa naquele cotidiano, carregado de encontros que me dão força e esperança em acreditar no outro, acreditar na vontade de ser o que se é. Aprendi mais sobre quem sou no olhar delas. Espero que para além de mim, outros possam ver e refletir o que eu vivenciei naquele lugar através dessas vozes. E ao voltar, desejo que as boas memórias e novos vínculos me encontrem, andando por aquelas ruas, que um dia cheguei sendo uma desconhecida e hoje posso me sentir feliz em simplesmente estar lá.

Sobre esse processo de escrita, que apesar de encerrar aqui como algo material e palpável, ele segue trazendo para mim muitas outras histórias que gostaria que também pudessem estar aqui. Ele segue se transformando, assim como o meu eu nesse processo que seguirá pulsando outras ideias, pensamentos e reflexões.

DESPALAVRA

*Hoje eu atingi o reino das imagens, o reino da
despalavra.*

*Daqui vem que todas as coisas podem ter qualidades
humanas.*

*Daqui vem que todas as coisas podem ter qualidades
de pássaros.*

*Daqui vem que todas as pedras podem ter qualidades
de sapo.*

*Daqui vem que todos os poetas podem ter qualidades
de árvore.*

Daqui vem que os poetas podem arborizar os pássaros.

*Daqui vem que todos os poetas podem humanizar
as águas.*

*Daqui vem que os poetas devem aumentar o mundo
com as suas metáforas.*

*Que os poetas podem ser pré-coisas, pré-vermes,
podem ser pré-musgos.*

*Daqui vem que os poetas podem compreender
o mundo sem conceitos.*

*Que os poetas podem refazer o mundo por imagens,
por eflúvios, por afeto.*

Manoel de Barros

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Manoel de. **Meu quintal é maior que o mundo**. [recurso eletrônico]. 1ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

BOAL, Augusto. **O arco-íris do desejo: método Boal de teatro e terapia**. Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1990.

BOAL, Augusto. **Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas**. 10ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

DAVIS, Angela. **Mulheres cultura e política**. Tradução Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2017.

DAVIS, Angela. **Mulheres raça e classe**. Tradução: Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

GALEANO, Eduardo. **Bocas do Tempo**. Tradução: Eric Napomuceno. Porto Alegre, RS: L&PM, 2011.

GALEANO, Eduardo. **Mujeres**. Madri. Alianza Editorial, 1995.

ROCHA, Lilian Marques da – **Sopapo Poético: Pretessência**. Porto Alegre: Libretos, 2016.

ROSA, André: **Corpxs sem prega entre performance, pedagogia e dissidências sexuais anticoloniais**. (Tese Doutorado) Universidade de Coimbra. Coimbra, 2017.